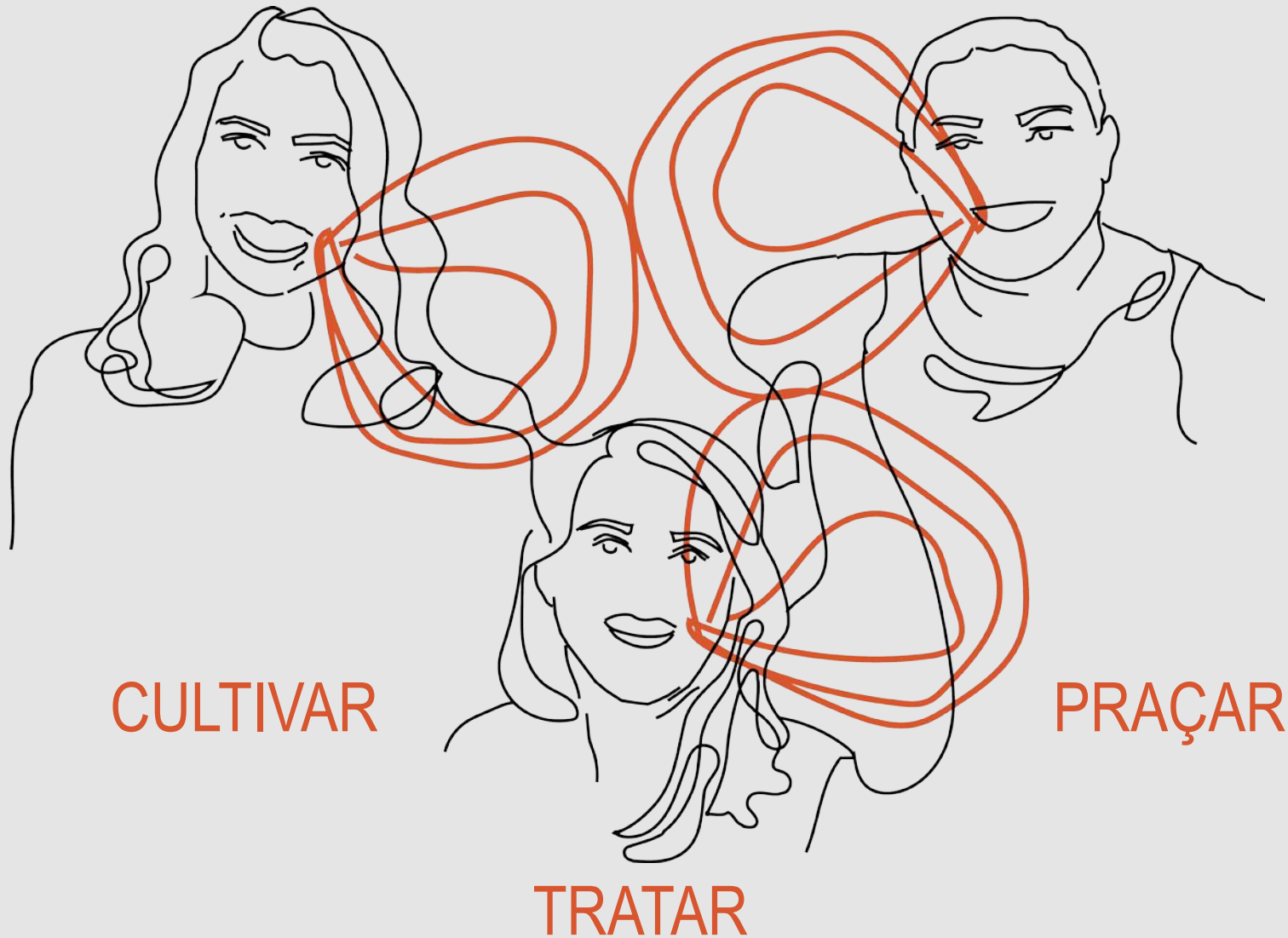


SER MULHER NA ROCINHA



“A Rocinha é uma comunidade com um coração enorme, acolhe todo mundo, é a melhor da Zona ul do Rio de Janeiro; costume dizer que a Rocinha é uma cidade dentro de outra.”

(Honorata, Francisca. 2003, pág.100)
Poeta e moradora da Rocinha



Imagem 01. Vista para Rocinha da casa de uma das moradoras da Rua 1. Fonte: Acervo pessoal, setembro de 2019.

SUMÁRIO

01

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO
HISTÓRICO GERAL
METODOLOGIA
LOCALIZAÇÃO
APRESENTAÇÃO E PROBLEMATIZAÇÃO DA RUA 1

02

CONCEITUAÇÃO

PESQUISA TEÓRICA

03

PERCEPÇÃO

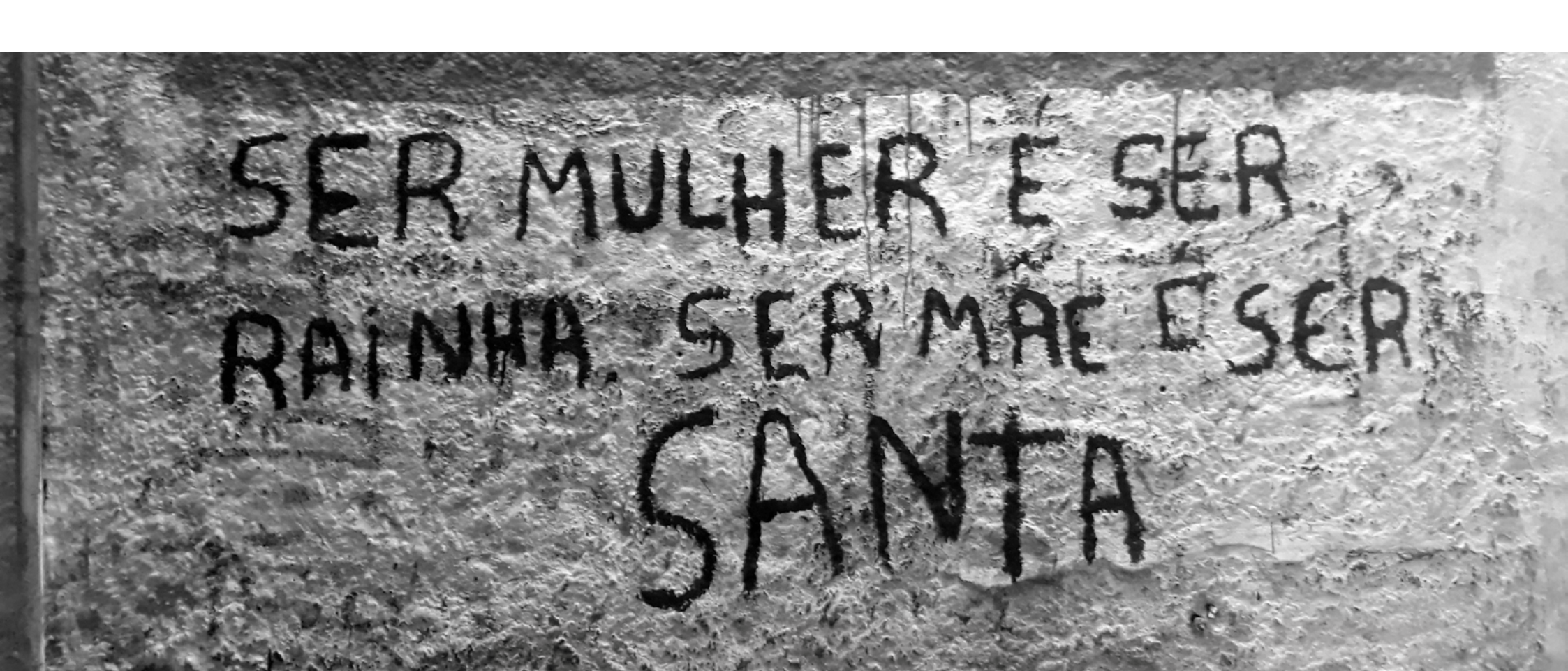
CATEGORIAS DE ANÁLISE
ESTRATÉGIA URBANA
ESTRATÉGIA NARRATIVA
INTERVENÇÕES FAVELADAS

04

PROPOSTAS

PARQUE DE COMPOSTAGEM
BOLSA BALDINHO
KIT HORTA
PONTOS DE COLETA
HORTA NO CAIXOTE
PRAÇA DE RECOLHIMENTO
LAJE NA HORTA

BIBLIOGRAFIA



SER MULHER É SER
RAINHA. SER MÃE É SER
SANTA

Imagem 02. Frase escrita em parede.

Fonte: Acervo pessoal, setembro de 2019.

01

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

Esse trabalho final de graduação tem como tema ser um estudo sobre a importância do **cuidado** e do **afeto** para as moradoras da Favela da Rocinha, tendo uma das principais ruas da comunidade, a Rua 1, como referência para a discussão. O objetivo geral é entender o papel dessas mulheres na sociedade, investigar e analisar suas rotinas e percursos para então experimentar soluções urbanas e arquitetônicas que supram suas necessidades.

A proposta deste estudo é contribuir na investigação teórica, projetual e participativa no tema de **urbanização de favelas**, viabilizando a mulher como agente dessa construção, assim como a garantia do seu direito à cidade. O trabalho compreende e admira os moradores da Rocinha independentemente de gênero e não deseja diminuir a ajuda na construção do território feita pelos homens. Apenas compreende que as mulheres continuam à margem da cidade, são excluídas do seu planejamento, e perdem a vida devido a essa invisibilização. A sua sobrevivência na cidade deve ser considerada uma ferramenta de análise da qualidade do espaço, e entende-se que o olhar da mulher precisa ultrapassar algumas fronteiras com o objetivo de produzir conhecimento coletivo e tornar visível as necessidades e problemáticas da cidade. (ZIGONI, 2019, p 08)

Compreender o **feminismo** como interseccional é fundamental para o desenvolvimento desse estudo, pois permite que o espectro do observador seja ampliado e ainda mais profundo, sendo possível, assim, viabilizar todos os tipos de luta das mulheres. (RIBEIRO, 2019, p 42)

O interesse de desenvolver o assunto é pautado na minha própria experiência no cotidiano da comunidade enquanto moradora e também enquanto estudante de arquitetura e urbanismo. Uma vez que tive a oportunidade de pesquisar e estagiar durante boa parte da graduação no escritório popular de arquitetura Inova Urbis, que prestava assistência técnica de forma gratuita para os moradores da Rocinha e de favelas ao redor. Por causa do escritório pude conhecer muitas mulheres fortes que foram indispensáveis na construção do território da Rocinha e ajudá-las a melhorar sua qualidade de vida através do projeto arquitetônico e de melhorias habitacionais para suas moradias. Com esse trabalho, espero ajudá-las também a melhorar suas qualidades de vidas de forma coletiva e participativa.

HISTÓRICO GERAL

Os anos 1990 marcaram a mudança de postura do poder público, reconhecendo a favela como parte irreversivelmente integrante da paisagem urbana e iniciando uma política de urbanização dos espaços favelados. (Estatuto da Cidade, 2001) E em 1993 a Rocinha foi considerada além de favela um bairro oficial da cidade.

Compreende-se a importância de programas governamentais como o Favela-Bairro, o Morar-Carioca e o PAC (Programa de Aceleração do Crescimento), último programa implementado na Rocinha, iniciado em 2008. Porém as ações realizadas em nome do programa foram pontuais e não incorporaram as metodologias de inclusão e participação social da forma que haviam sido planejados. Além de não seguir as diretrizes propostas no Plano Diretor da Rocinha, planejado pelo arquiteto Luiz Carlos Toledo, tampouco as prioridades pautadas pela população. Executando apenas obras de grande visibilidade externa. Esse trabalho visa a crítica a esse modelo de projeto em favelas, pois entende que a opinião e participação dos moradores, principalmente das mulheres, é essencial na concepção dos projetos.

METODOLOGIA

“A metodologia, quando se impõe como palavra de ordem, define-se por regras previamente estabelecidas. Daí o sentido tradicional da palavra: metá-hódos. Com essa direção, a pesquisa é definida como um caminho (hódos) predeterminado pelas metas dadas de partida. Por sua vez, a cartografia propõe uma reversão metodológica: transformar o metá-hódos em hódos-metá.”

(Pistas do método da cartografia: Pesquisa e produção da subjetividade, 2015. Pág. 08)

Em um processo de busca pela compreensão da Rua 1 enquanto lugar, essa pesquisa usa a cartografia. Ou seja, segue por uma direção onde as metas não estão predeterminadas e foram estabelecidas durante o caminho, apostando na experiência e na participação das mulheres moradoras e pertencentes à rua.

A cartografia se encontra também nas estratégias gráficas desse trabalho, com a reprodução e a criação de mapas, e imagens. A referência é o “Atlas Ambulante”, livro que reúne histórias de seis ambulantes artesãos de Belo Horizonte, MG. E além de relatar suas histórias através de mapas, registra a reprodução de imagens capturadas por eles no seu cotidiano, e faz um inventário dos seus instrumentos de trabalho.

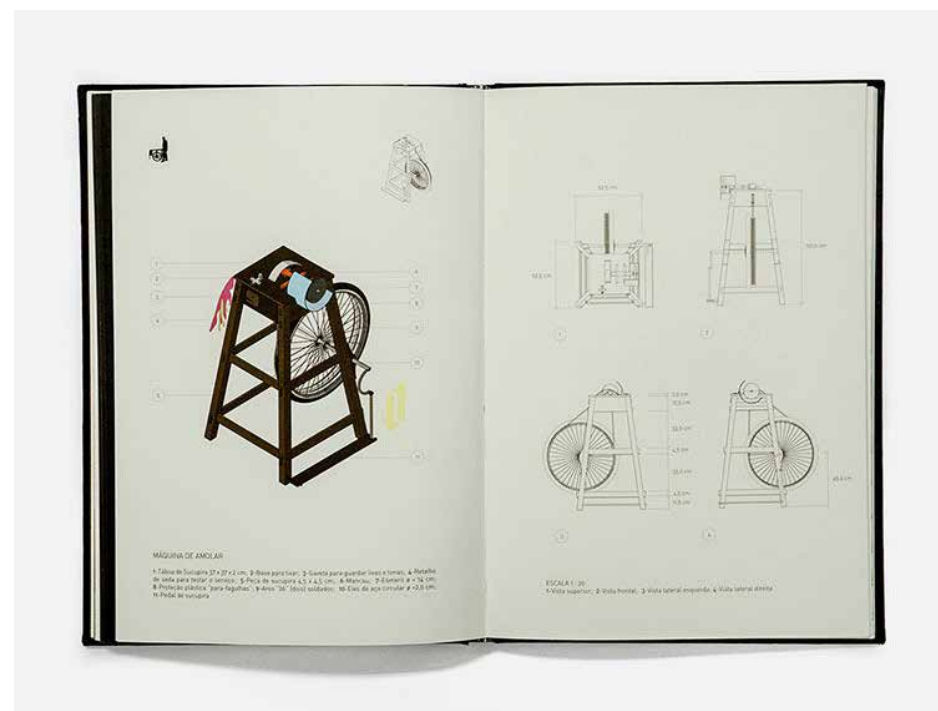










Imagem 03. Imagem do Atlas com desenhos de uma maquina de amolar
Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/879942/atlas-ambulante> Acesso em: 10/01/2021

LOCALIZAÇÃO - ROCINHA



Imagem 04. Vista aérea Zona Sul do Rio de Janeiro.
Fonte: Google Earth, 2019.

LOCALIZAÇÃO - RUA 1

-  ROCINHA
-  RUA 1 SUBBAIRRO
-  METRÔ
-  ENTRADA DA RUA 1
-  RUA 1
-  ESTRADA DA GÁVEA
-  DEMAIS RUAS
-  ESTRADA LAGOA-BARRA

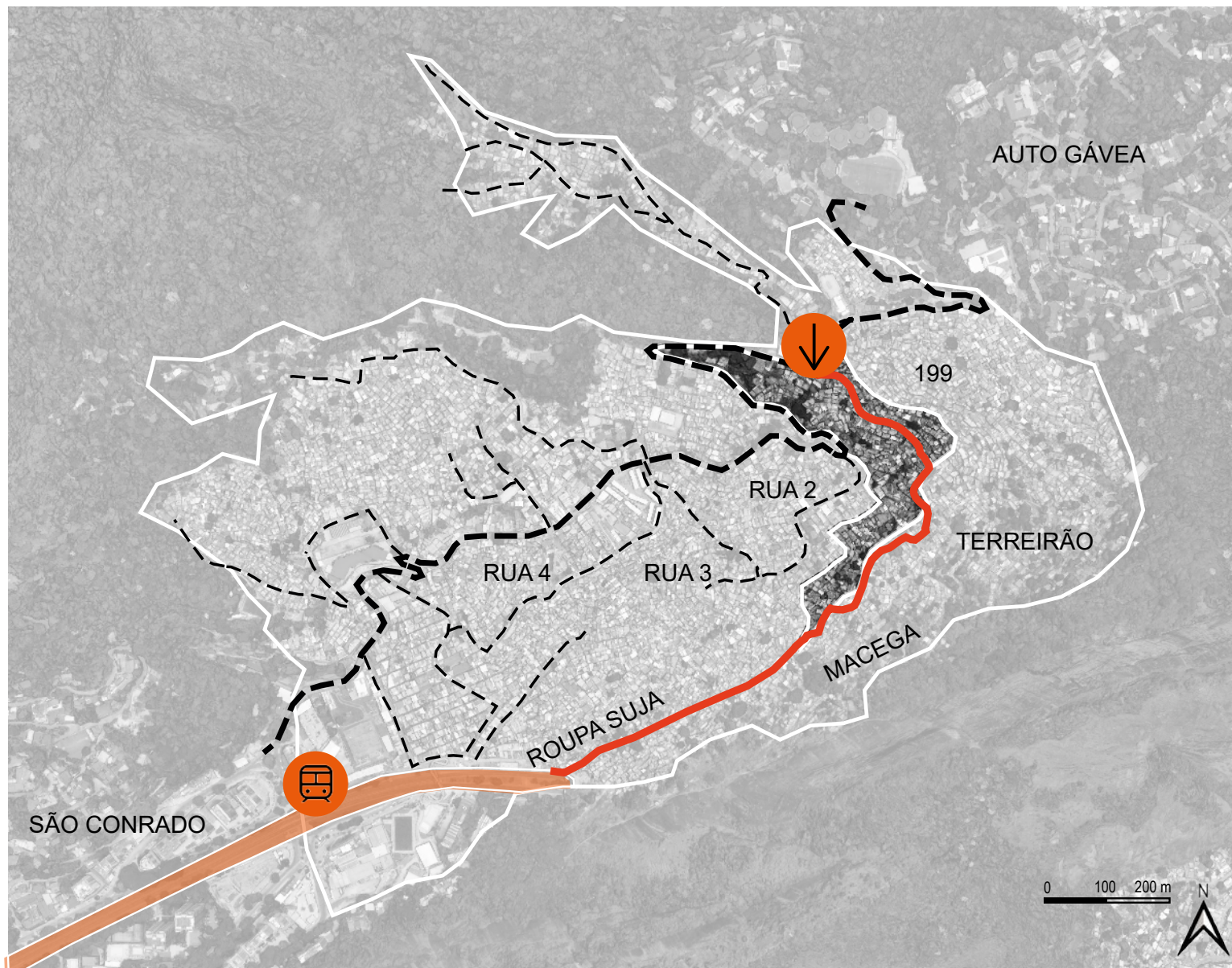


Imagem 05. vista aérea da Rocinha.
Fonte: Google Earth, 2019.

RUA 1

APRESENTAÇÃO E PROBLEMATIZAÇÃO DO SUB-BAIRRO ESCOLHIDO

O bairro da Rocinha, segundo o censo de 2010, possuía cerca de 70 mil habitantes e 24 mil domicílios, divergindo dos dados da Light e da associação de moradores que dizem que a Rocinha possuía na época mais de 200 mil habitantes.

Dividida por sub-bairros e ruas principais a comunidade enfrenta graves problemas de saneamento, além de desmoronamento de terra e de mobilidade. Um sub-bairro e rua conhecido por enfrentar todos esses problemas, além a alta taxa de densidade é a Rua 1, que se encontra na parte alta da Favela.

A Rua 1 é conhecida como rua e também como sub-bairro, como mostra o mapa de localização da Rua (Página 08). Enquanto Rua ela foi projetada na planta de loteamento realizado pela companhia Castro Guidão, na década de 1920 e com o avanço das moradias em suas margens, acabou se tornando um beco estreito. Ao longo do seu caminho ela passa por outros sub-bairros chegando na parte baixa da Rocinha, próxima ao túnel Zuzu Angel, nomeado Roupa Suja. Tanto a Rua quanto o sub-bairro dão acesso a outras áreas da comunidade, como o Terreirão e a Macega, ambas localizadas em áreas de risco e dentro do ecolimite. Uma vez que esse trabalho aborda a Rua 1 como rua e também como sub-bairro, aparecerão também as áreas do seu entorno.

A área foi escolhida para ser analisada por ser uma localidade com o histórico de luta e resistência muito forte. Por ser uma região de difícil acesso, as famílias que ali habitam passam diariamente por problemas de saneamento e mobilidade. E também por ser uma área com número enorme de **mulheres fortes** que ajudaram na construção do território da Rocinha, como a “Dona Eliza, que chegou na Rocinha em 1966. Incomodada em ver as crianças fora da escola, improvisou uma sala de aula com material recolhido em obras e carteiras escolares que coletava nos lixos de outras escolas.” (A participação das mulheres na construção do território, 2018. Pág. 76).

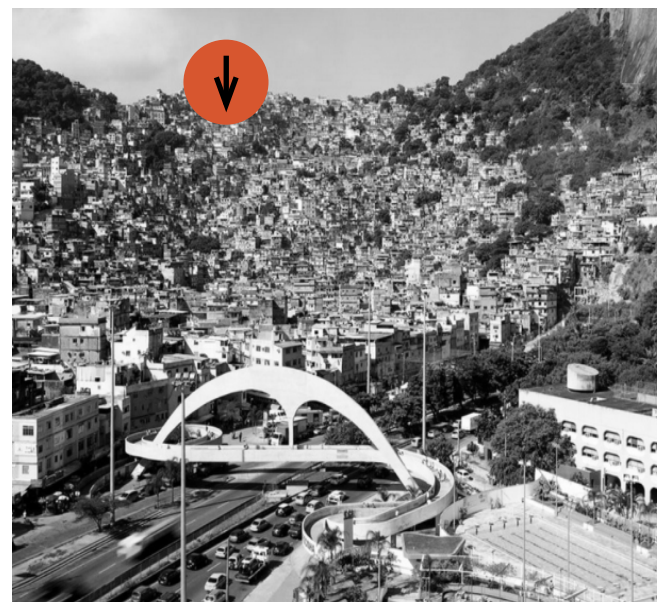


Imagem 06. Passarela da Rocinha.
Fonte: Rio on Watch, 2015.

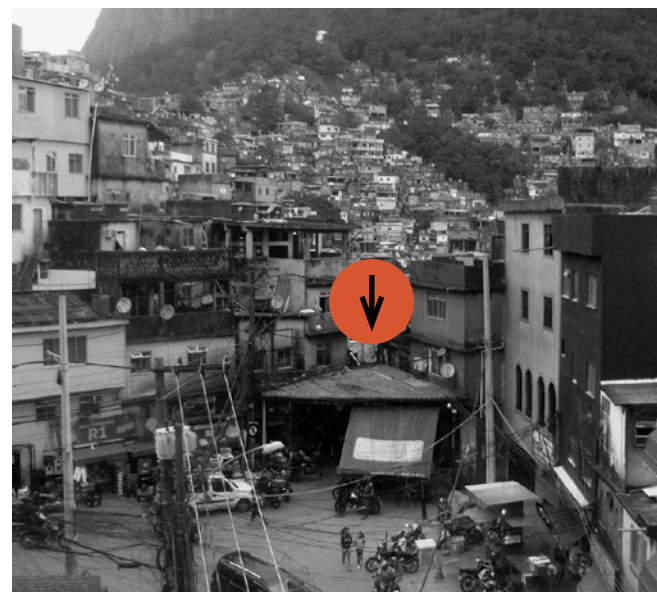


Imagem 07. Entrada da Rua 1 pela Estrada da Gávea.
Fonte: Acervo pessoal, outubro de 2019.

02 CONCEITUAÇÃO

PESQUISA TEÓRICA

INÊS GOUVEIA

O livro intitulado “A participação das Mulheres na Construção do território da Rocinha e Horto” produzido pela Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro em 2018 e escrito por Inês Gouveia e grande equipe, “é o resultado de entrevistas de mais de 50 mulheres, cujas atuações e histórias de lutas auxiliaram no processo de construção do território das comunidades da Rocinha e do Horto” (A participação das mulheres na construção do território, 2018. Pág. 08).

As experiências retratadas serviram de base para entender a relevância do tema deste trabalho final de graduação de reconhecer a importância da figura feminina, as suas histórias, origens, batalhas enfrentadas que juntas representam a resistência da comunidade. Além de servir de base para a elaboração das entrevistas feitas nesse trabalho e de poder orientar em termos de contexto histórico e também da importância da interdisciplinaridade, uma vez que o livro é fruto de uma pesquisa da rede de museologia, com assistentes sociais, principalmente, e pessoas vinculadas às áreas de educação.

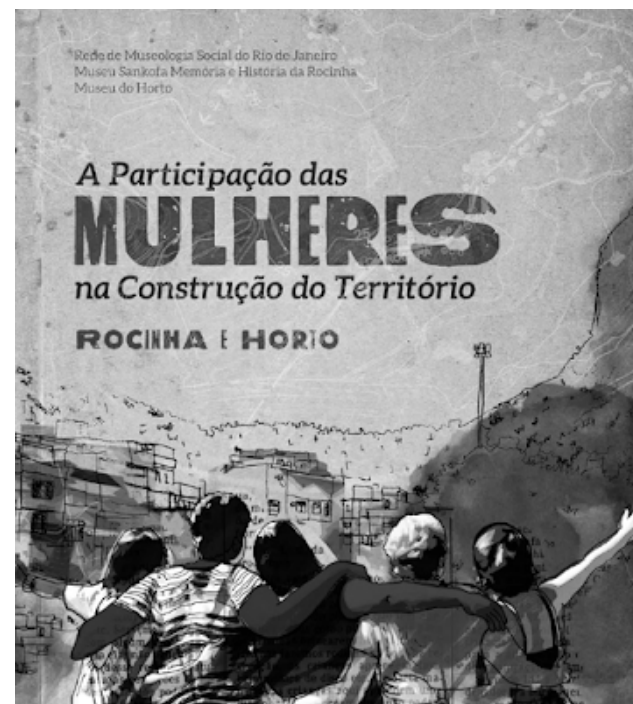


Imagem 08. Capa do livro “A Participação das mulheres na construção do território - Rocinha e Horto”. Disponível em: <<http://bit.ly/2WCrsGU>>. Acesso em: 10/09/2019

AMANDA PINHEIRO

A matéria do Jornal O Globo, “Como ser mulher na Rocinha” (2019), da Amanda Pinheiro mulher negra, moradora da Rocinha e jornalista, mostra através de um documentário as experiências de quatro mulheres moradoras da maior favela da América Latina.

No vídeo as mulheres debatem sobre suas origens e dificuldades em se colocar no espaço por causa de toda a violência contra mulher sofrida na comunidade, machismo vindo dos policiais da UPP e dos preconceitos em especial com as mulheres negras faveladas. A reportagem mostra também suas conquistas e orgulhos, por exemplo o Jornal Fala Roça, que foi criado pela entrevistada Michele Silva com o objetivo de humanizar o morador e expor uma Rocinha que a grande mídia não mostra, uma Rocinha de maioria nordestina, trabalhadora, honesta, sem envolvimento com o tráfico.



Imagem 09. Capa da matéria. Disponível em: <<https://glo.bo/2CJhwT4>>. Acesso em: 10/09/2019

Esse trabalho é uma grande referência, pois além de ter o peso de ter sido publicado por um jornal importante para a cidade, foi elaborado por uma pessoa com propriedade para debater o tema proposto. E os assuntos tratados serviram de base para compreender as dificuldades quando pensamos por gênero e cor, além de mostrar (assim como o Fala Roça) um outro lado da comunidade, o lado de quem vive e deseja ser tratado com dignidade.

CÂNDIDA ZIGONI MULHERES E SUAS GUERRILHAS URBANAS

Formada pela FAU-UFRJ, Cândida Zigoni, sob a orientação da professora Adriana Sansão, desenvolveu um caminho metodológico para análise urbana e ações projetuais segundo a perspectiva de gênero.

A primeira ação intitulada “1o Dia da Guerrilheira Urbana: mulher construindo cidade” aconteceu no dia 31 de agosto de 2019 no centro do Rio de Janeiro. A guerrilha foi uma ação minimamente dirigida, onde cada mulher recebeu um dispositivo dotado de ferramentas em potencial para intervenções na cidade, uma bolsa; instrumento esse tão comum ao corpo da mulher. Alguns exemplos de como usar o material foram dados antes do trajeto da ação ser iniciado, mas as apropriações e a criatividade no uso das ferramentas foram livres.”¹



Imagem 10. A bolsa como um dispositivo dotado de potenciais ferramentas para intervenções na cidade. Fonte: Cândida Zigoni, TFGI-FAU UFRJ.

CÂNDIDA ZIGONI

MULHERES E SUAS GUERRILHAS URBANAS

A ação, que teve a oportunidade de participar, teve como proposta subverter a lógica hegemônica e naturalizada de viver a cidade e revelar o lugar de guerrilheira urbana a todas as mulheres que resistem em um espaço que não lhes é dado.

A ideia utilizada no trabalho da Cândida de reapropriar o espaço urbano com intervenções temporárias produzidas pelas mulheres usuárias do local, ajuda a gerar projetos que a partir de mudanças rápidas, reversíveis e de baixo custo podem modificar e criar espaços públicos de qualidade.

Aproveitando o dispositivo recebido e as críticas levantadas na ação, busquei utilizar a mesma proposta em pesquisa de campo na Rua 1 - Rocinha. Para investigar, percorri o trajeto da Rua 1 (enquanto rua) com uma das mulheres entrevistadas, em um dia ensolarado. Pelo caminho identificamos ambientes escuros, desertos e apertados, e sentimos a necessidade de fazer uso de ferramentas, como a lanterna e adesivos com frases empoderadas, intervindo no espaço como material de denúncia, levantando temas de segurança e mobilidade para discutir em entrevistas com outras moradoras do local.



Imagem 11. Adesivo com a pergunta “Como é ser mulher na Rocinha?” colado em um poste de luz na Rua 1. Fonte: Acervo pessoal, setembro de 2019.



Imagem 12. Uso da lanterna em beco estreito sem iluminação natural na Rua 1. Fonte: Acervo pessoal, setembro de 2019.

1. LabIT, 1º dia da guerrilheira urbana. Disponível em: <http://bit.ly/2WXf5FL>. Acesso em: 08/11/2019

03 PERCEPÇÃO



Imagem 13. Postes de madeira na Rua 1.
Fonte: Acervo pessoal, novembro de 2019.

QUEM SÃO ESSAS MULHERES*

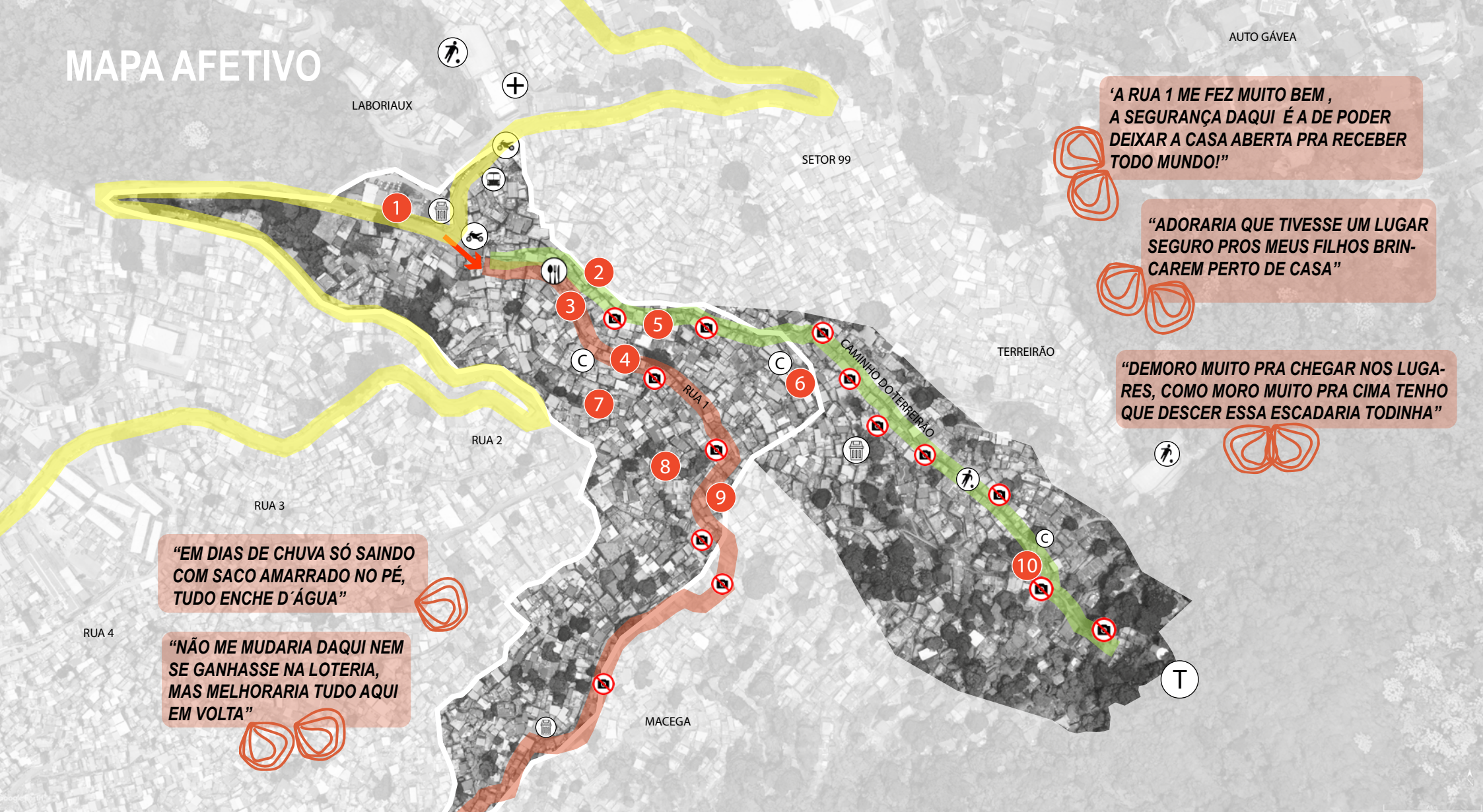
Pude conversar com onze mulheres ao longo do período do TFG1, em 2019.2. Algumas delas já conhecia e já tinha visitado a casa, porque elas foram clientes do escritório Inova Urbis (que fazia projetos de assistência técnica na comunidade) onde estagiei entre 2016 e 2018. Outras conheci através delas e também de amigas que tinham familiares moradoras da Rua 1, e sabendo do tema se interessaram em participar.



* Para a segurança das mulheres, os nomes que aparecem nesse trabalho são fictícios.
Ser Mulher na Rocinha 15

MAPA AFETIVO

AUTO GÁVEA



**‘A RUA 1 ME FEZ MUITO BEM ,
A SEGURANÇA DAQUI É A DE PODER
DEIXAR A CASA ABERTA PRA RECEBER
TODO MUNDO!’**

**“ADORARIA QUE TIVESSE UM LUGAR
SEGURO PROS MEUS FILHOS BRIN-
CAREM PERTO DE CASA”**

**“DEMORO MUITO PRA CHEGAR NOS LUGA-
RES, COMO MORO MUITO PRA CIMA TENHO
QUE DESCER ESSA ESCADARIA TODINHA”**

**“EM DIAS DE CHUVA SÓ SAINDO
COM SACO AMARRADO NO PÉ,
TUDO ENCHE D’ÁGUA”**

**“NÃO ME MUDARIA DAQUI NEM
SE GANHASSE NA LOTERIA,
MAS MELHORARIA TUDO AQUI
EM VOLTA”**

- 1 VANESSA
- 2 MARIA
- 3 NEUZA
- 4 NETE
- 5 CRISTINA
- 6 FRANCISCA
- 7 ROSA
- 8 FÁTIMA
- 9 MARCELA
- 10 EDILEUSA

- RUA 1
- CAMINHO DO TERREIRÃO
- ESTRADA DA GÁVEA

- ← ACESSO PRINCIPAL
- AMBIENTE EM QUE A UTILIZAÇÃO DA FOTOGRAFIA É CONSIDERADA RUIM

- ESPORTES - LOCAIS UTILIZADOS PELAS MORADORAS P/ ATIVIDADES ESPORTIVAS
- RESERVATÓRIO D'ÁGUA
- DESCARTE DE LIXO
- SERVIÇOS - ONDE ESTÃO LOCALIZADOS OS COMÉRCIOS
- PONTO DE ÔNIBUS
- MOTO-TÁXI
- POSTO DE SAÚDE
- CRECHE

Fonte: Google Earth, 2019. Editado pela autora.



MAPA AFETIVO

O conceito de deriva cartográfica, da “TransLAB.URB”, no projeto “Derivas e cartografias afetivas” foi utilizado como uma referência de procedimento psicogeográfico para estudar as ações do ambiente urbano nas condições psíquicas e emocionais das mulheres. Resultando no mapa afetivo, e teve como objetivo alertar essas mulheres sobre o seu direito à narrativa, de empoderar-se dos seus caminhos e de assumirem um papel de agentes na construção da Rua.

Construindo o mapa ficou claro que Rua 1 para elas é tudo que está marcado, não sendo apenas só o subbairro ou só o beco que leva o mesmo nome. Apareceram também muitos problemas, como a falta de segurança (marcados como lugares onde não é possível fotografar) e também muitas práticas de cuidado coletivo, que serão faladas mais para frente.

CATEGORIAS DE ANÁLISE

Reconhecendo as diferentes rotinas e percepções de cada mulher foi criada uma metodologia de análise para guiar as entrevistas e deixar as mulheres mais livres para contar suas histórias.

O objetivo das conversas foi debater de forma horizontal questões de mobilidade, habitação, política e segurança, em busca de entender quais são as dificuldades enfrentadas por cada mulher, quais são suas necessidades e também suas satisfações.

As categorias são:

1 PERTENCIMENTO

Analisar os usos da cidade e as formas de interação de cada entrevistada.

- Perguntando o que elas acham de morar na Rocinha e na Rua 1
- Do que elas sentem falta de ter ali, do que gostam
- Se elas se mudariam para outro lugar
- O que elas desejam sentir como mulher na cidade e na Rocinha (acolhimento, respeito, segurança, liberdade)

2 PERMEABILIDADE

Analisar a trajetória de cada mulher, suas limitações, dificuldades e inseguranças.

- Onde elas costumam ir para fazer compras, se divertir
- Se se sentem inseguras, de alguma forma, nos caminhos que percorrem na comunidade
- Qual o principal meio de transporte
- Quanto tempo levam para chegar nos lugares

3 SUPORTE

Analisar a infraestrutura e os equipamentos públicos e privados.

- Quais são as dificuldades de deslocamento
- Se elas sentem que vivem em área de risco, por causa de chuvas e desmoronamentos
- Se elas conhecem os projetos governamentais

CATEGORIAS DE ANÁLISE - RESULTADO



As categorias utilizadas são conhecidas pelo urbanismo e arquitetura tradicionais, com elas tentei conduzir uma conversa na maneira que conheci na Academia, por um caminho onde as respostas são convencionais. Entendo após os relatos, que represento um elo entre o que aprendi durante o curso de arquitetura, o que aprendi como moradora e o que aprendi com elas.

O que aprendi com elas não foi pouco, recebi desde dicas de como investir em um imóvel, até de como valorizar o lugar onde moro. E suas respostas às minhas perguntas não eram nada tradicionais, nossas conversas duraram horas e o que mais se mostrou presente foi a valorização das práticas de **cuidado coletivo**.

As categorias de análise que de certa forma funcionam de forma linear, onde as experiências não precisam ter ligação, deram lugar a um outro jeito de olhar a cidade, uma maneira cíclica, onde as respostas se conectam independente das perguntas. Por fim, todas as conversas seguiram por um caminho afetivo onde palavras como cooperação, poesia e afeto potencializaram as falas das moradoras e por isso essas palavras serão aplicadas também como diretrizes projetuais.



Através dessas diretrizes, espera-se:

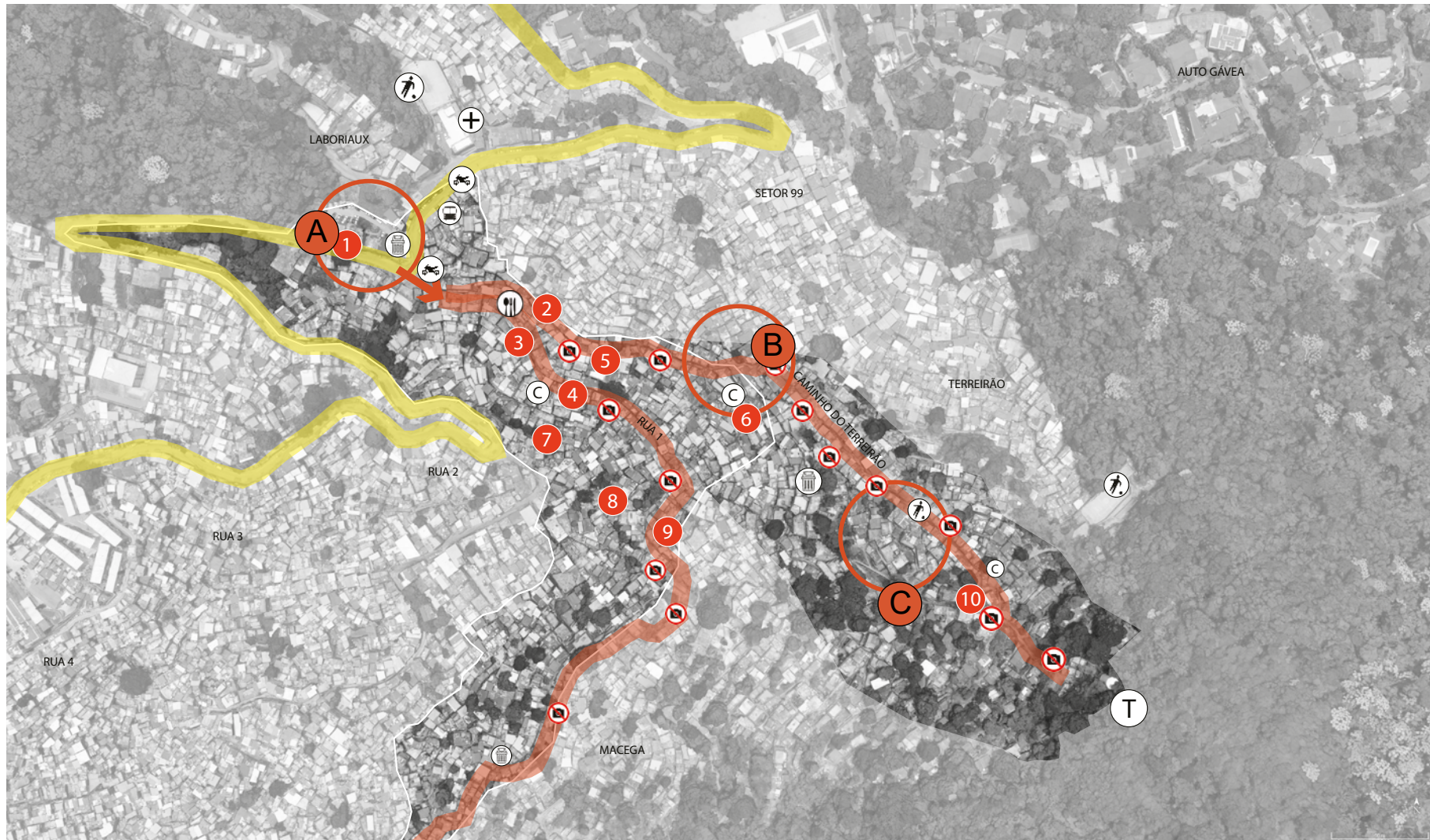
- Discutir a importância do cuidado coletivo na vida das mulheres faveladas da Rocinha
- Produzir conhecimento conjunto
- Tornar visível as necessidades e problemáticas colocadas por elas.

A partir disso estratégias de projeto foram criadas. A primeira foi conseguir mapear espaços físicos dentro do território da rua 1 que tivessem potencial para dar voz a esse ciclo. Três espaços foram localizados utilizando a ajuda do mapa afetivo.

ESTRATÉGIA URBANÍSTICA

A PARTIR DAS DIRETRIZES

Mapear os espaços em potencial existentes no recorte da Rua 1



Fonte: Google Earth, 2019. Editado pela autora.



- 1 VANESSA
- 2 MARIA
- 3 NEUZA
- 4 NETE
- 5 CRISTINA

- 6 FRANCISCA
- 7 ROSA
- 8 FÁTIMA
- 9 MARCELA
- 10 EDILEUSA

○ ESPAÇOS EM POTENCIAL

— RUA 1
— ESTRADA DA GÁVEA

← ACESSO PRINCIPAL

📷 AMBIENTE EM QUE A UTILIZAÇÃO DA FOTOGRAFIA É CONSIDERADA RUIM

🏃 ESPORTES - LOCAIS UTILIZADOS PELAS MORADORAS P/ ATIVIDADES ESPORTIVAS
T RESERVATÓRIO D'ÁGUA

🗑️ DESCARTE DE LIXO

🏠 SERVIÇOS - ONDE ESTÃO LOCALIZADOS OS COMÉRCIOS
🚌 PONTO DE ÔNIBUS

🚲 MOTO-TÁXI

🏥 POSTO DE SAÚDE
C CRECHE

ESPAÇOS EM POTENCIAL

A

Lixeira da Rua 1

Se encontra na beira da Estrada da Gávea, bem na entrada da Rua 1, um espaço controlado pelos catadores de recicláveis e pela Comlurb. Ela é demarcada pelo alto fluxo de pessoas, resíduos, cheiros, insetos e outros animais, que movimentam toda essa região 24 horas por dia. É a lixeira principal do sub-bairro Rua 1 e tem conexão direta com o bem-estar das moradoras. Além de estar do lado de um estacionamento aberto, uma das poucas áreas livres da Favela.



1



Imagem 14. Lixeira Comlurb - Rua 1.

Fonte: Acervo pessoal, novembro de 2019.

B

Clareira em frente a Creche da Dona Eliza

Um lugar onde as pessoas costumam sentar para retomar o fôlego da subida, ou esperar as crianças que estão na creche, usar como ponto de encontro, apoiar materiais de construção para obras próximas, e até mesmo para fazer festas.



1



Imagem 15. Entrada da Creche da Dona Eliza.
Fonte: Acervo pessoal, novembro de 2019.

2



Imagem 16. Entrada da Creche da Dona Eliza.
Fonte: Acervo pessoal, novembro de 2019.

C

Espaço aberto no alto da Rua 1

Apesar de se encontrar no setor mais residencial, essa área é utilizada como caminho por diversos moradores, por ser um local melhor pavimentado e mais aberto. As moradoras reconhecem essa região como um lugar mais calmo e arborizado e dizem que seria perfeito se as crianças tivessem equipamentos para brincar por ali. A vontade delas de se apropriar do espaço mostra que ele tem qualidades e merece ser aproveitado.



1



Imagem 17. Rua de acesso ao caminho do terreirão.
Fonte: Acervo pessoal, novembro de 2019.

2



Imagem 18. Rua de acesso ao caminho do terreirão.
Fonte: Acervo pessoal, novembro de 2019.

ESTRATÉGIA NARRATIVA

A segunda estratégia de projeto é reunir e documentar os temas levantados por mim e por elas durante as conversas, envolvidos pelo afeto, cooperação e pela poesia, que mostraram a forma cíclica de olhar a cidade.

FAVELA PRODUZ CIDADE

THIAGO MATIOLLI DO INSTITUTO RAÍZES EM MOVIMENTO, COMPLEXO DO ALEMÃO

A frase de Thiago se mostra verdadeira quando pensamos em Rocinha. A maior favela da América Latina supre as demandas de serviços de outros bairros, principalmente na Zona Sul. A cidade não funciona sem a favela, depende dela, os funcionários que vendem suas forças de trabalho para empresas de toda a cidade saem das favelas. O ônibus saindo e voltando lotado da Rua 1 é exemplo disso, os pontos de vans lotados no trajeto de volta para a Rocinha também. O importante dessa frase é perceber que **MULHER FAVELADA PRODUZ CIDADE**, reparem que nas imagens (19, 20 e 21) a maioria é sempre feminina. Entre as moradoras entrevistadas quatro trabalham fora da Rocinha e duas na própria comunidade. As que trabalham fora demoram cerca de 1h30 até 2h para chegar em seus trabalhos e utilizam mais ônibus do que outros meios de transporte, apesar de sempre passarem lotados.



Imagem 19. Mulheres e crianças atravessando a rua entre motos.

Fonte: Acervo pessoal, setembro de 2019.



Imagem 20. Ponto de ônibus em horário escolar.

Fonte: Acervo pessoal, setembro de 2019.



Imagem 21. Mulheres saindo da Rua 1 com cestos de roupa.
Fonte: Acervo pessoal, agosto de 2019.

VIVER A RUA 1

De todas as conversas poucas mulheres falaram que sentem vontade de se mudar da Rua 1. Josiane e Cristina não sairiam nem se ganhassem na loteria, para elas a Rocinha é um bairro completo e tem tudo que elas gostam. Segundo elas **a rua 1 é um dos melhores lugares para se morar**, elas têm amizade com os vizinhos, estão próximas de tudo que precisam, como padaria, mercados, praia e costumam aproveitar os bares e bailes na comunidade.

A conversa com elas foi feita numa tarde de sábado, no salão de beleza da Maria, enquanto Cristina pintava seu cabelo. No tempo que passei com elas passou uma moça vendendo quentinhas, outra vendendo doces, um moço vendendo camarões frescos e a todo momento conhecidos paravam para cumprimentar alguma delas. Todo esse movimento foi usado de exemplo pelas três quando perguntei se elas gostavam de morar e trabalhar ali e se achavam que pertenciam àquele espaço. Todas afirmaram que sim, se sentem muito seguras ali e se **orgulham** em dizer que são moradoras da Rua 1.

Josiane reconhece, que apesar de não sentir vontade de morar em outro lugar, a Rua 1 não é perfeita e diz: - “São sempre dias de luta e dias de glória, os dias de luta são os que acordamos com tiroteios e não podemos sair de casa, são os dias de chuva forte, que temos que amarrar um saco plástico sobre o tênis, porque tá tudo cheio d'água e lixo. E os de glória são como hoje, sábado com futebol na tv, churrasco rolando e a **Rocinha em festa.**”



Imagem 22. Vista para Rocinha da casa de uma das moradoras da Rua 1.

Fonte: Acervo pessoal, setembro de 2019.



Imagem 23. Vista para Rocinha da casa de uma das moradoras da Rua 1.

Fonte: Acervo pessoal, setembro de 2019.

SEGURANÇA

Se pesquisar a palavra Rocinha na internet a maioria dos resultados serão sobre a violência da guerra de drogas e operações militares sofridas nos últimos anos. Num período de políticas liberais o tema da violência está presente em nosso cotidiano, apesar da ocupação pelas forças policiais em 13 de novembro de 2011 e a inauguração, em 20 de setembro de 2012, da Unidade de Polícia Pacificadora UPP, com um efetivo de 700 policiais.

Todas as mulheres, sem exceção, citaram a falta de segurança pública como um dos principais problemas da comunidade. Duas das mulheres, ambas mães de meninas, se sentem inseguras nos trajetos para as suas casas. Uma delas inclusive diz sempre pegar o caminho mais longo quando está com a filha de apenas 2 anos, para não ter que passar por espaços dominados pelo tráfico, e que não costuma ver a presença da UPP pelos caminhos que passa, somente na Estrada da Gávea, principal acesso à Favela.

“Sendo sincera, não gosto de morar na Rua 1, moro aqui porque não tenho condições de sair.

Se eu pudesse não moraria na Rocinha, o tráfico me assusta quando tem tiroteio.

Tenho uma filha, morro de medo de ter um tiroteio no horário de escola.”

Relato de uma das moradoras

No entanto, quando comparado à outros bairros da cidade, no quesito insegurança nas ruas, todas disseram se sentir muito **confortáveis** em andar pela favela, independente de horário, a maioria sobe escadarias, passam por dentro de becos e disseram se sentir mais seguras do que na Zona Sul, pois na Rua 1 e na Rocinha em geral, sabem que não serão assaltadas.

*Eu só quero é ser feliz
Andar tranquilamente na favela onde eu nasci, é
E poder me orgulhar
E ter a consciência que o pobre tem seu lugar*

Rap da felicidade / Eu só quero é ser Feliz, Rap Brasil
Composição: Julinho Rasta/ Kátia ou Cidinho e Doca



Imagem 24. Bicicleta infantil guardada do lado de fora da casa.

Fonte: Acervo pessoal, agosto de 2019.

LAZER

ESPAÇOS DE LAZER EXISTENTES NA RUA 1

QUADRA DO TERREIRÃO:

Local usado para jogos de futebol e recreação para crianças, além de poder ser alugado para festas particulares.



Imagem 25. Quadra do terreirão.
Fonte: Aib News. Disponível em: <<http://bit.ly/33XXr7p>>. Acesso em: 16/11/2019.



Imagem 26. Casa de Cultura Rocinha.
Fonte: <<http://bit.ly/2XrBHP0>>.
Acesso em: 16/11/2019.

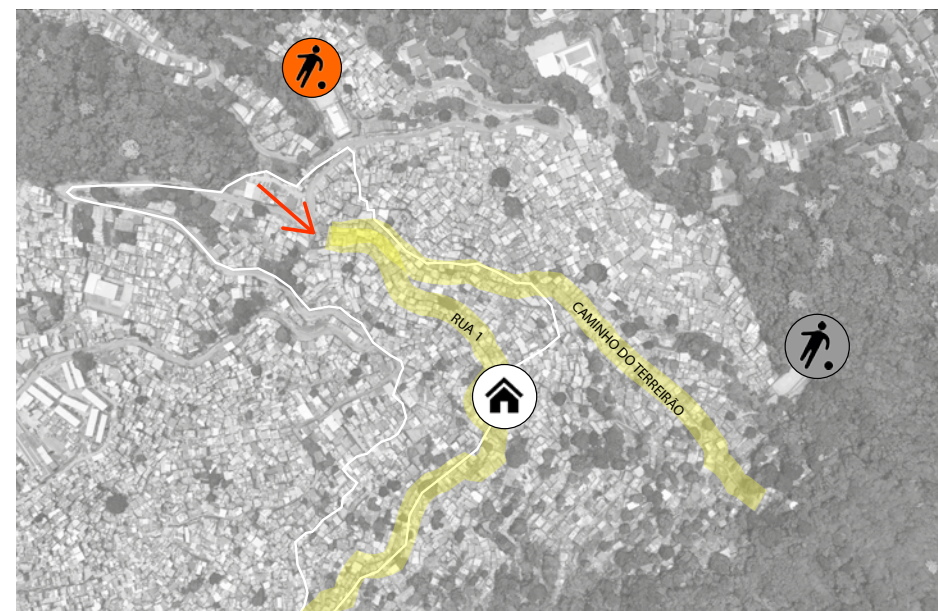
ANTIGA CASA DE CULTURA: Uma casa construída na década de 20, primeira a ter luz elétrica, primeira farmácia, primeira mercearia e berço da primeira escolinha comunitária.

“Foi por muito tempo um centro cultural que recebia crianças, jovens e adultos, oferecendo um amplo leque de cursos e atividades. Hoje se encontra deteriorada, com poucos recursos, contudo ainda funciona com aulas de capoeira, barbearia, centro de distribuição de brinquedos e recentemente foi ocupada pelo movimento de arte favelada para acontecer a festa e exposição de comemoração de 1 ano de existência.” (Movimento de arte favelada)

QUADRA DA RUA 1: Local usado para partidas de futebol, recreação para crianças da área. Era usado antigamente para ocorrer o baile funk da Rocinha.



Imagem 27. Quadra da Rua 1. Fonte: <http://bit.ly/3XrBHA0> >. Acesso em: 16/11/2019.



← ACESSO PRINCIPAL  QUADRA DA RUA 1  QUADRA DO TERREIRÃO  CASA DE CULTURA DA ROCINHA

Vista aérea Rua 1.
Fonte: Google Earth, 2019. Editado pela autora.

ESTRATÉGIA NARRATIVA

Exemplos de cuidado coletivo comentados por elas durante as conversas.

SEU PEDRO E A SAMUZINHA

Seu Pedro André, famoso pelo subbairro, foi citado todas as vezes que perguntei sobre as dificuldades em relação a mobilidade, ele é um antigo morador da Rua 1 e com muita criatividade criou a Samuzinha para ajudar no transporte de pessoas doentes:

“Aos 87 anos, brinda a vida com os netos, os filhos, sua eterna companheira e um dos maiores motivos de orgulho: a Samuzinha – uma espécie de liteira criada pelo próprio Pedro, que no Egito e Roma Antiga era usada para transportar reis e rainhas. Ele conta os motivos que o levaram a criar o transporte que hoje facilita a chegada de pessoas doentes ou necessitados a principal via da favela, a Estrada da Gávea.

“Eu via as pessoas doentes passando muita dificuldade para saírem. É difícil para quem as carrega levar nos braços, uns pegam pela cabeça, outros pelas pernas. Foi aí que criei a Samuzinha”, explica seu Pedro.²

A invenção de Seu Pedro evidencia os problemas de mobilidade falados pelas mulheres e consegue diminuir a dificuldade da mobilidade.



Imagem 28. Seu Pedro André e algumas “samuzinhas”
Fonte: Jornal “Favela da Rocinha.com”. Disponível em: <<http://bit.ly/2NBozmZ>>
Visitado em: 10/11/2019

2. Reportagem produzida por Eduardo Carvalho, Jornal “Favela da Rocinha. Com”
Disponível em: <<http://bit.ly/2NBozmZ>> Visitado em: 10/11/2019

CASA DE CULTURA DA RUA 1 E O BULE FLORINDO

Mostrada anteriormente como espaço de lazer, a Casa de Cultura é residência dessa mini intervenção, que para alguns pode passar despercebida, mas que quando encarada mostra a resistência e o poder da natureza agindo de maneira tão singela.



Imagem 29. Casa de Cultura Rocinha.
Fonte: <<http://bit.ly/2XrBHP0>>. Acesso em: 16/11/2019.



Imagem 30. Bule na varanda da Casa de Cultura Rocinha.
Fonte: Acervo pessoal, dezembro de 2017.

CRECHE DA DONA ELIZA

O primeiro EDI (Espaço de Desenvolvimento Infantil) construído na Rocinha fica na Estrada da Gávea, e por ser o único, não tem condições de suprir a demanda da Comunidade. A Rua 1 é casa para muitas das creches particulares ou vinculadas a alguma ONG na parte alta do morro. A Creche da Dona Eliza, como já falada, é uma das creches mais importantes da comunidade, tanto pela história da Dona Eliza, como por ser um ambiente de apoio a muitas famílias. A **Creche**, hoje nomeada Maria Maria é um espaço que serve de **abrigo** para as famílias durante as chuvas.

A história da Rocinha é marcada pela luta pela educação e reflete na história de vida de muitas mulheres que ajudaram na construção do território da Rocinha e da Rua 1. Existe uma **geração de mulheres** que tiveram a oportunidade de estudar em universidades e trouxeram para a Rocinha seus aprendizados. Assim como a Marcela, moradora da Rua 1, pedagoga que hoje trabalha dando aulas em uma escola particular na Rocinha.

“Ao longo da história da educação na Rocinha, as mulheres que lutaram para que os moradores tivessem acesso à educação de qualidade, evoluíram juntamente com os avanços tecnológicos e as frequentes e necessárias mudanças no âmbito educacional, fizeram com que estas mulheres fossem a lutar para se adaptarem à nova realidade e continuassem a atender as demandas os moradores. As mulheres pioneiras e as que as sucederam fizeram cursos superiores e continuam a luta por uma educação de qualidade.”(A participação das mulheres na construção do território, 2018. Pág. 77).

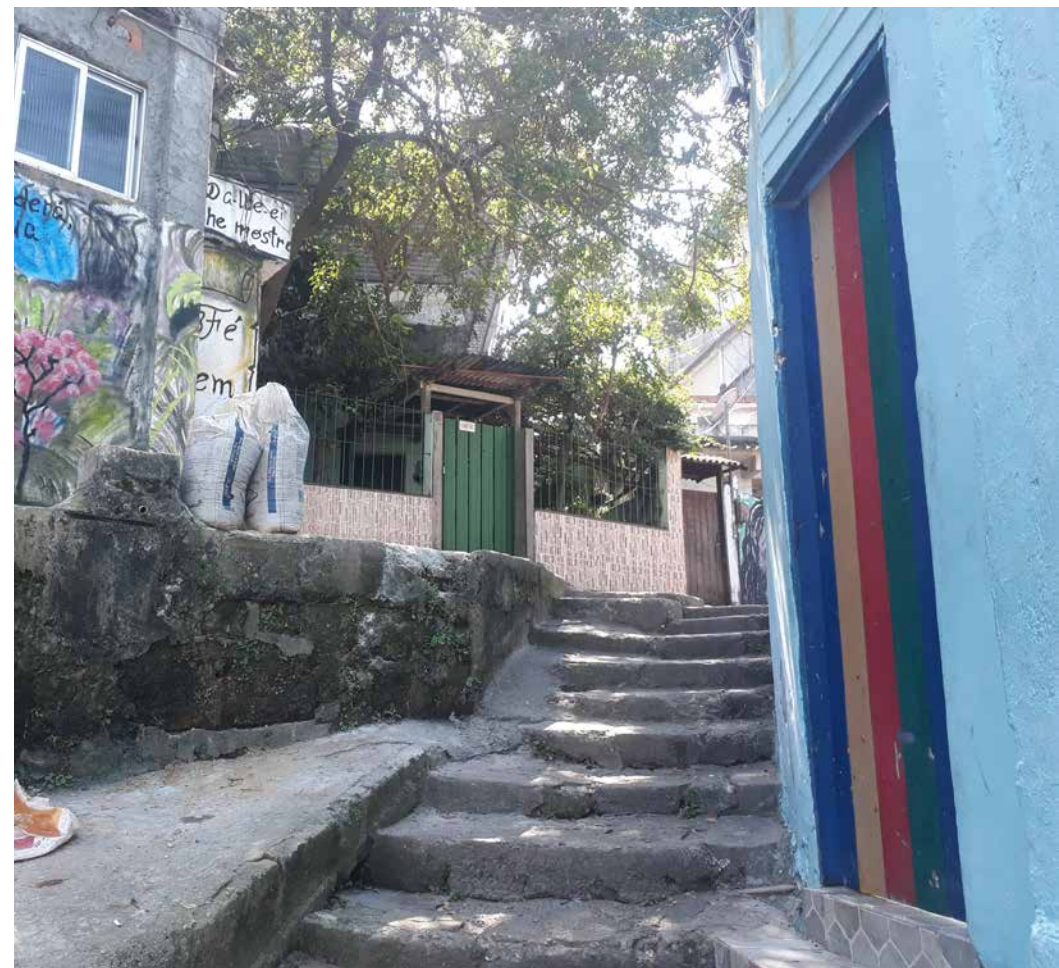


Imagem 31. Entrada da Creche da Dona Eliza.
Fonte: Acervo pessoal, novembro de 2019.

GRAFITES PELO CAMINHO

Pinturas nas casas no trajeto da Rua 1 feitas por grafiteiras locais, que simbolizam a vontade de transformação do espaço em um local mais visível. E comentadas pelas mulheres com admiração e com vontade de que essas pinturas fossem nas paredes de suas casas.



Imagem 32. Grafite em parede cega em um beco na Rua 1.
Fonte: Acervo pessoal, agosto de 2019.



Imagem 33. Casas no beco da Rua 1 com grafites nas fachadas.
Fonte: Acervo pessoal, agosto de 2019.



Imagem 34. Grafite em parede cega em um beco na Rua 1.
Fonte: Acervo pessoal, agosto de 2019.

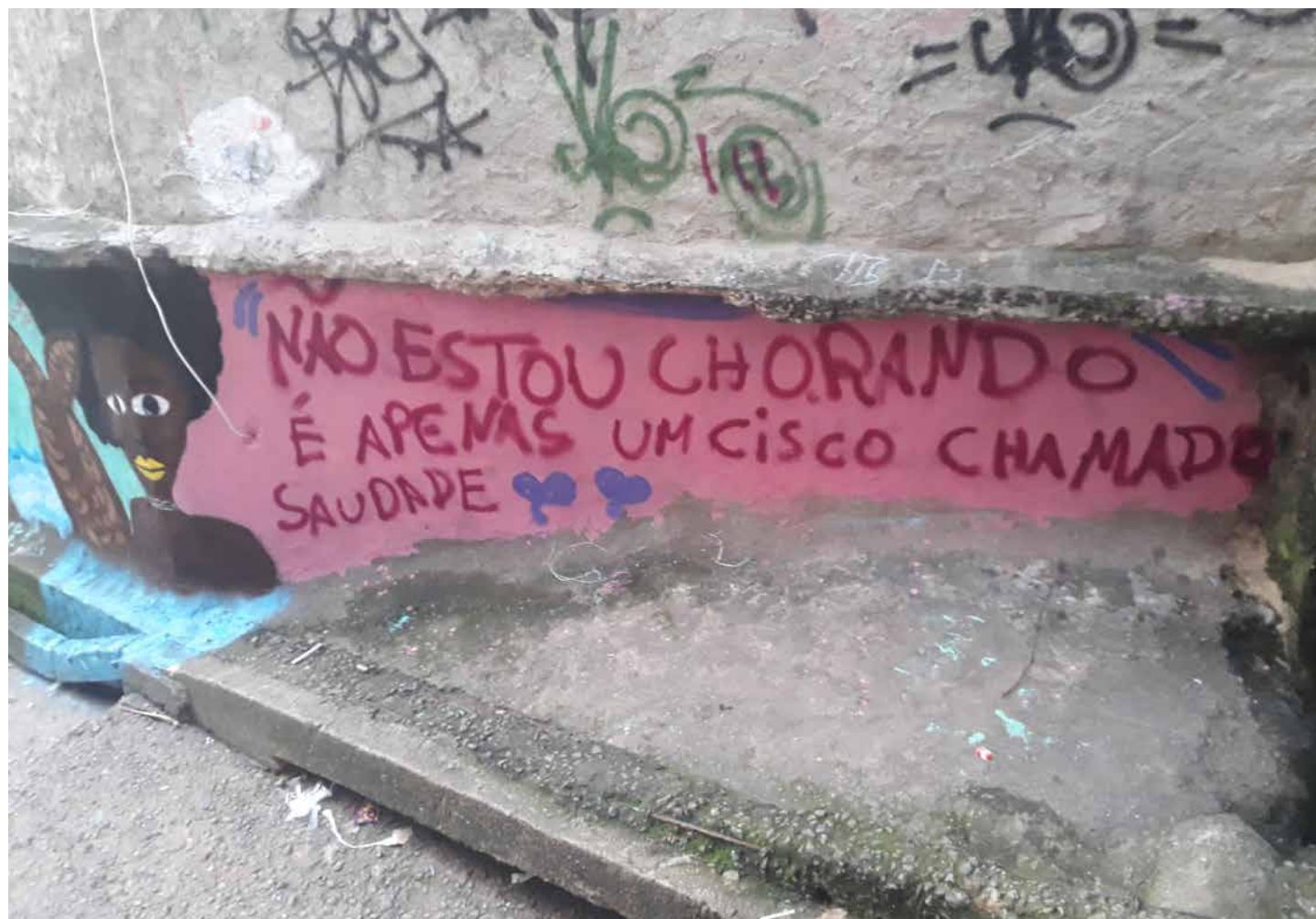


Imagem 35. Grafite em parede cega em um beco na Rua 1.
Fonte: Acervo pessoal, agosto de 2019.

ONG DE OLHO NO LIXO

A principal entrada da Rua 1 está localizada na parte alta da Rocinha, através da Estrada da Gávea e em frente à entrada existe um ponto de coleta de lixo da Comlurb. Um dos principais pontos da Rocinha, pois recolhe o descarte da população da parte alta da Favela.

Na Rua 1 e nos becos dos sub-bairros mais distantes da Estrada da Gávea existem pontos de descarte onde o acesso não pode ser feito por caminhões ou mini caminhões. Dificultando a coleta e colocando em risco os habitantes dessas regiões. Uma vez que a área ao redor fica completamente insalubre.

O projeto “De olho no Lixo”, que é fruto da cooperação técnica entre a Secretaria de Estado do Ambiente e o Viva Rio Socioambiental, com apoio da Associação dos Supermercados do Estado do Rio de Janeiro (Asserj), incentiva a mudança da cultura do lixo para a cultura do resíduo e começou com o trabalho de manejo correto dos resíduos sólidos na Rocinha. Além de ampliar esta ação para outras localidades do Rio, o projeto se tornou uma referência de música, arte e cultura para os moradores da comunidade.”³

Esse projeto, já recolheu mais de 640 toneladas de lixo da Rocinha, com o apoio dos próprios moradores que trabalharam como funcionários e também como voluntários. Hoje o projeto segue em andamento nas favelas da Maré e do Vidigal mesmo depois da Prefeitura ter desapropriado seu terreno na parte baixa da Rocinha, em novembro de 2018.

Em uma comunidade onde todas as moradoras entrevistadas reclamam do excesso de lixo, da falta de lixeiras e da insalubridade, um projeto participativo como o De Olho no Lixo é essencial. Transformar um problema ambiental em geração de renda, produção artística e educacional, é uma das diretrizes para transformar o território da Rua 1 e da Rocinha um ambiente mais digno e que pode ajudar muita gente a conseguir emprego e melhorar o espaço onde vive.



Imagem 36. Crianças tocando instrumentos feitos com reciclados na sede da ONG.
Disponível em: <<http://vivario.org.br/de-olho-no-lixo/>>. Acesso em: 20/11/2019. .

3. Rádio Rio de Janeiro. “Ação social na Rocinha transforma lixo em arte e cultura.
Disponível em: <<http://bit.ly/32SduCv>> Acessado: 15/11/2019.

PROGRAMA ACADEMIA CARIOCA

Implantado em 2009 pela Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, o Programa desenvolve a prática regular da atividade física por meio do Profissional de Educação Física como ação de promoção da saúde.

O Programa realizado na **quadra da Rua 1**, atrás do posto de saúde Dr Albert Sabin, acontece todas às terças e quintas e conta com mais de 100 inscritos, sendo a maioria de mulheres. As atividades incentivam não só a prática do exercício físico, mas também mental. É um lugar onde todos se conhecem e se sentem confortáveis. A coesão do grupo é perceptível, assim como a felicidade de estarem ali. A proposta de oferecer um estilo de vida mais saudável aos moradores mostra que o espaço é um forte agente mobilizador da experiência participativa e coletiva.

Duas vezes na semana as alunas acordam às 06h da manhã para estarem pontualmente às 07h na aula que acontece até às 09h. Lá elas desenvolvem atividades físicas acompanhadas de músicas e danças e também atividades em outros locais, como na praia de São Conrado.

As alunas contam que as aulas são de extrema importância em sua rotina. Muitas já são aposentadas e possuem algum problema de saúde, então terem uma academia pública com o apoio do posto de saúde onde podem checar a pressão e seus batimentos cardíacos é muito bom.

“Não falto nenhuma aula!

Quando saio daqui sinto que posso fazer de tudo,

Fico muito mais animada!”

(Depoimento da aluna Neuza)



Imagem 37. Aula de ginástica do Programa na quadra da Rua1.
Disponível em: <<https://www.facebook.com/ProgramaAcademiaCarioca/>>.

Acesso em: 20/11/2019. .

PROJETO HORTA NA FAVELA DA ROCINHA

Projeto de desenvolvimento Sustentável na Rocinha, que visa o desenvolvimento social e a redução do impacto ambiental, por meio da horticultura.

O projeto foi falado pelas moradoras como um meio de estar mais perto da natureza e durante a pandemia um dos trabalhos desenvolvidos foi o de criar hortas com as crianças da parte alta da comunidade, incluindo a Rua 1. E apesar da sua área de cultivo não ser na Rua, se encontra numa localidade vizinha, no Laboriaux.



Imagem 38. Imagem da composteira do projeto.
Disponível em: <<https://www.instagram.com/hortanafavela/?hl=pt-br>>.
Acesso em: 10/01/2021..

EXEMPLOS DE CUIDADO COLETIVO

RESULTADO

A partir dessa leitura de todos os exemplos de cuidados coletivos notados direta e indiretamente por elas, que se afirma a fala das mulheres e fazem do afeto, poesia e cooperação as diretrizes. Além das demais formas e palavras que contextualizam essas diretrizes.



INTERVENÇÕES FAVELADAS

A terceira estratégia é fazer uma documentação de mini intervenções faveladas que já existem e que já discutem a importância do cuidado coletivo nas favelas do País.

PRAÇA DA BABILÔNIA - RJ

Categorias: Urbanização de praça

“Em primeiro lugar, essa praça é diferente porque essa praça é nossa”, declara André Constantine, um forte e poderoso orador e presidente da Associação de Moradores da Babilônia, na Zona Sul do Rio adjacente ao Leme”⁴

A Praça da Babilônia faz parte do projeto Praça Semente Viva, um projeto piloto que visa criar praças públicas com a participação direta dos moradores por meio de mutirões, da Associação de Moradores, além de parcerias externas. Pois, segundo André na matéria da Rio on watch, “A participação dos moradores no processo de planejamento deve ser um requisito mínimo quando irão receber alguma intervenção urbanística. É muito ruim para o sentimento de responsabilidade e pertencimento ao espaço, qualquer que seja o projeto, quando os moradores não são consultados... Se eles não participam, não sentirão que o espaço é deles e o espaço ficará degradado”⁴.

“A ideia então, é criar praças públicas que, além de proporcionar espaços para lazer e interação com os moradores, criarão áreas mais seguras com mais iluminação e mais visão para as ruas.”⁴ Essa primeira praça servirá de protótipo e conta com um escritório de arquitetura e paisagismo, chamado Embyá, para projetar o espaço.

As falas de André e toda a matéria sobre “O poder da praça” deixam claro a importância do cuidado coletivo da comunidade com o espaço, um líder comunitário ter consciência disso e ter forças para tornar realidade é uma ótima referência de intervenção favelada que fala por si só.



Imagem 39. Praça da Babilônia atualmente.
Disponível em: <<https://rioonwatch.org.br/?p=29888>>.
Acesso em: 15/01/2021. .



Imagem 40. Projeto da Praça da Babilônia elaborado pela Embyá.
Disponível em: <<https://www.embya.com.br/case/pracas-da-babilonia>>.
Acesso em: 15/01/2021. .

4. Rio on watch. “O poder da praça: prevenção da Violência através do Design Ambiental na Babilônia”. Disponível em: <<https://rioonwatch.org.br/?p=29888>> Acessado: 15/01/2021.

FAVELA ORGÂNICA - BABILÔNIA, RJ

Categorias: Urbanização de áreas públicas / horta comunitária

É um projeto que engloba consumo consciente, gastronomia alternativa, feminismo, compostagem caseira e hortas em pequenos espaços.

Foi ideia da moradora e cozinheira da Babilônia, Regina Tchely, e segundo ela em entrevista para a matéria da “SustentArqui”: **A grande importância do projeto Favela Orgânica é poder transformar o olhar e mostrar novos paladares às pessoas, fazendo uma boa ação para a natureza, para o bolso, para a saúde e para o mundo.**⁵

Em 2013 Regina pensava em publicar um livro reunindo suas receitas, porém com dificuldades em conseguir patrocínios teve a brilhante ideia de junto com amigos, pintar os muros da Comunidade com desenhos de suas receitas, dando origem ao projeto “Receitas ao ar livre”.

É importante dizer que “os muros onde estão os desenhos também precisavam de uma reforma [...] e que as paredes em que estão as receitas eram um lugar de despejo de lixo e entulho”⁵. Ou seja, além de poder propagar a ideia da gastronomia consciente com suas receitas nos muros, Regina conseguiu recuperar espaços públicos que estavam sendo subutilizados. E além disso, ela promove cursos com aulas sobre tudo que trabalha, diretrizes do consumo consciente, gastronomia alternativa, e compostagem caseira. Assim como tem várias iniciativas de hortas caseiras mostrando que todos somos capazes de produzir alimento, independente do espaço que temos em casa.



5. SustentArqui. “Favela orgânica publica receitas ao ar livre nos muros da comunidade”. Disponível em: <https://sustentarqui.com.br/favela-organica-publica-receitas-ao-ar-livre-nos-muros-da-comunidade/?fbclid=IwAR3FoDN_N16GP7epHqx6XbPLjrr_7_pACOhHUZxl4uutbfSjgxl7RidRmPA> Acessado: 15/01/2021.

Imagem 41 e 42. Muro na Babilônia com receita da Favela Orgânica. Disponível em: <https://sustentarqui.com.br/favela-organica-publica-receitas-ao-ar-livre-nos-muros-da-comunidade/?fbclid=IwAR3FoDN_N16GP7epHqx6XbPLjrr_7_pACOhHUZxl4uutbfSjgxl7RidRmPA>. Acesso em: 15/01/2021.

PROJETO HORTA NA LAJE + CASA DE TODO DIA - PARAISÓPOLIS, SP

Categorias: Urbanização de áreas públicas / horta comunitária

A Associação de Mulheres de Paraisópolis junto com a ONG STOP Hunger promovem desde 2017 o projeto, que oferece cursos para **moradoras** da comunidade com aulas de como cultivar hortaliças em vasos e reproduzir em casa.

“Tendo capacitado mais de mil mulheres, o Projeto consegue auxiliar diretamente na independência financeira de cada uma delas, além de promover a sustentabilidade na Favela.”⁶

Além disso, o espaço onde o Projeto acontece, a laje da União de Moradores da Favela de Paraisópolis, recebeu em 2019 o protótipo da “CASA de todo dia” um projeto de requalificação do espaço aplicando mão-de-obra local e materiais comuns (blocos e tijolos) assentados de forma vazada, para permitir a ventilação e o sombreamento de espaços internos. O protótipo foi pensado de maneira que as próprias moradoras consigam replicar em suas casas, para melhorar de forma barata as condições de saúde e eficiência energética.



Imagem 43. Laje com o projeto Horta na Laje.

Disponível em: <<https://noticias.r7.com/sao-paulo/projeto-faz-com-que-hortalicas-invadam-as-lajes-de-paraisopolis-11072018>>. Acesso em: 15/01/2021.

6. Jornal R7 “Projeto faz com que hortaliças invadam as lajes de Paraisópolis”. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/sao-paulo/projeto-faz-com-que-hortalicas-invadam-as-lajes-de-paraisopolis-11072018>>. Acesso em: 15/01/2021.

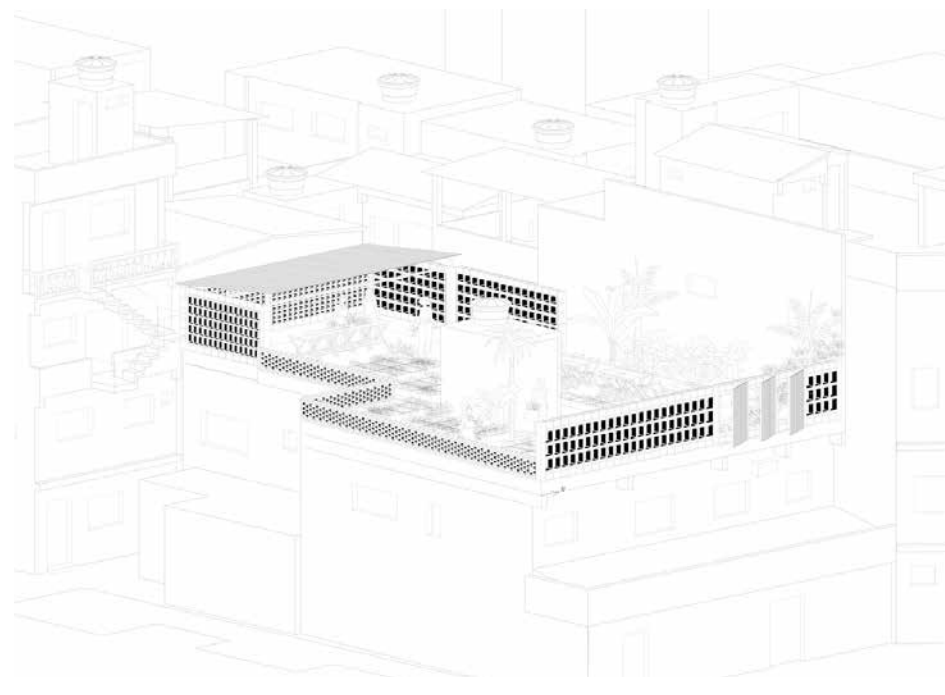


Imagem 44 e 45. Projeto e vista da Laje com o projeto Horta na Laje

Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/952571/projeto-comunitario-aplica-estrategias-bioclimaticas-e-mao-de-obra-local-em-paraisopolis/5fc7ec9763c017db8c000171-projeto-comunitario-aplica-estrategias-bioclimaticas-e-mao-de-obra-local-em-paraisopolis-imagem?next_project=no>. Acesso em: 15/01/2021. .

A REVOLUÇÃO DOS BALDINHOS - FAVELA CHICO MENDES, FLORIANÓPOLIS, SC

Categorias: Compostagem / horta comunitária

A Favela Chico Mendes, em Florianópolis, precisou criar estratégias para tratar e reduzir seu descarte de lixo, após uma infestação de ratos levar a óbito crianças e jovens da comunidade, em 2007. A Revolução começou com a união das lideranças comunitárias, médicos, moradores e representantes de organizações locais que formaram uma frente de trabalho para conscientizar a comunidade, que mesmo se fosse limpa, se os resíduos sólidos não fossem tratados a infestação poderia voltar. Logo foi pensado um sistema para o descarte de resíduos orgânicos, pelo qual os moradores receberam pequenos baldes para a separação do lixo comum e do lixo orgânico.

“Nas ruas foram criados Postos de Entrega Voluntária (PEV), onde são depositadas as sobras de alimentos. Os resíduos passaram a ser reutilizados no sistema de compostagem desenvolvido por escolas locais.”⁷

“Em oito anos, estima-se que o projeto já tenha captado mais de 500 mil toneladas de lixo orgânico que, ao invés de ser destinado ao aterro sanitário de Biguaçu, foi transformado em adubo por meio do sistema de compostagem.”⁷

O projeto já foi apresentado na Europa e foi um dos selecionados em 2015, para ser replicado, em empreendimentos do “Minha Casa Minha Vida” em todo o país.



7. Cotidiano UFSC. “A Revolução dos baldinhos”.

Disponível em: <<https://cotidianoufsc.atavist.com/revolucaodosbaldinhos>>. Acesso em: 15/01/2021.

Imagem 46 e 47. Imagens do Projeto de sistema de descarte de resíduos

Disponível em: <<https://cotidianoufsc.atavist.com/revolucaodosbaldinhos>>. Acesso em: 15/01/2021.

PARQUE ECOLÓGICO SITIÊ - VIDIGAL , RJ

Categorias: Urbanização de áreas públicas / horta comunitária

Localizado no Vidigal, favela vizinha da Rocinha, o espaço costumava ser um depósito de lixo informal quando em 2003 os moradores Mauro Quintanilha e Paulo Almeida começaram a fazer a limpeza do local por conta própria, organizando **mutirões**. E após mais de seis anos de trabalho conseguiram criar o projeto comunitário que realiza hoje atividades de reflorestamento, reciclagem, paisagismo, agricultura urbana e design. Em entrevista para o “Arq.Futuro” Mauro Quintanilha diz que, para ter o **apoio da vizinhança foi necessário envolvê-la diretamente** no processo de retirada do lixo, criando uma horta comunitária e sempre compartilhando as verduras e frutas obtidas com ela. Mostrando assim, que aquele lugar não era mais um depósito de lixo e que com a ajuda de todos teria potencial de se tornar uma reserva ecológica.

Atualmente o Parque é conhecido internacionalmente e já ganhou prêmios por isso. Hoje o espaço é utilizado como área de lazer da comunidade, além de ser uma atração turística, ajudando a gerar educação ambiental e empregos na comunidade.

HORTAS COMUNITÁRIAS

Categorias: Urbanização de áreas públicas / horta comunitária

Assim como no morro do Vidigal, outras favelas do Rio já falam sobre sustentabilidade e tentam promover a requalificação de espaços que antes eram depósitos de lixo informais.

Hortas comunitárias fazem sucesso no **Morro da Formiga na Tijuca, em Manginhos e no Complexo da Maré, na Zona Norte**. E assim como a horta comunitária do Vidigal se tornou um Parque, espera-se que esses demais lugares também continuem se desenvolvendo.



Imagem 48. Vista do Parque Ecológico Sitiê

Disponível em: <<https://arqfuturo.com.br/post/parque-sitie>>. Acesso em: 15/01/2021. .



Imagem 49. Vista do Parque Ecológico Sitiê

Disponível em: <<https://bafafa.com.br/mais-coisas/sustentabilidade/parque-ecologico-sitie-no-vidigal-projeto-ambiental-referencia>>. Acesso em: 15/01/2021. .

8. Arqfuturo. “Parque ecológico sitiê, a primeira agro-floresta do Rio”. Disponível em: <<https://arqfuturo.com.br/post/parque-ecologico-sitie-a-primeira-agro-floresta-do-rio>>. Acesso em: 15/01/2021.

PROBLEMA COMUM

Agora, por trás de todos os exemplos de cuidado coletivo as mulheres sempre se queixavam muito da questão ambiental de seus trajetos. Porque quanto mais distante da estrada da gávea, mais insalubre a Rua 1 vai ficando, com vários pontos com excesso de lixo em lixeiras não oficiais.

E seguindo todos os exemplos dos cuidados e todas as intervenções faveladas, se viu do lixo uma oportunidade, visto que ele permeia todos os espaços em potencial, toda a Rua 1 em si, e que passa pela vida de todas as mulheres entrevistadas de forma circular, conectando o afeto, a poesia e a cooperação.



Imagem 50. Lixeira oficial da Rua 1.
Fonte: Acervo pessoal, agosto de 2019.



Imagem 51. Lixeira não oficial - Rua 1.
Fonte: Acervo pessoal, agosto de 2019.

04 PROPOSTAS

PROPOSTA PARA OS ESPAÇOS EM POTENCIAL

Documentar as intervenções faveladas e as práticas de cuidado coletivo apresentadas pelas mulheres foi essencial para esse trabalho, não só como referências projetuais, mas para a compreensão de que pequenas transformações no espaço urbano favelado, quando em parceria com a comunidade, tem um poder de transformação social muito grande e que quando a escala reduzida, de bairro, de espaço conjunto é enxergada e assumida como potência, a favela é contemplada com ideias que melhoram não só espaços físicos, como também a qualidade de vida da comunidade.

Por isso, essa proposta nasce com o objetivo de unir tudo que foi dito pelas mulheres, pelas práticas e pelas intervenções. Enxergando os espaços em potencial da Rua 1 como morada para o cuidado coletivo, onde a troca de afeto, cooperação e poesia sejam constantes, contemplando as diretrizes e o percurso entre eles. Olhando o tempo de maneira cíclica e valorizando as pré-existências de cada espaço para melhorar a ligação das mulheres com esse trajeto.

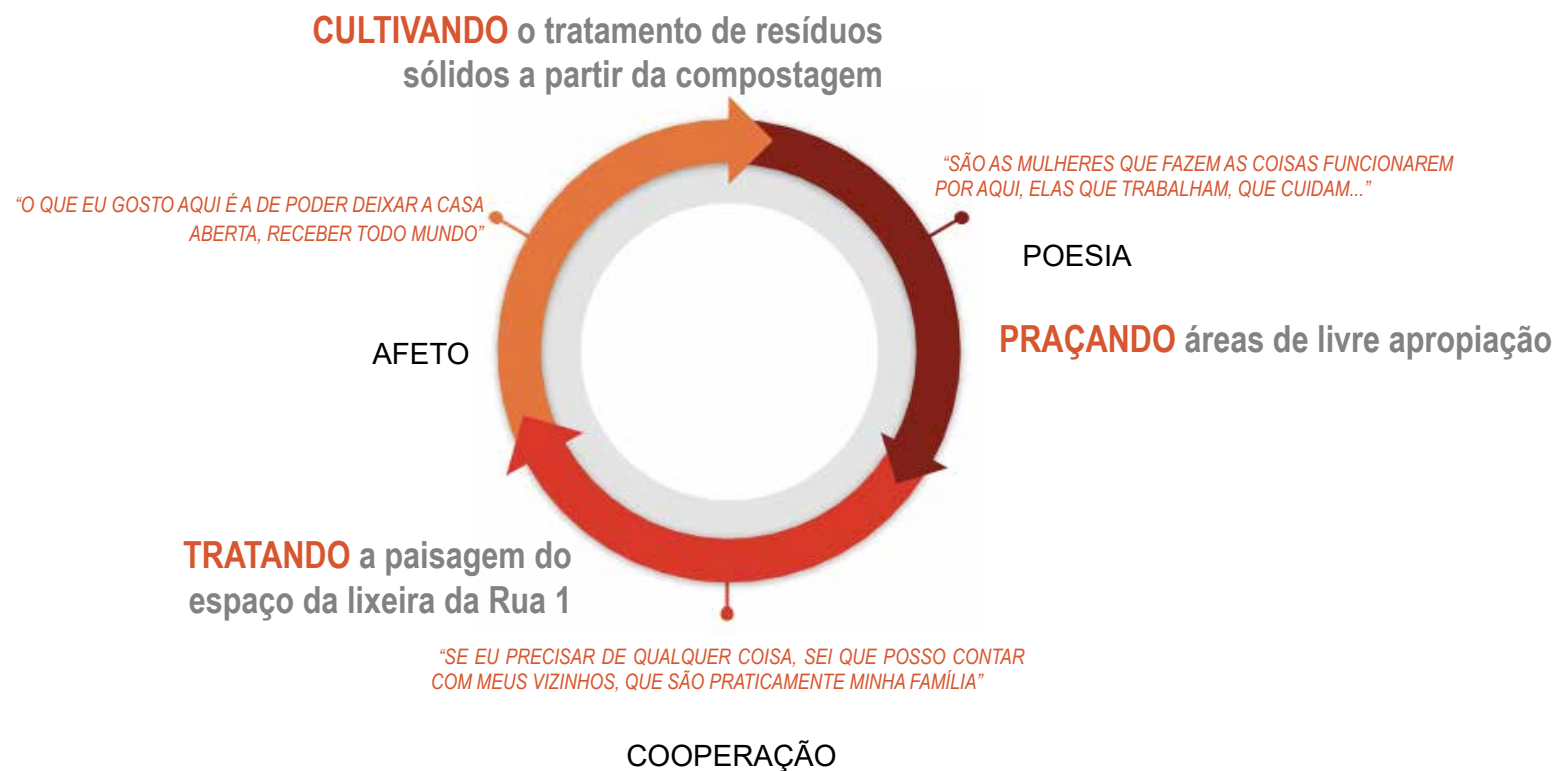
Em busca de conectar o projeto com nossa atual situação mundial, agora mais que nunca se viu a necessidade do afeto, da cooperação e da poesia. Para moldar a identidade dessa proposta retorno aos relatos das mulheres dessa vez com ouvidos mais sensíveis e com eles três verbos foram construídos: cultivar, praçar, tratar.



PROPOSTA PARA OS ESPAÇOS EM POTENCIAL

CULTIVAR, TRATAR, PRAÇAR

COMO?



PROPOSTA PARA OS ESPAÇOS EM POTENCIAL

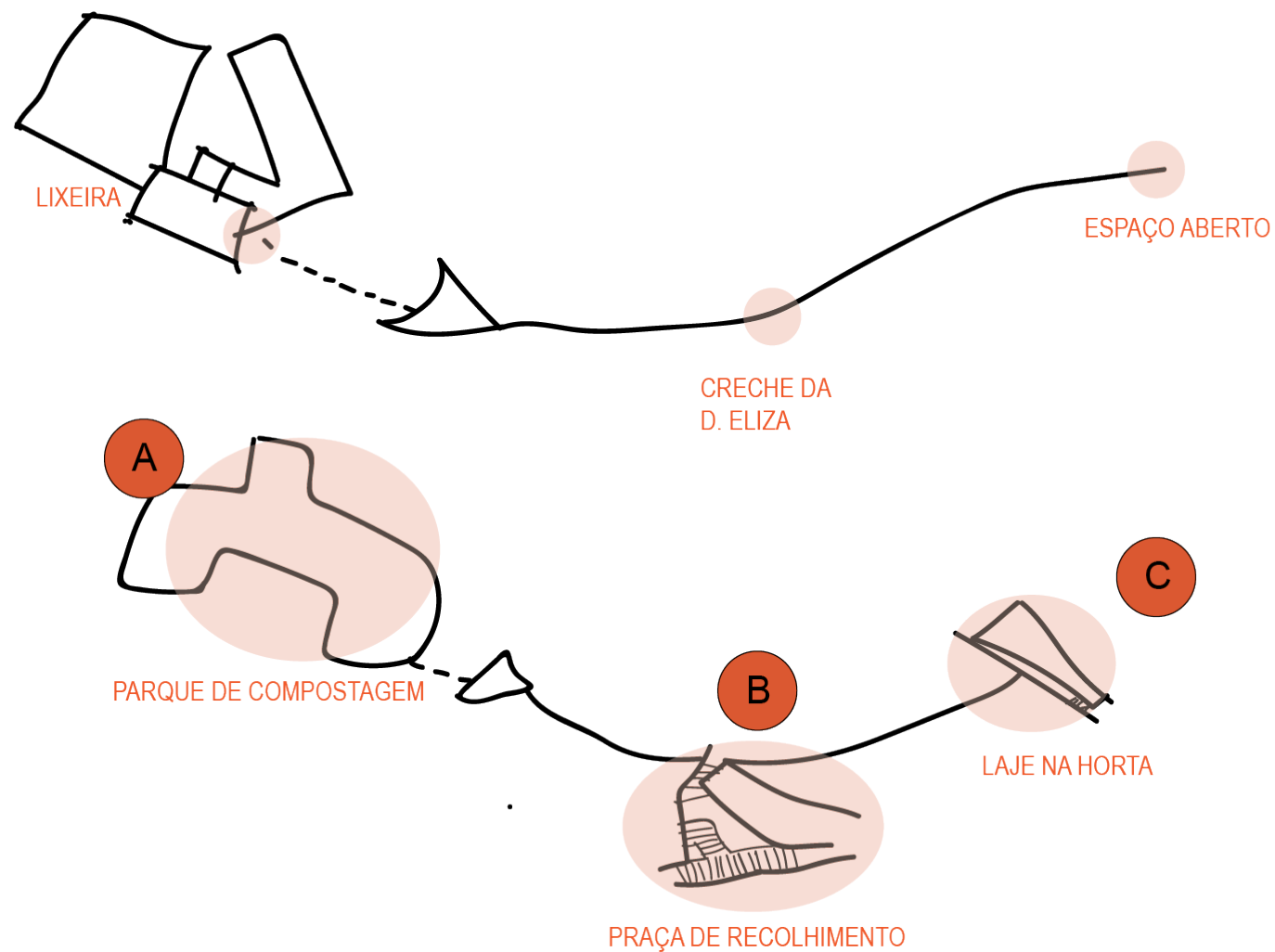
CULTIVAR, TRATAR, PRAÇAR

O projeto atende os 3 espaços em potencial, transformando cada um:

Lixeira - Parque de Compostagem

O espaço da creche - Praça de Recolhimento

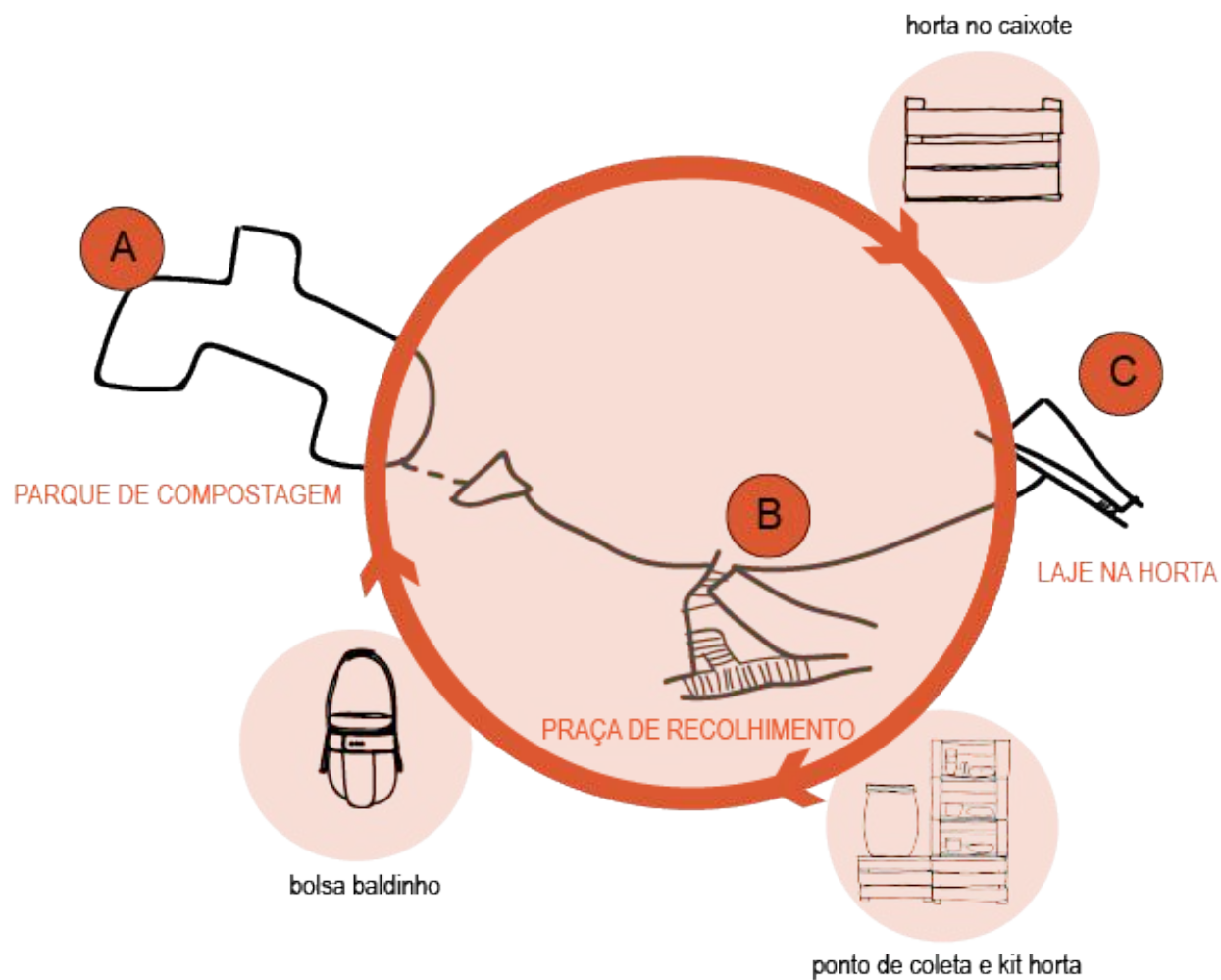
Espaço aberto - Laje na Horta



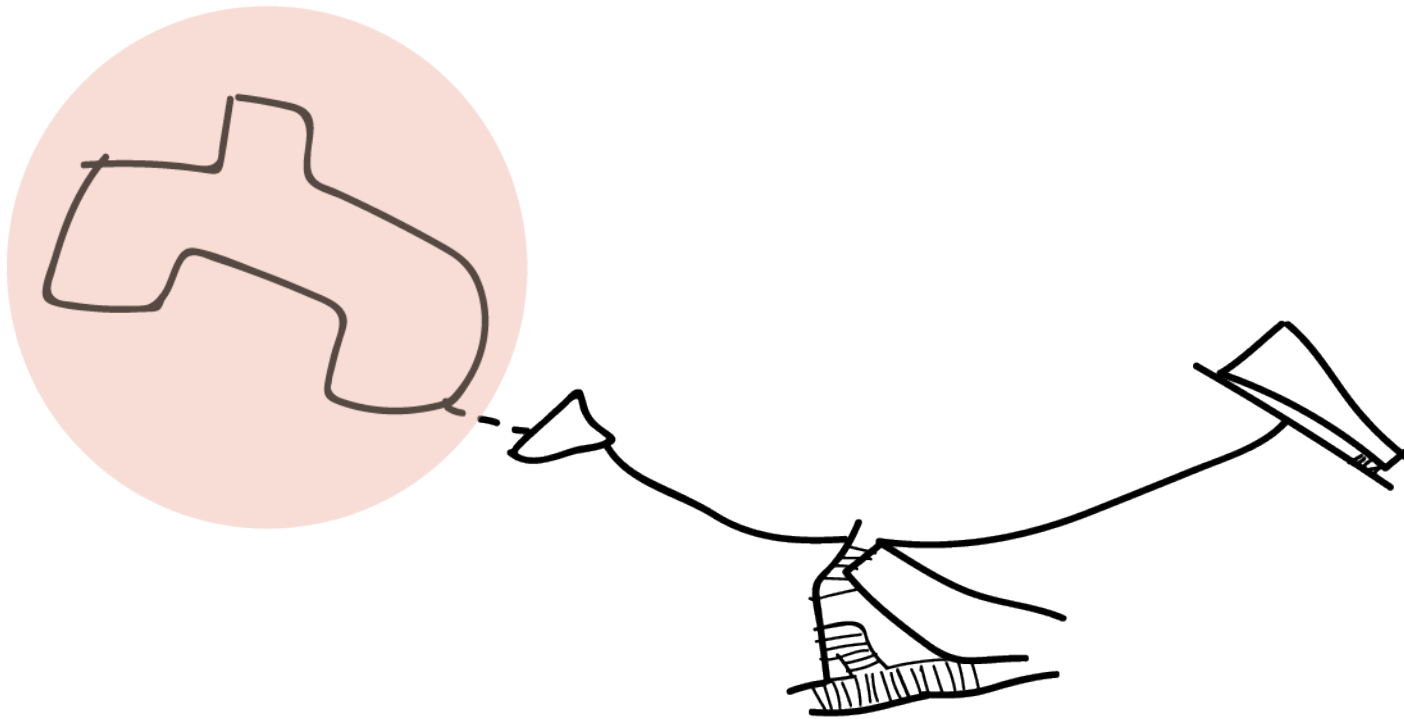
PROPOSTA PARA OS ESPAÇOS EM POTENCIAL

CULTIVAR, TRATAR, PRAÇAR

E sempre conectando esses 3 espaços com pequenas intervenções/ soluções de fácil execução e que possam ser replicadas, assim como os exemplos de cuidado coletivo e de intervenção favelada.



A LIXEIRA DA RUA 1 < PARQUE DE COMPOSTAGEM



A

LIXEIRA DA RUA 1 < PARQUE DE COMPOSTAGEM

TERRENO = aproximadamente 1070 m²





Imagem 50. Lixeira Comlurb - Rua 1.
Fonte: Acervo pessoal, novembro de 2019.



Imagem 51. Loja de frutas e entrada do estacionamento - Rua 1.
Fonte: Acervo pessoal, agosto de 2020.



Imagem 52. Estacion. loja de mat. de construção - Rua 1.
Fonte: Acervo pessoal, agosto de 2020.



Imagem 54. Rampa do estacionamento - Rua 1.
Fonte: Acervo pessoal, agosto de 2020.



Imagem 53. Rampa do estacionamento - Rua 1.
Fonte: Acervo pessoal, agosto de 2020.

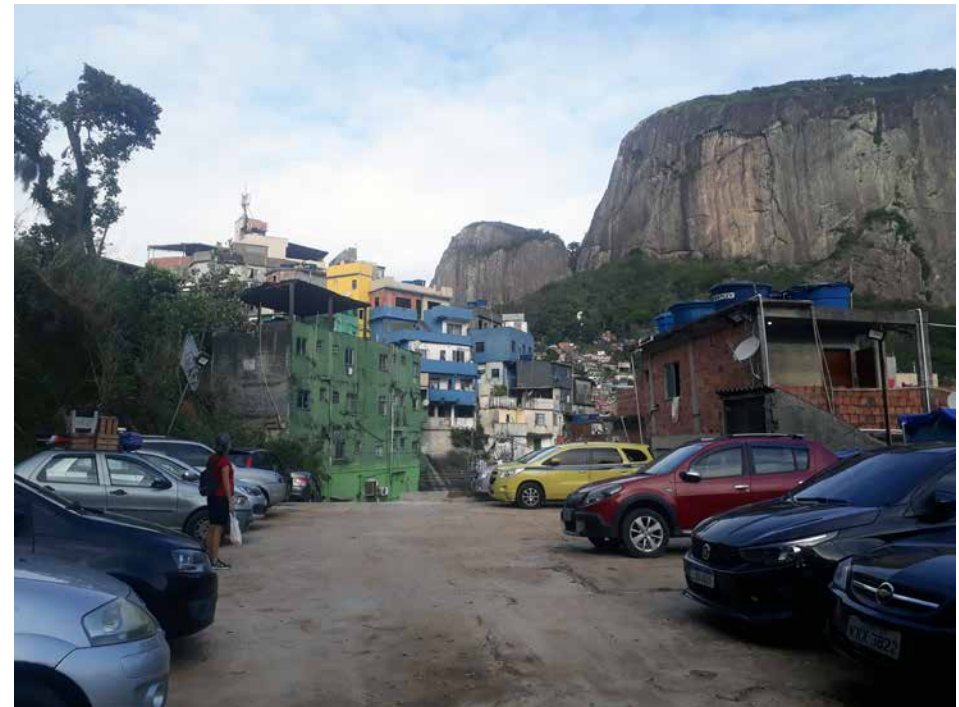


Imagem 55. Vista do estacionamento para a Rua 1.
Fonte: Acervo pessoal, agosto de 2020.

PARQUE DE COMPOSTAGEM

CONSULTORIA COM LETÍCIA QUEIROZ, FUNCIONÁRIA DA COMPOSTA'E

A Composta'e é uma empresa jovem cujo objetivo é promover a educação ambiental através da gestão, da coleta e do tratamento adequado para os resíduos orgânicos por meio da compostagem. Atuam na Grande Tijuca e bairros próximos no Rio, tendo sua sede em um terreno sob uma linha de transmissão da Light, na Rua Conde de Bonfim, próximo ao Morro da Formiga.

A empresa é uma referência para a proposta de Parque de Compostagem, pela sua maneira de funcionar e seus objetivos. Através de uma conversa/consultoria, Letícia conseguiu explicar de que forma acontece a coleta e também como é feito o tratamento dos resíduos. Deixando claro o programa de necessidades de um pátio de compostagem, que é composto por:

- Área livre para as leiras
- Espaço controlado para armazenamento de folhas secas
- Depósito para as ferramentas de manejo
- Local coberto para armazenamento do composto
- Bom sistema de drenagem para recolher o biofertilizante



Imagem 56. Bike e bombona da composta'e
Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CFP7vsep-NW/>>.
Acesso em: 18/01/2021.

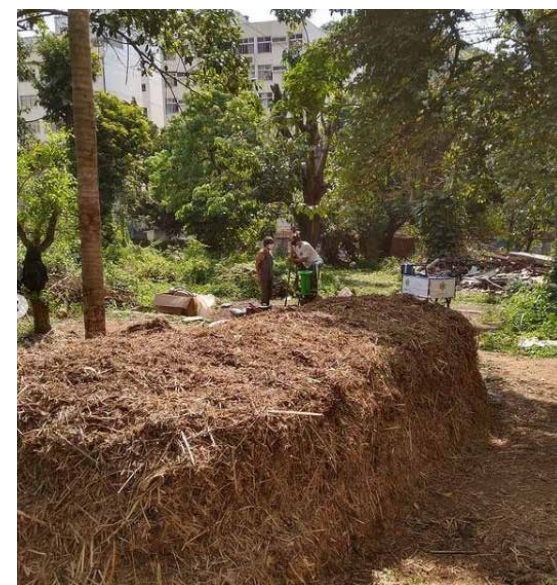
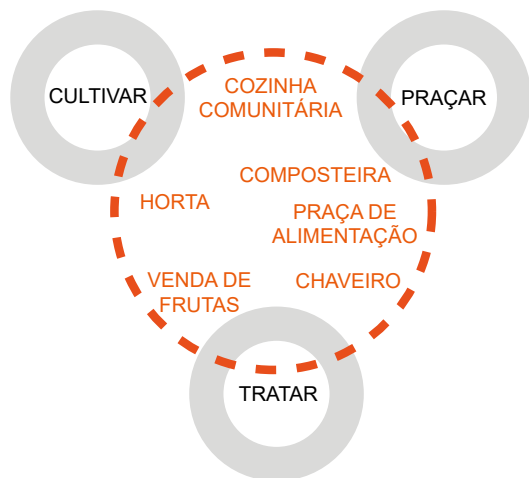


Imagem 57. Leira no terreno da composta'e
Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CFP7vsep-NW/>>.
Acesso em: 18/01/2021.

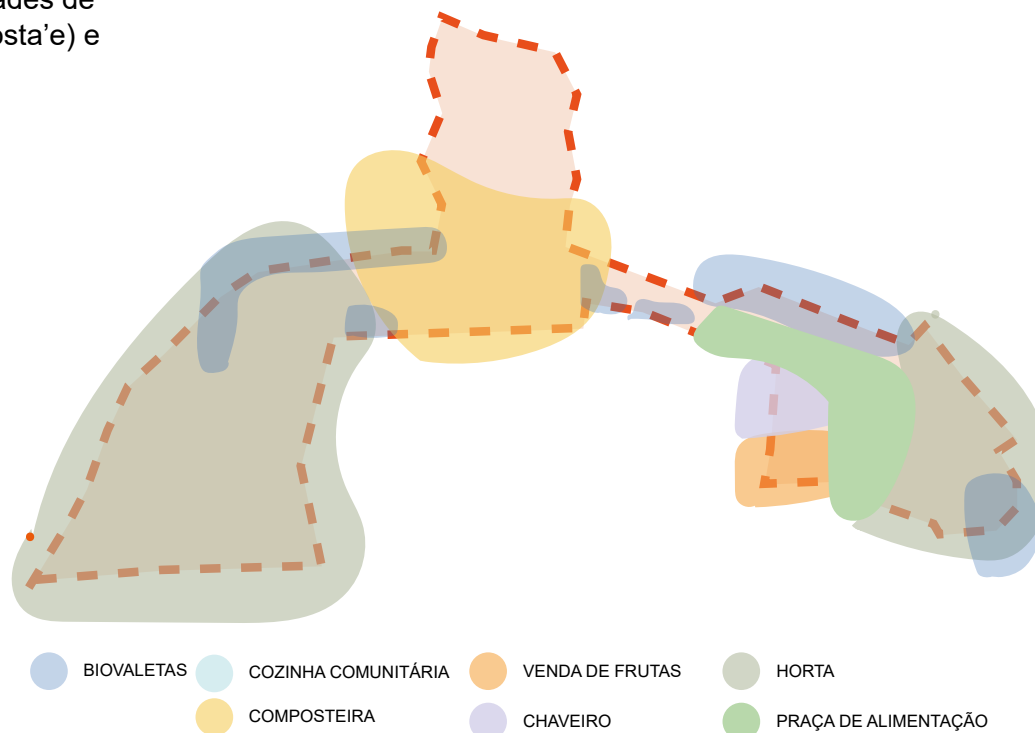
PARQUE DE COMPOSTAGEM

IMPLANTAÇÃO

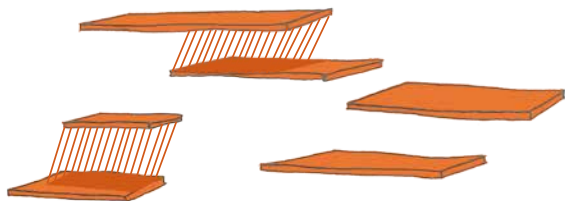
O programa do Parque foi pensado em união com as necessidades de um pátio de compostagem (a partir da consultoria com a Composta'e) e também com as diretrizes projetuais: cultivar, praçar e tratar



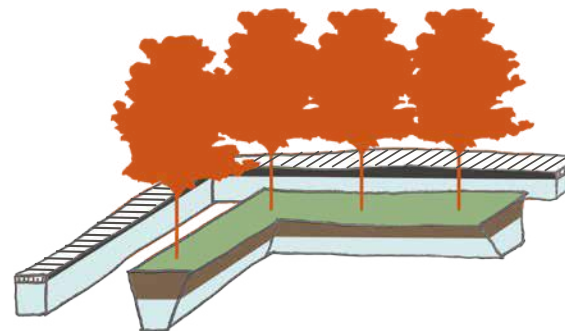
O zoneamento do Parque foi sendo adaptado com as condições do terreno e seus usos, sempre priorizando as falas das moradoras que desejam lugares de convivência e lazer seguros e aproveitando os usos existentes da área.



Em busca de criar mais espaços “praçáveis” o volume do projeto se organiza através de planos e coberturas, gerando praças cobertas e descobertas.

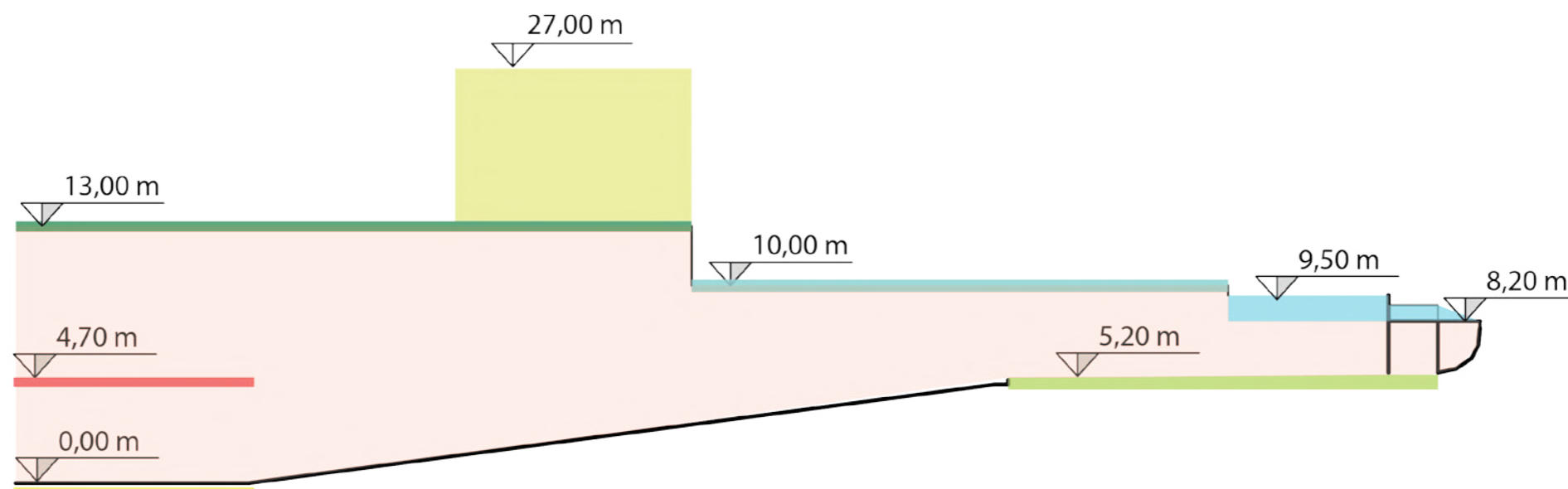
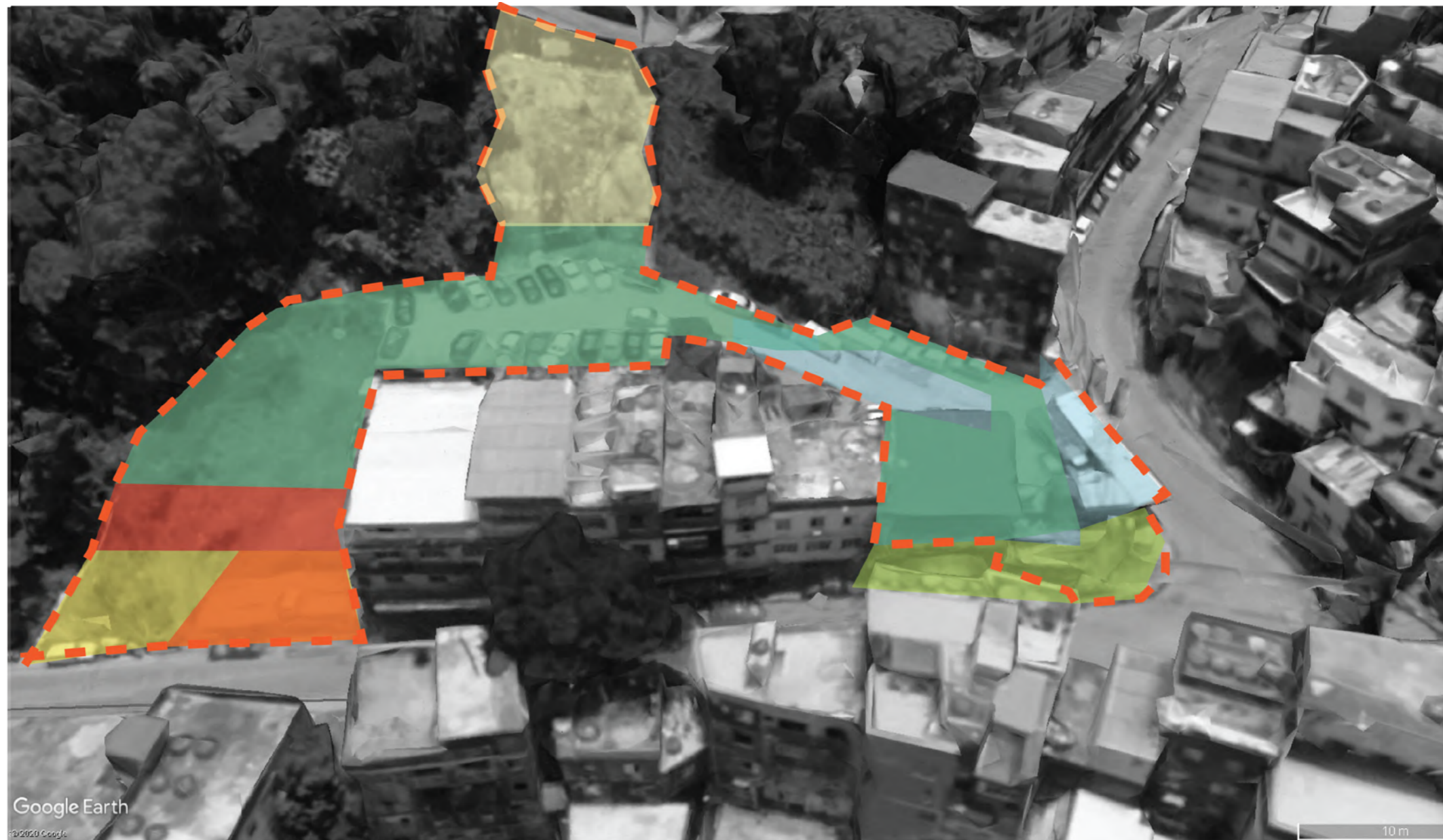


O projeto se organiza também com as calhas, biovaletas e hortas para captação de águas pluviais, envolvendo a floresta com o terreno.



PARQUE DE COMPOSTAGEM

NÍVEIS

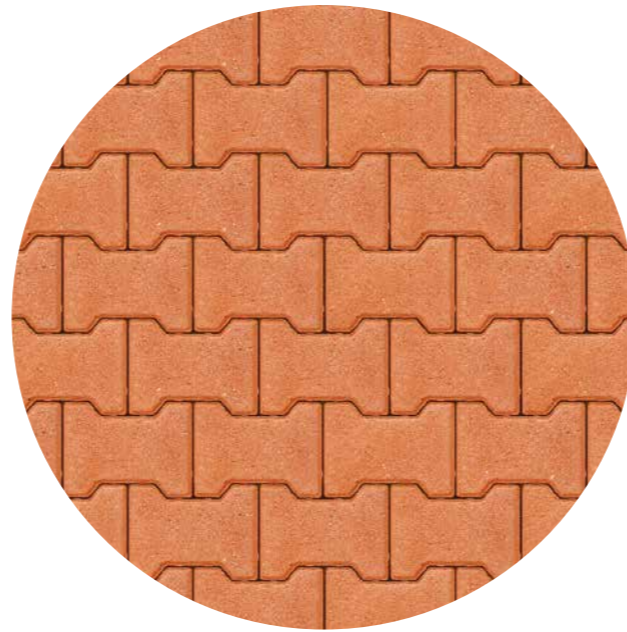


PARQUE DE COMPOSTAGEM

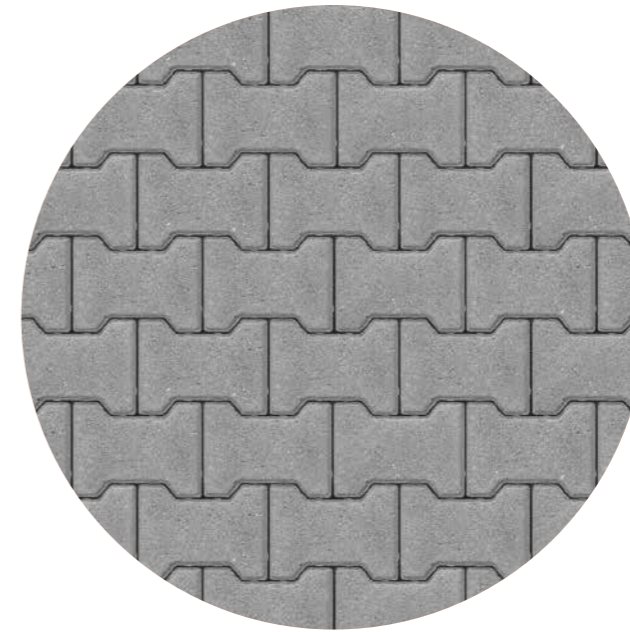
REVESTIMENTOS



Grafitas nas paredes do Parque



Piso intertravado permeável laranja



Piso intertravado permeável cinza



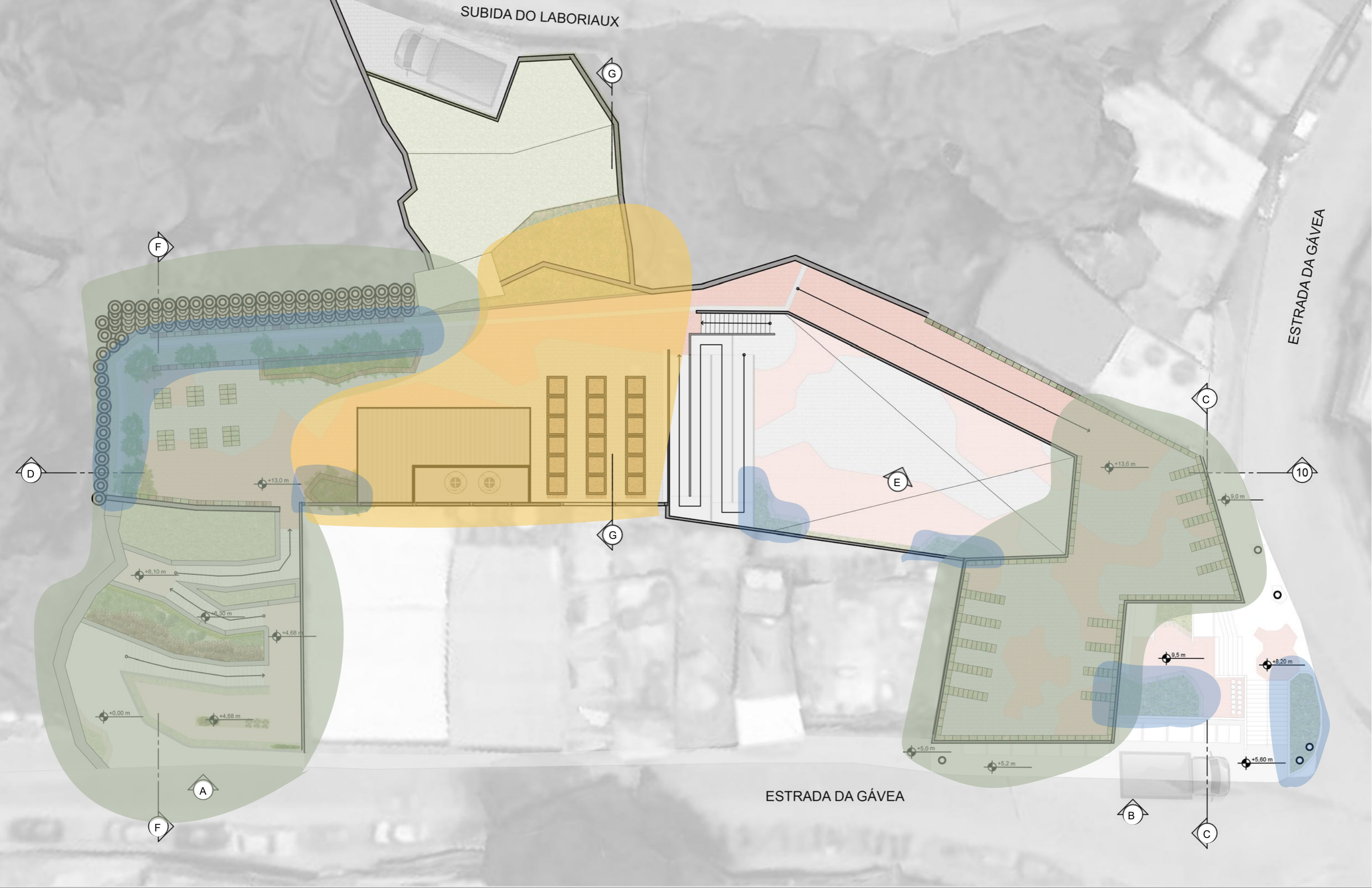
Bancos feitos com madeira reciclada



Horta em caixotes de feira



Cobertura de tecido retrátil



● BIOVALETAS
 ● COMPOSTEIRA
 ● HORTA

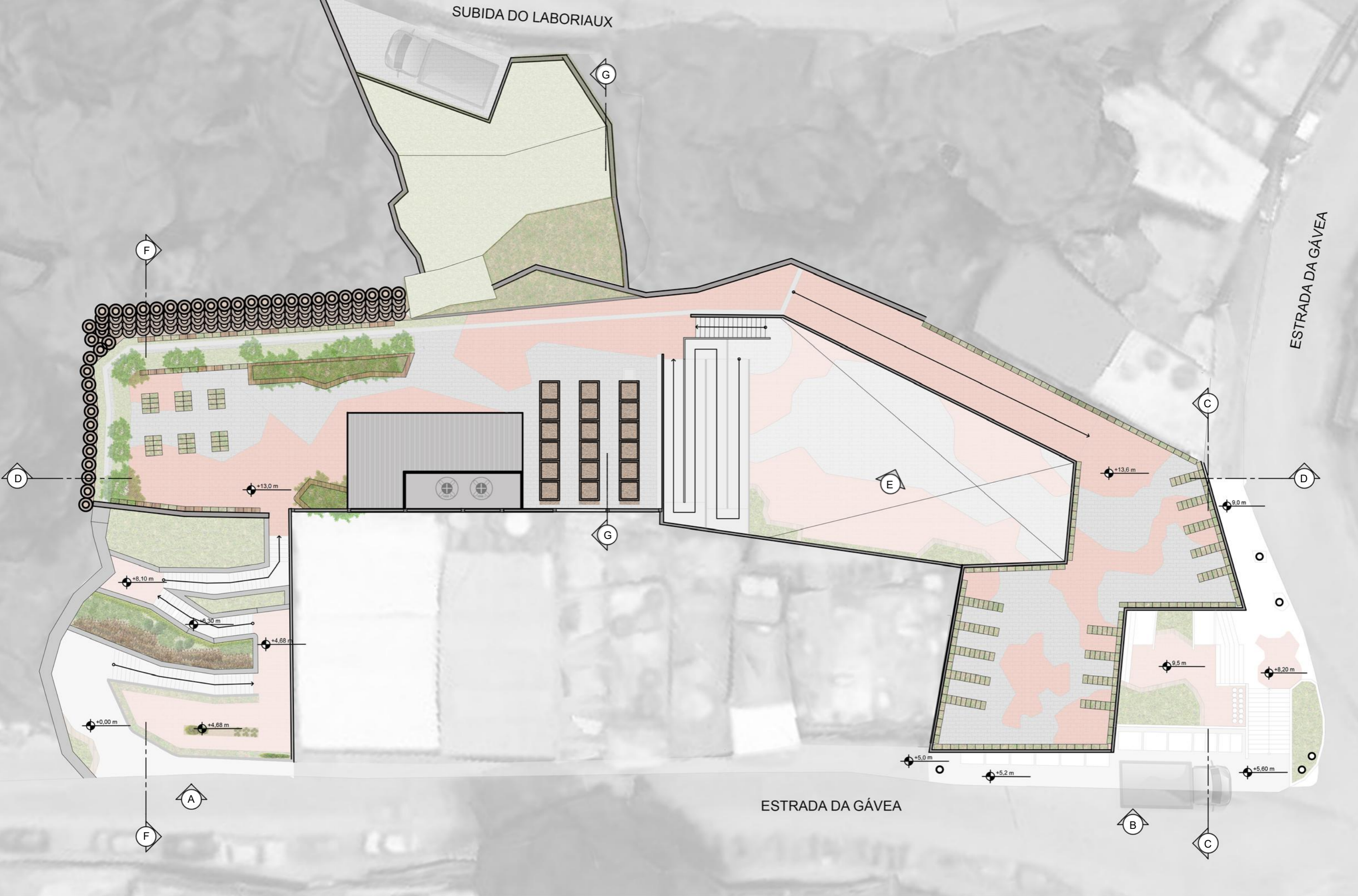
00 IMPLANTAÇÃO
 1/200



SUBIDA DO LABORIAUX

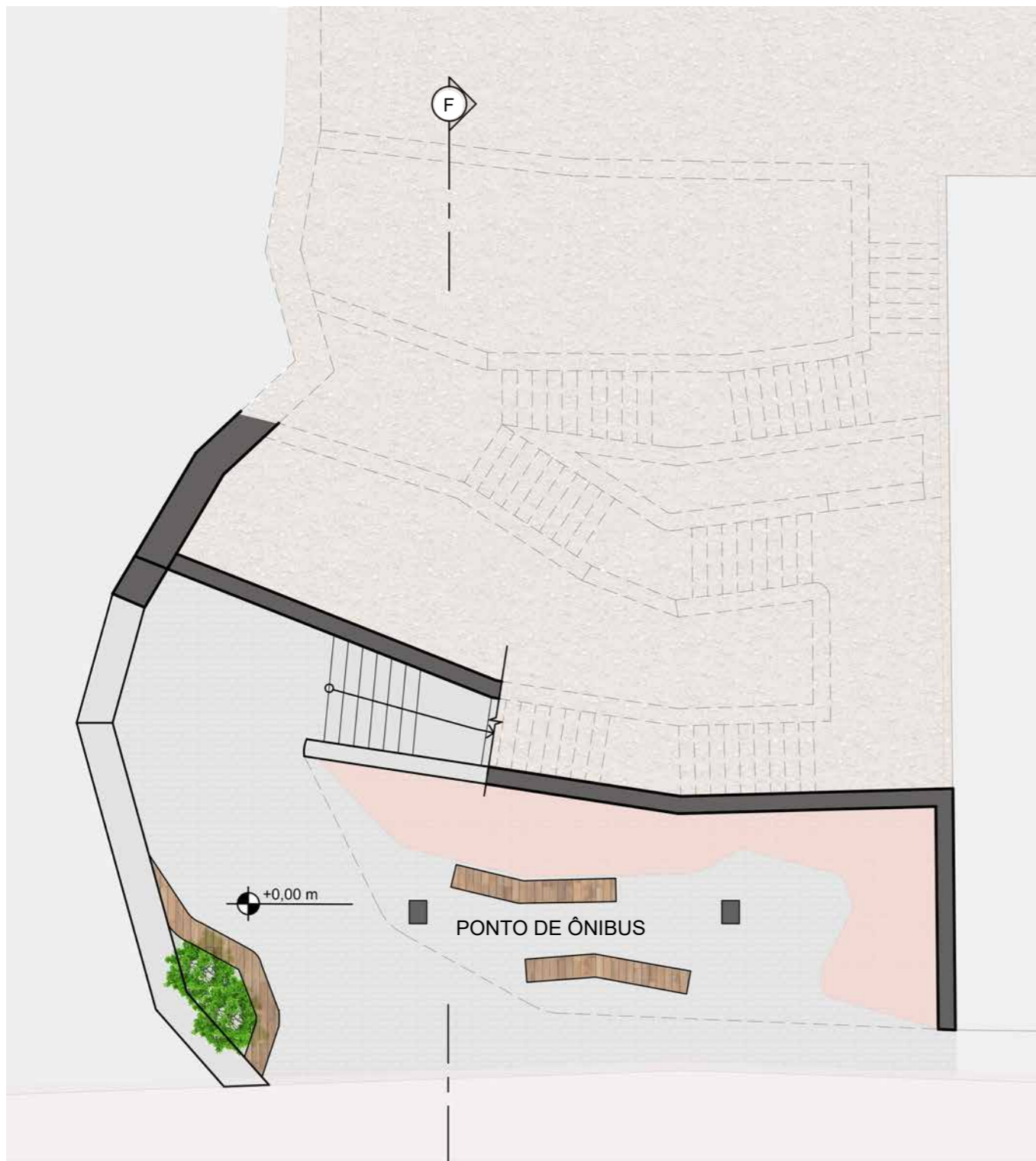
ESTRADA DA GÁVEA

ESTRADA DA GÁVEA



00 IMPLANTAÇÃO
1/200

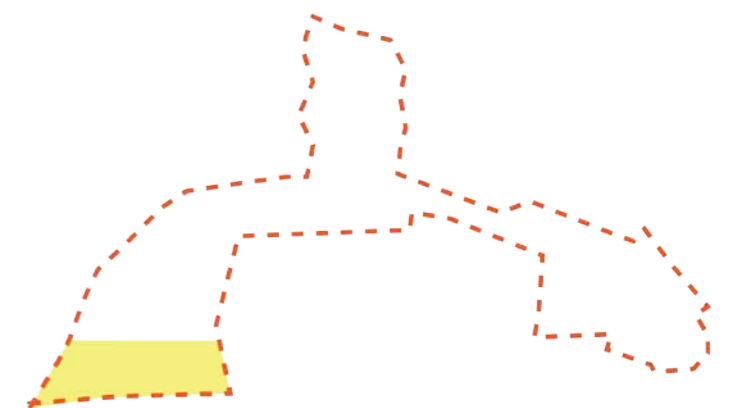


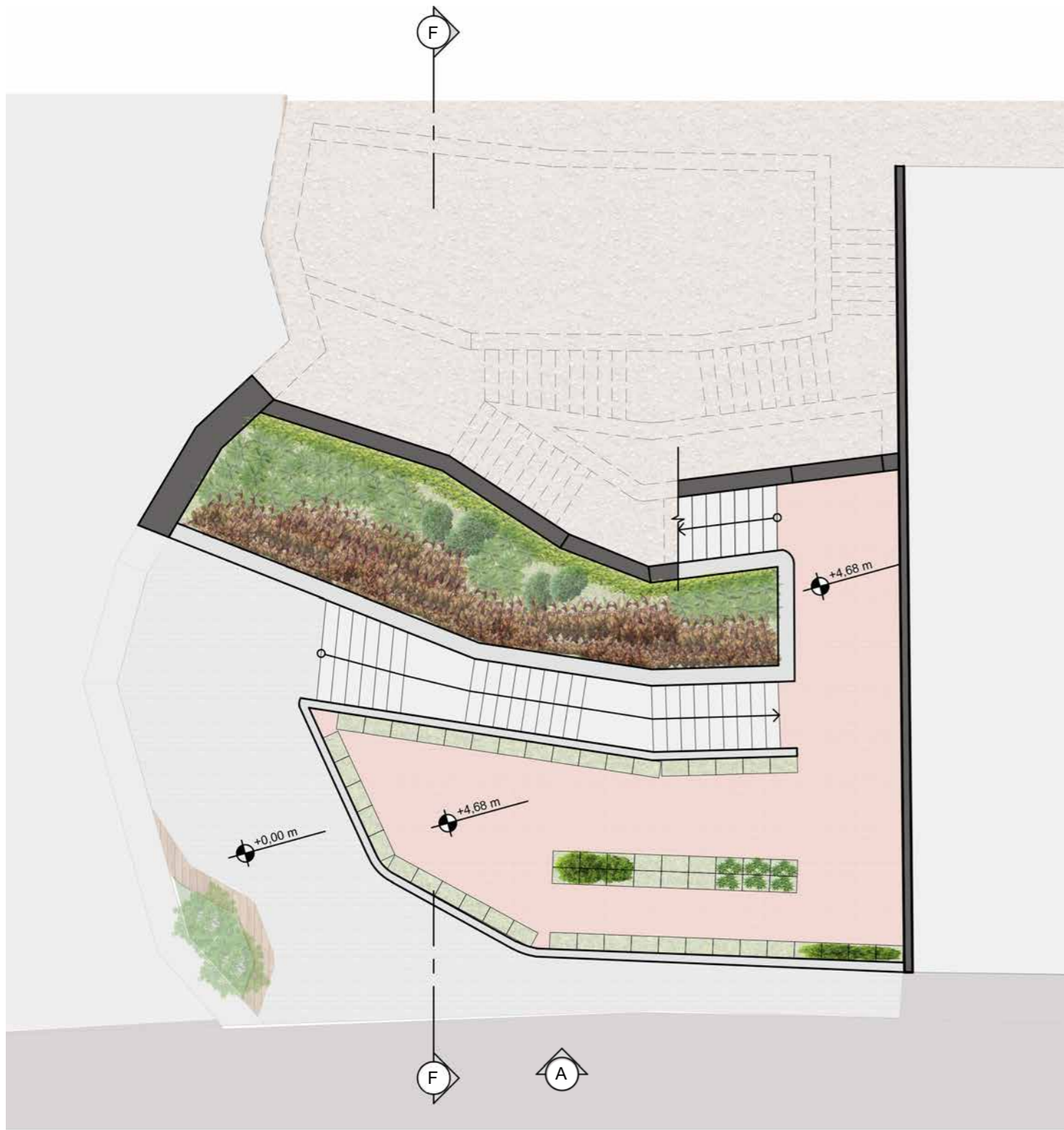


01 PLANTA BAIXA - NÍVEL ZERO
1/100



Imagem 58. Foto da área existente. Estacionamento loja de mat. de construção - Rua 1.
Fonte: Acervo pessoal, agosto de 2020.

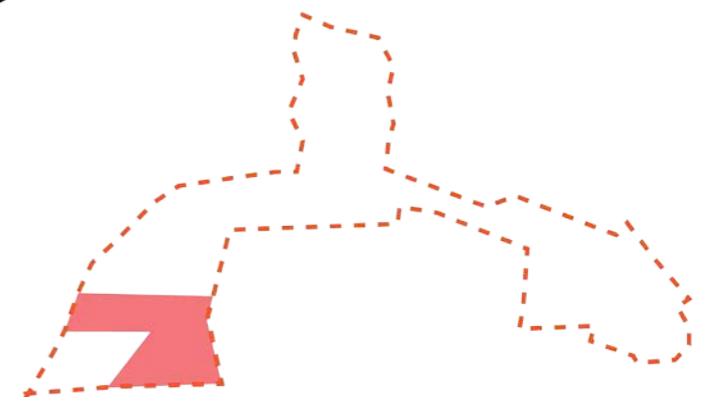


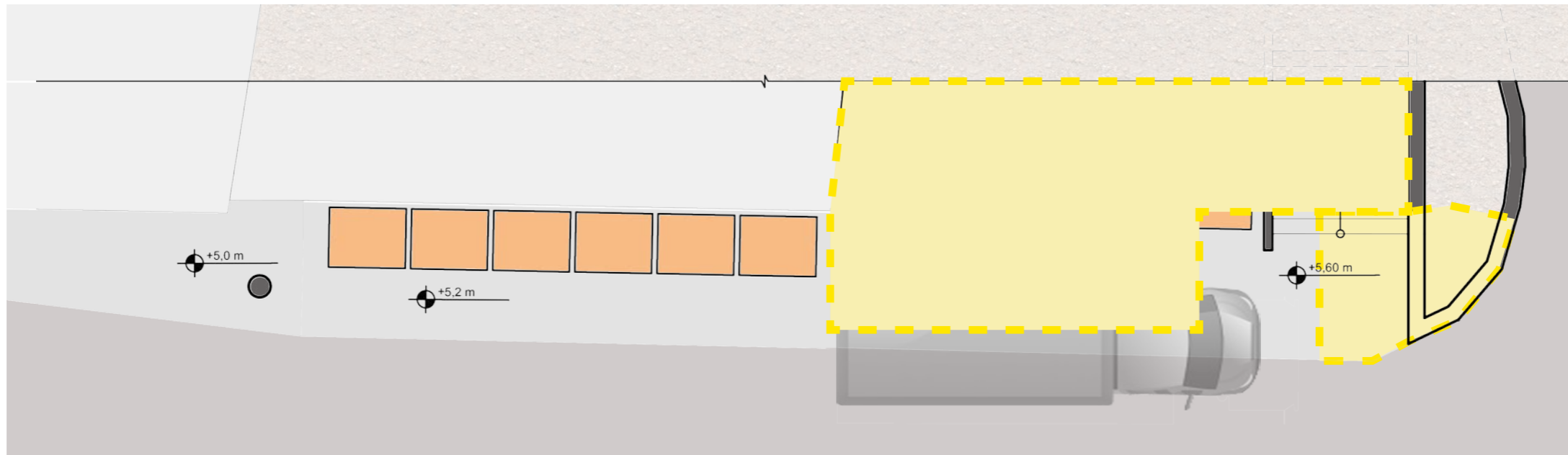


02 PLANTA BAIXA - NÍVEL 4,68 m
1/100



03 VISTAA
1/100

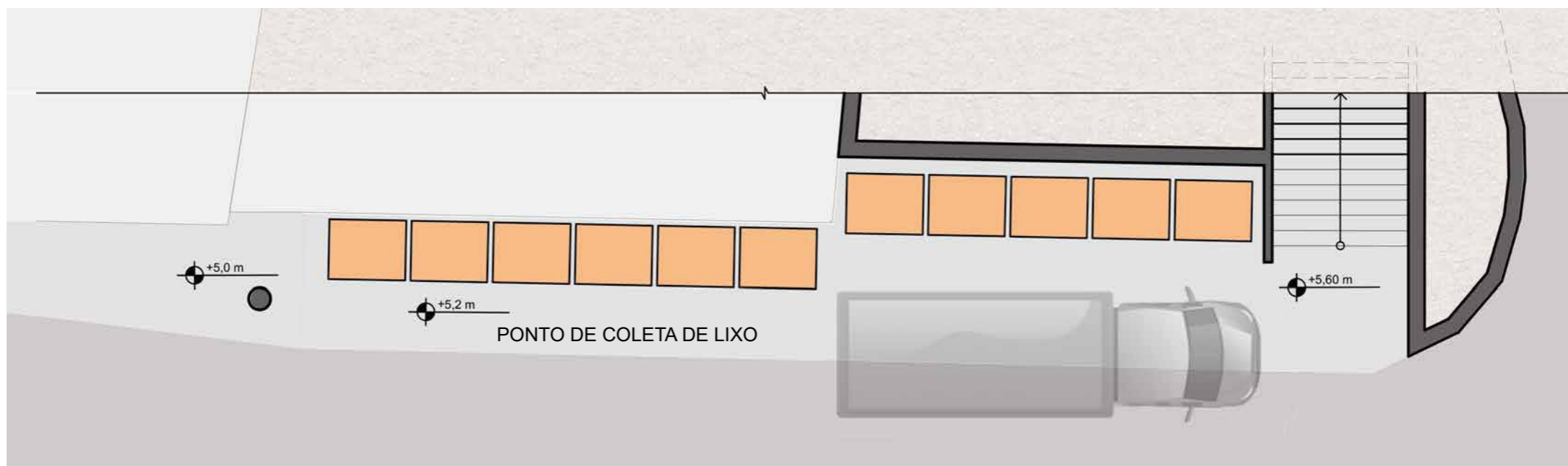




04 PB - DEMOLIR- NÍVEL 5,20 m
1/100



● DEMOLIR



05 PLANTA BAIXA - NÍVEL 5,20 m
1/100

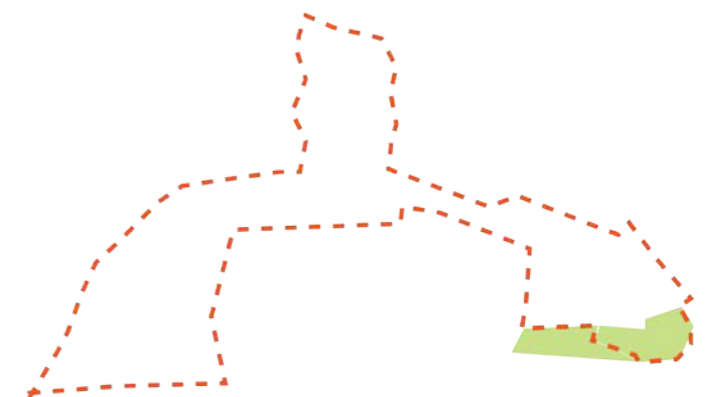


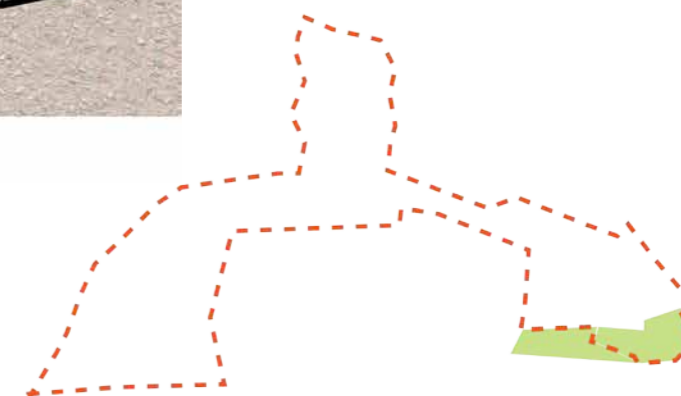


Imagem 59. Foto da área existente. Lixeira da Rua 1.
 Fonte: Acervo pessoal, agosto de 2020.

● REFORMAR ● DEMOLIR

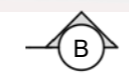


06 VISTA B - NÍVEL 5,20 m
 1/100

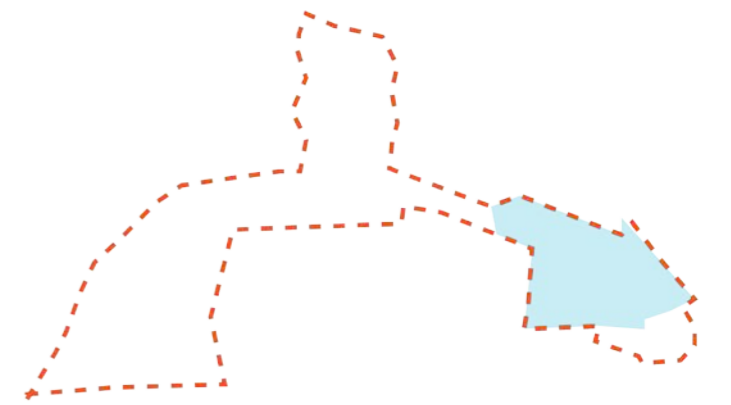


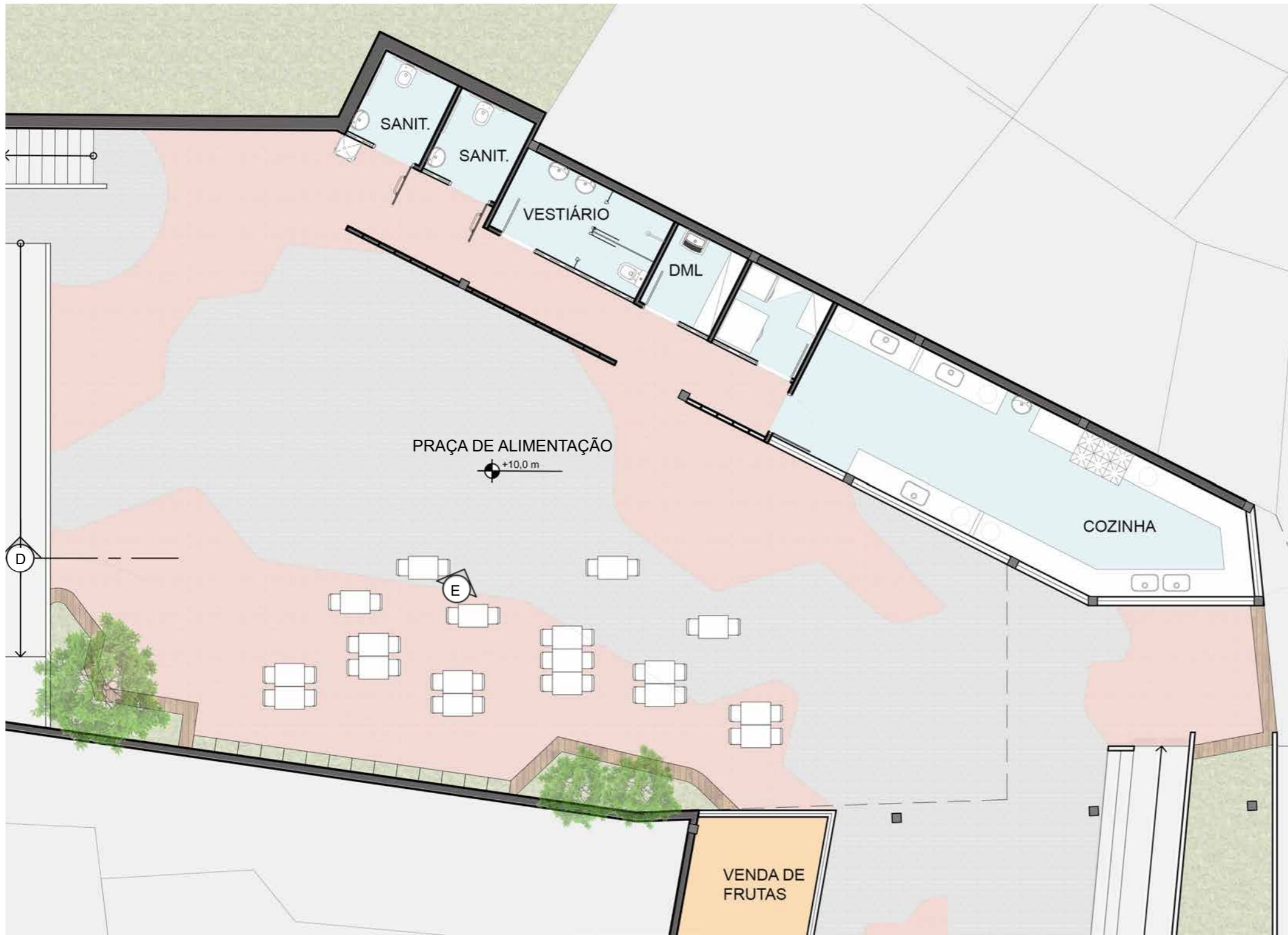


07 PLANTA BAIXA - NÍVEL 10 m
1/100

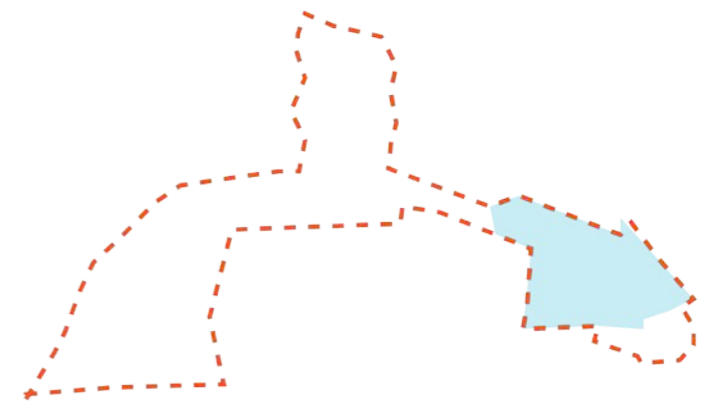


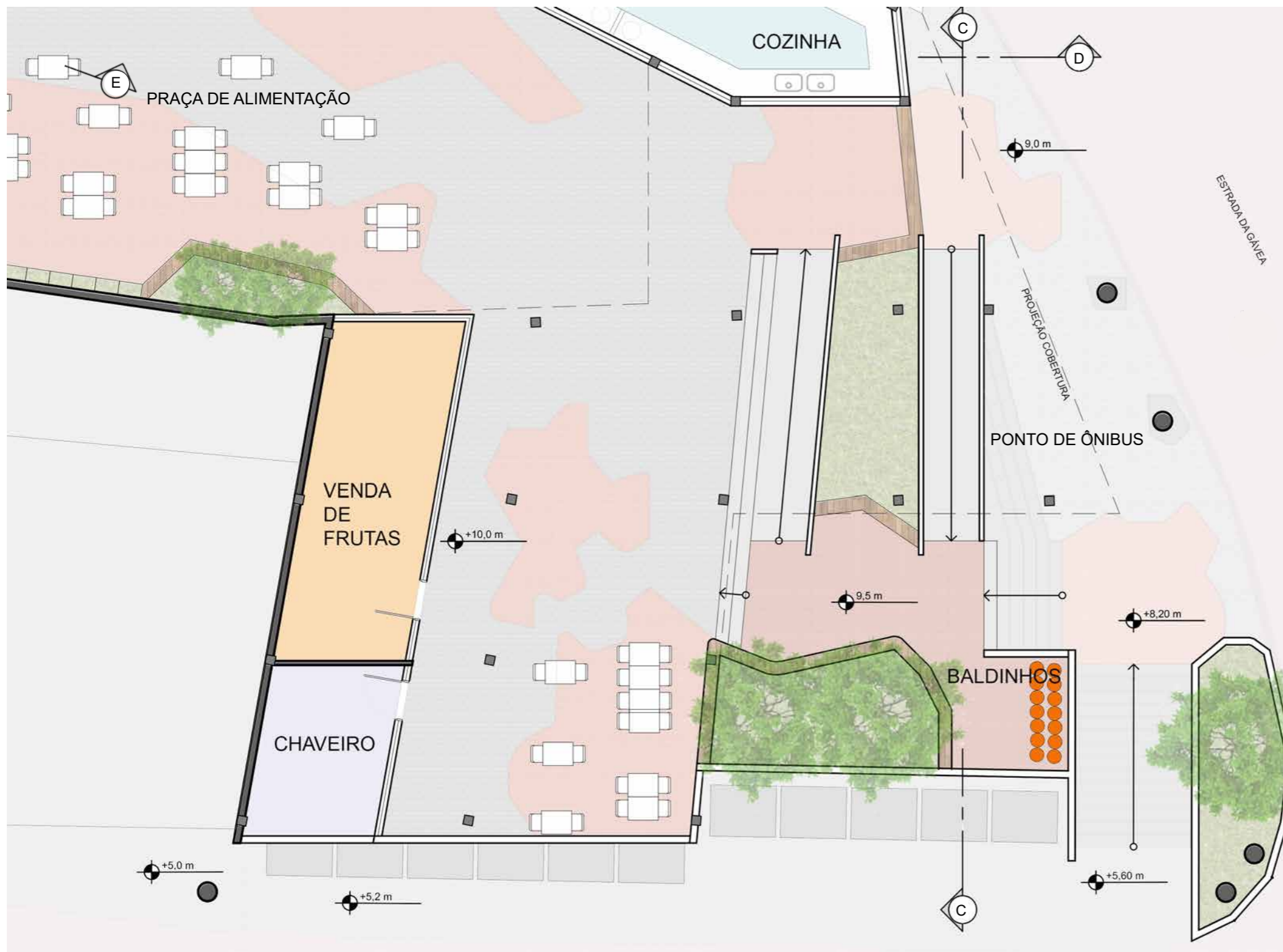
● DEMOLIR





08 PB - NÍVEL 10 m (SUPERIOR)
1/100





09 PB - NÍVEL 10 m (INFERIOR)
1/100

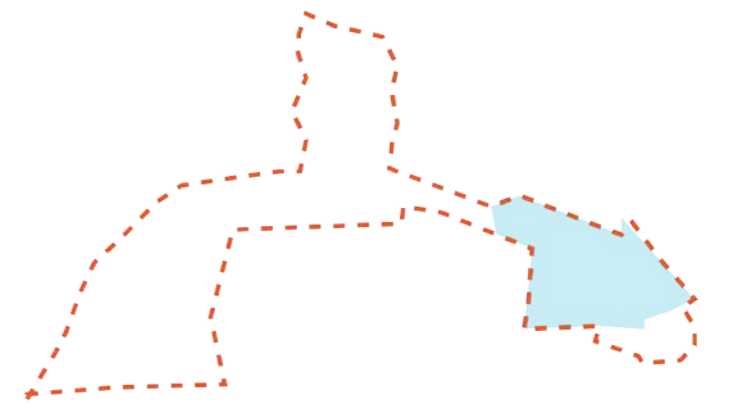
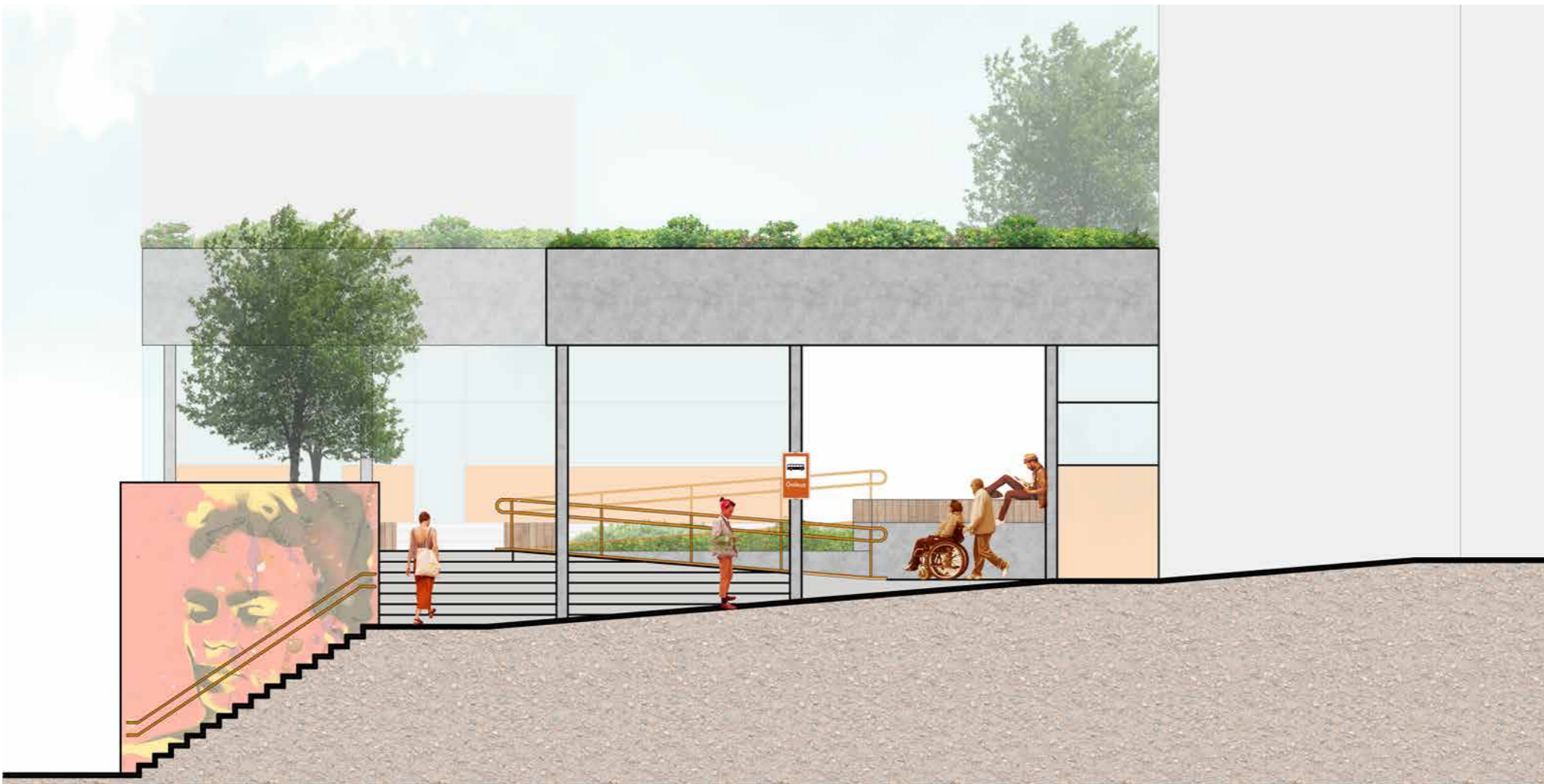


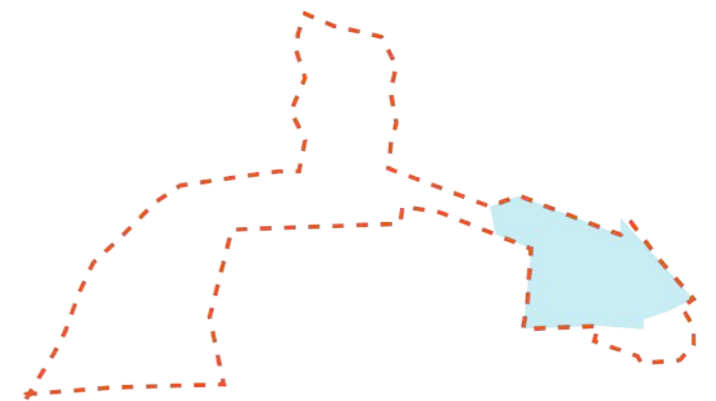


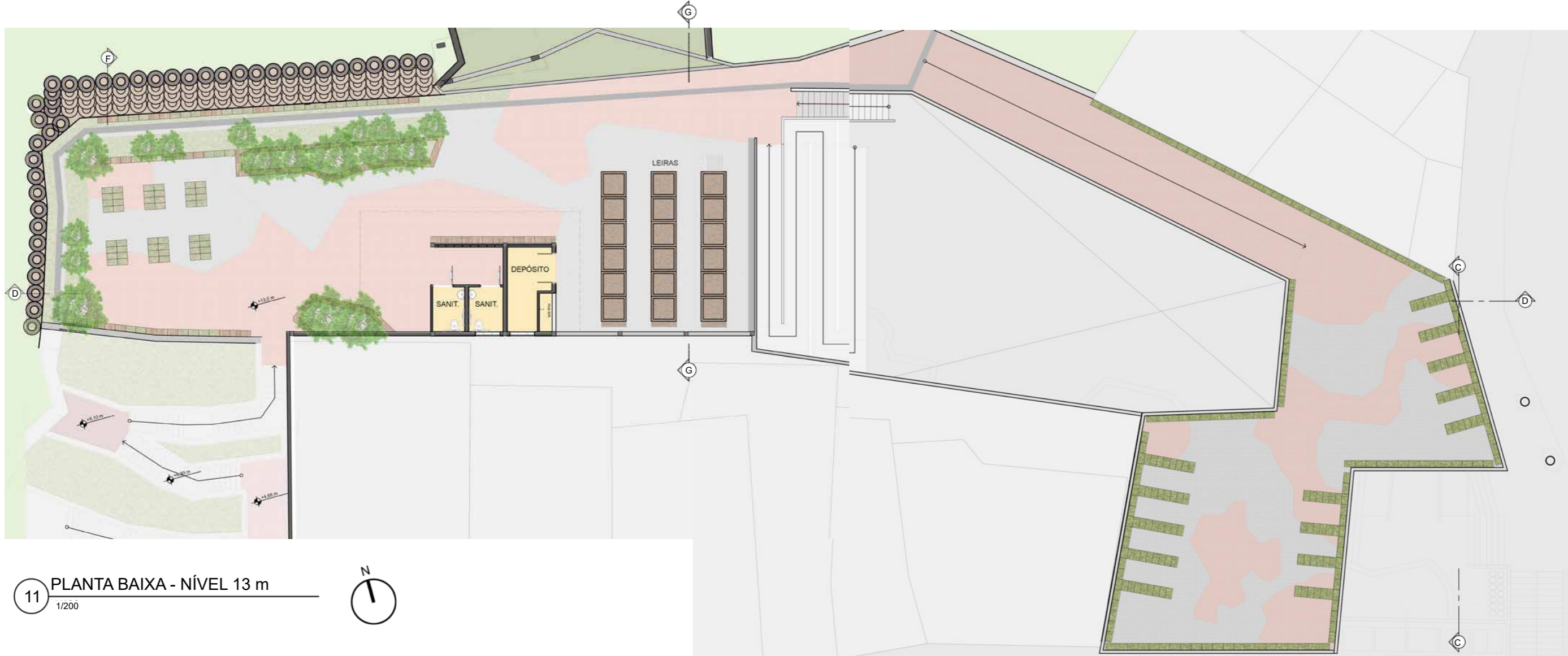
Imagem 60. Foto da área existente. Venda de frutas e chaveiro - entrada do estacionamento - Rua 1.
 Fonte: Acervo pessoal, agosto de 2020.

 DEMOLIR

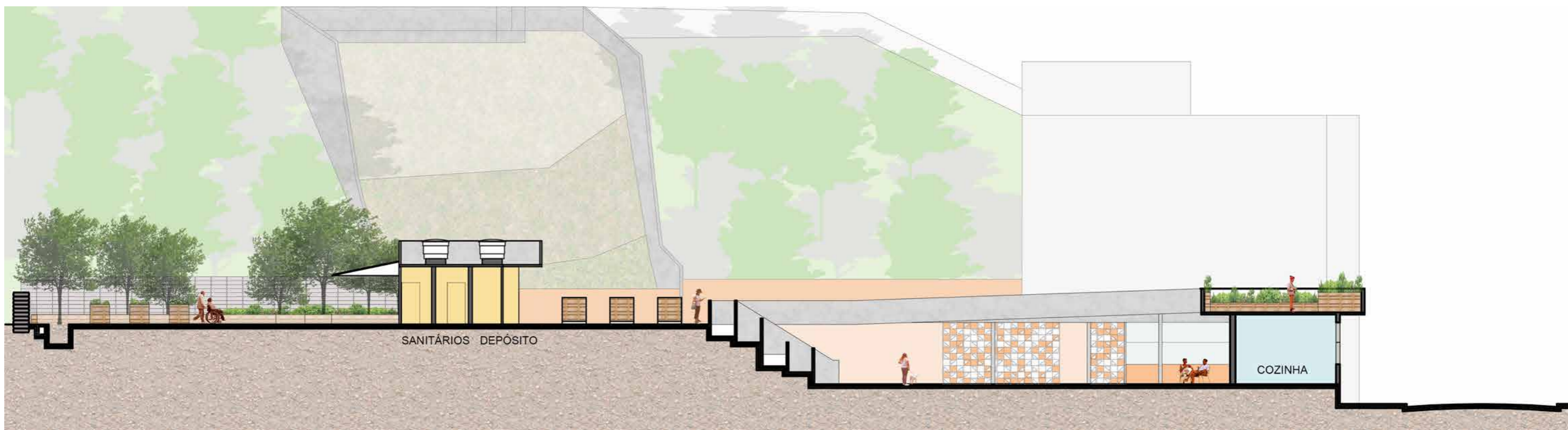


10 CORTE CC - NÍVEL 8,2 ao 10 m
 1/100





11 PLANTA BAIXA - NÍVEL 13 m
1/200

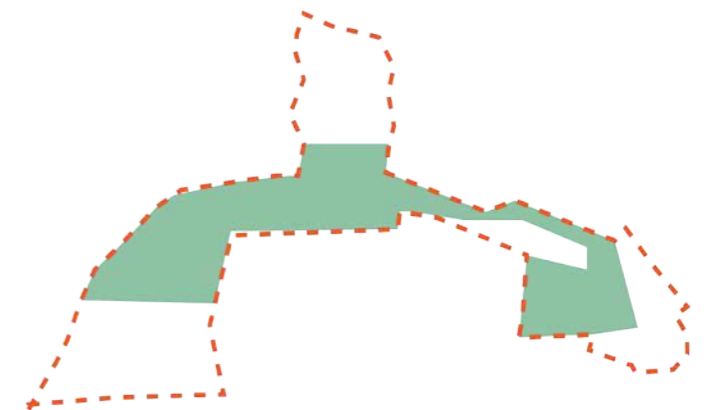


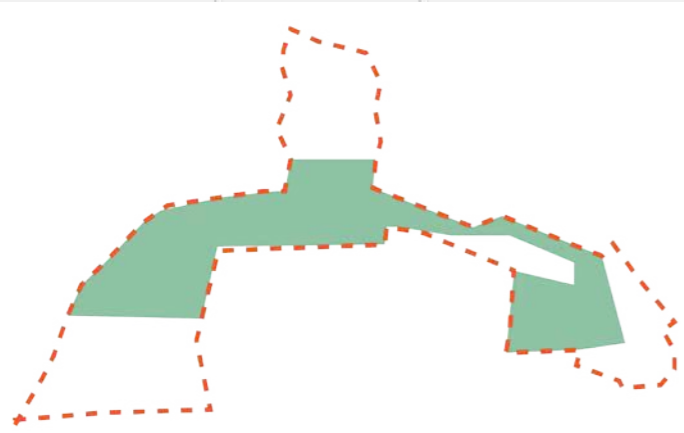
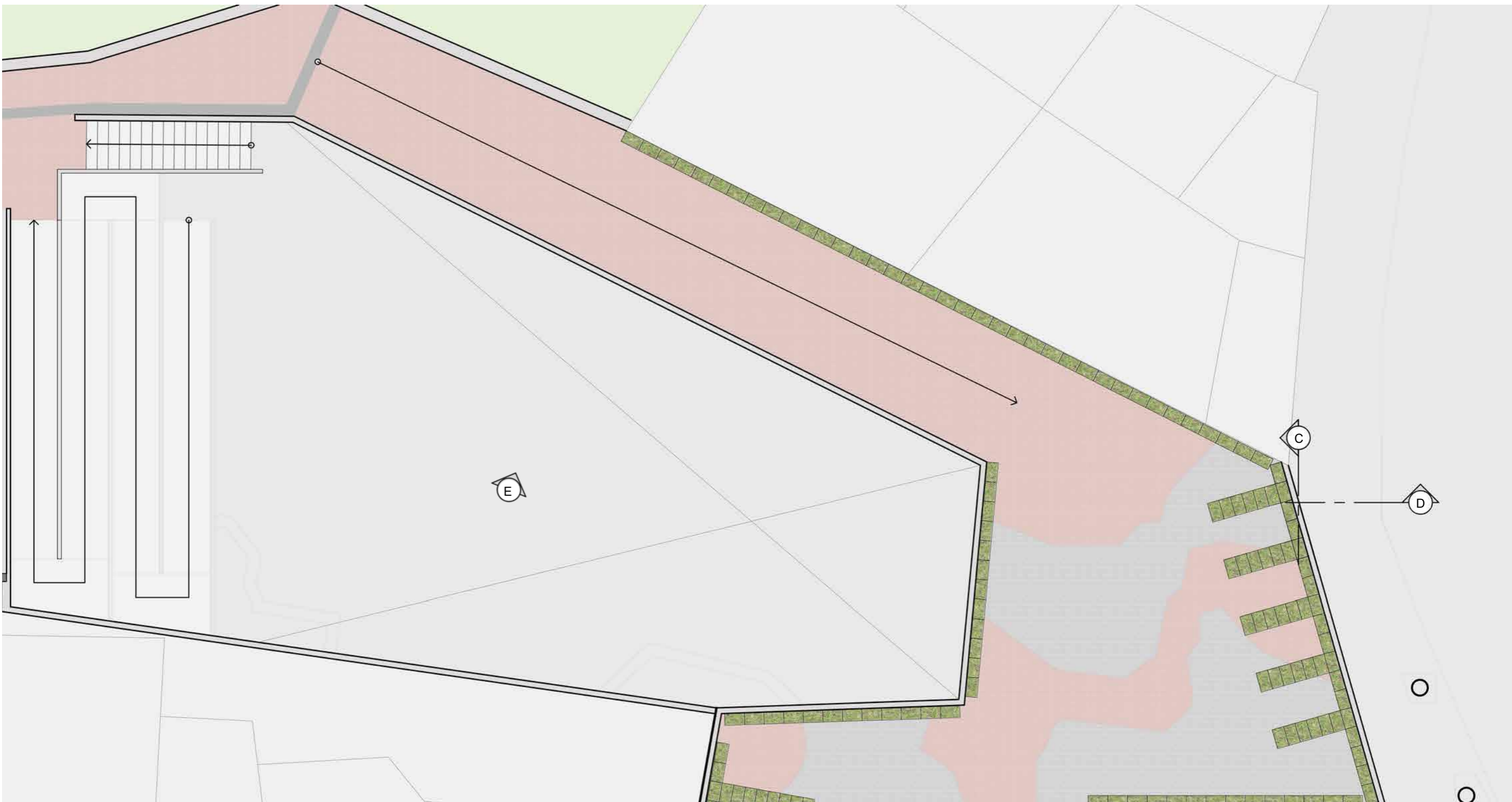
12 CORTE DD - NÍVEL 13 ao 10 m
1/200

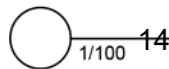





13 P. BAIXA - NÍVEL 13 m (esquerda)
1/100



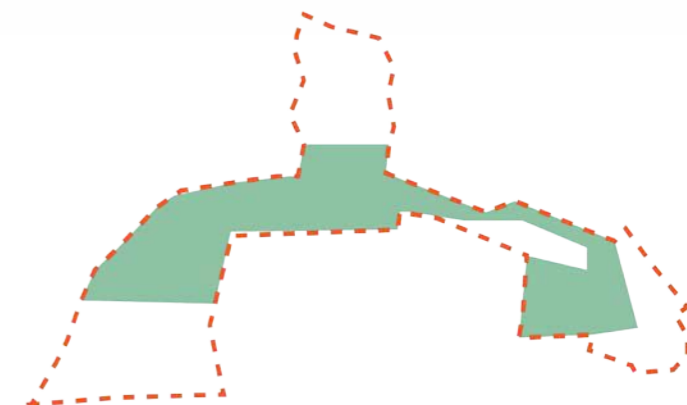


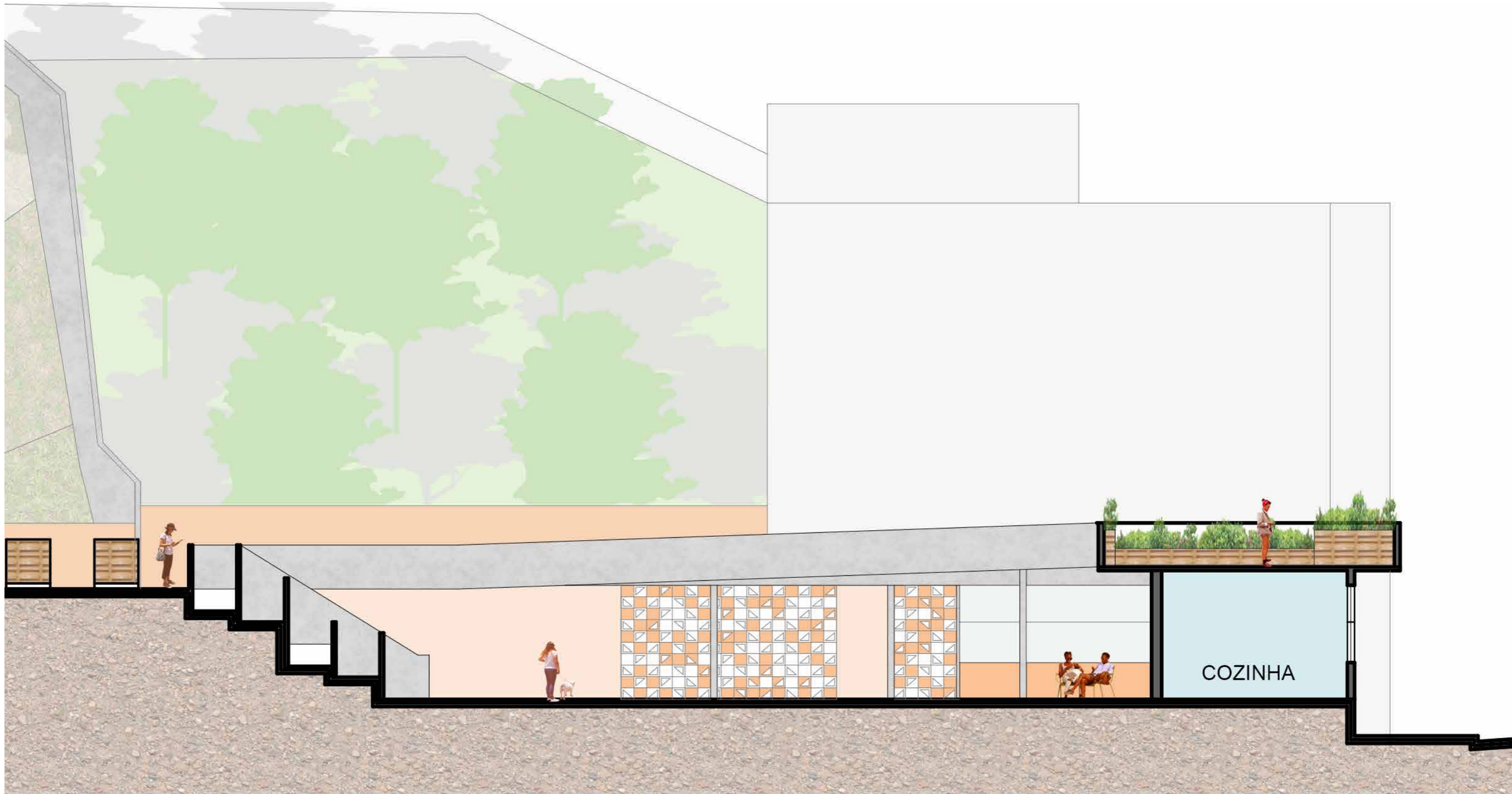

 14 P. BAIXA - NÍVEL 13 m (direita) 



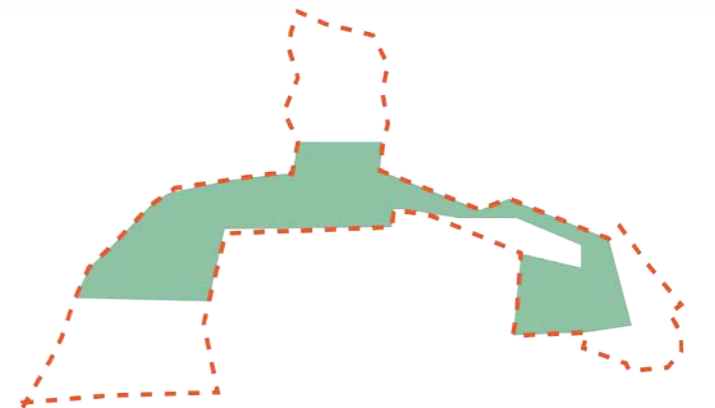


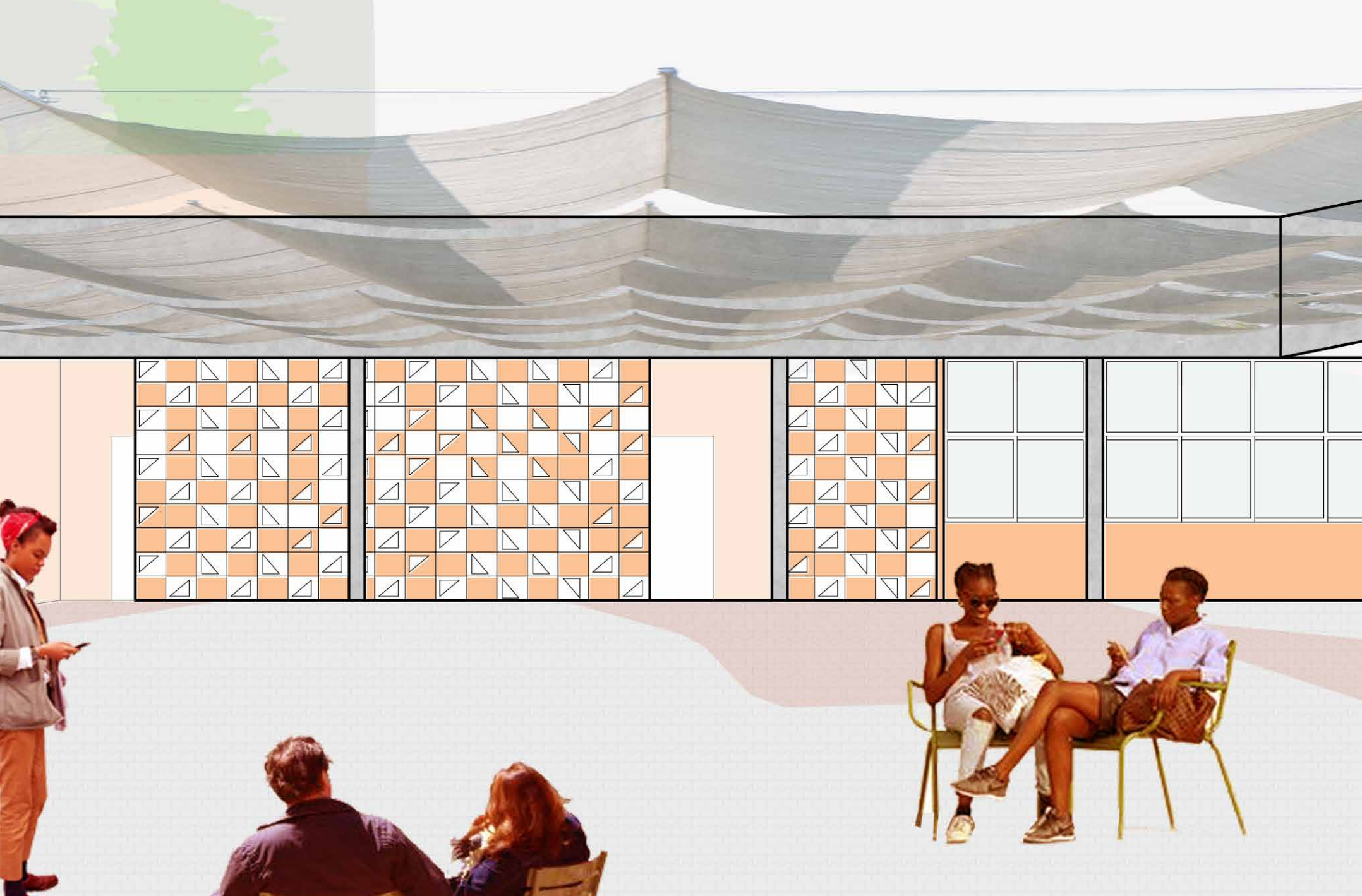
15 CORTE DD - NÍVEL 13 m (esquerda)
1/100



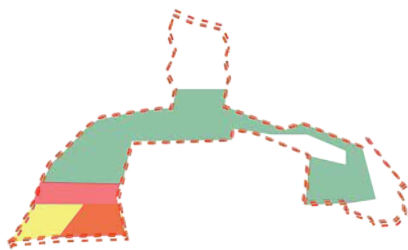
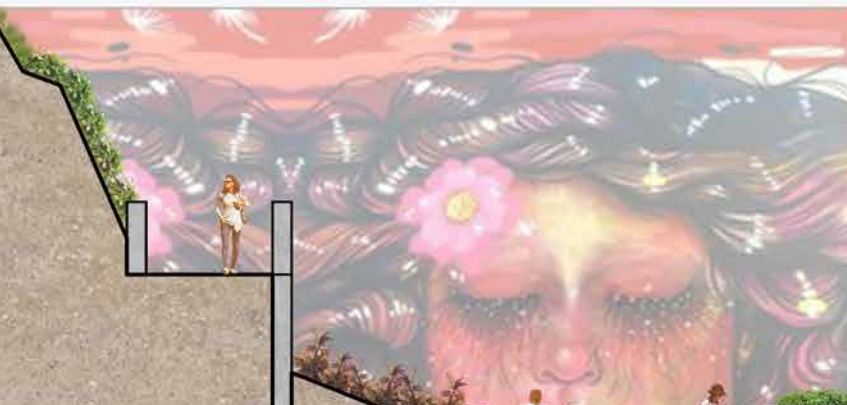


16 CORTE DD - NÍVEL 13 m (direita)
1/100



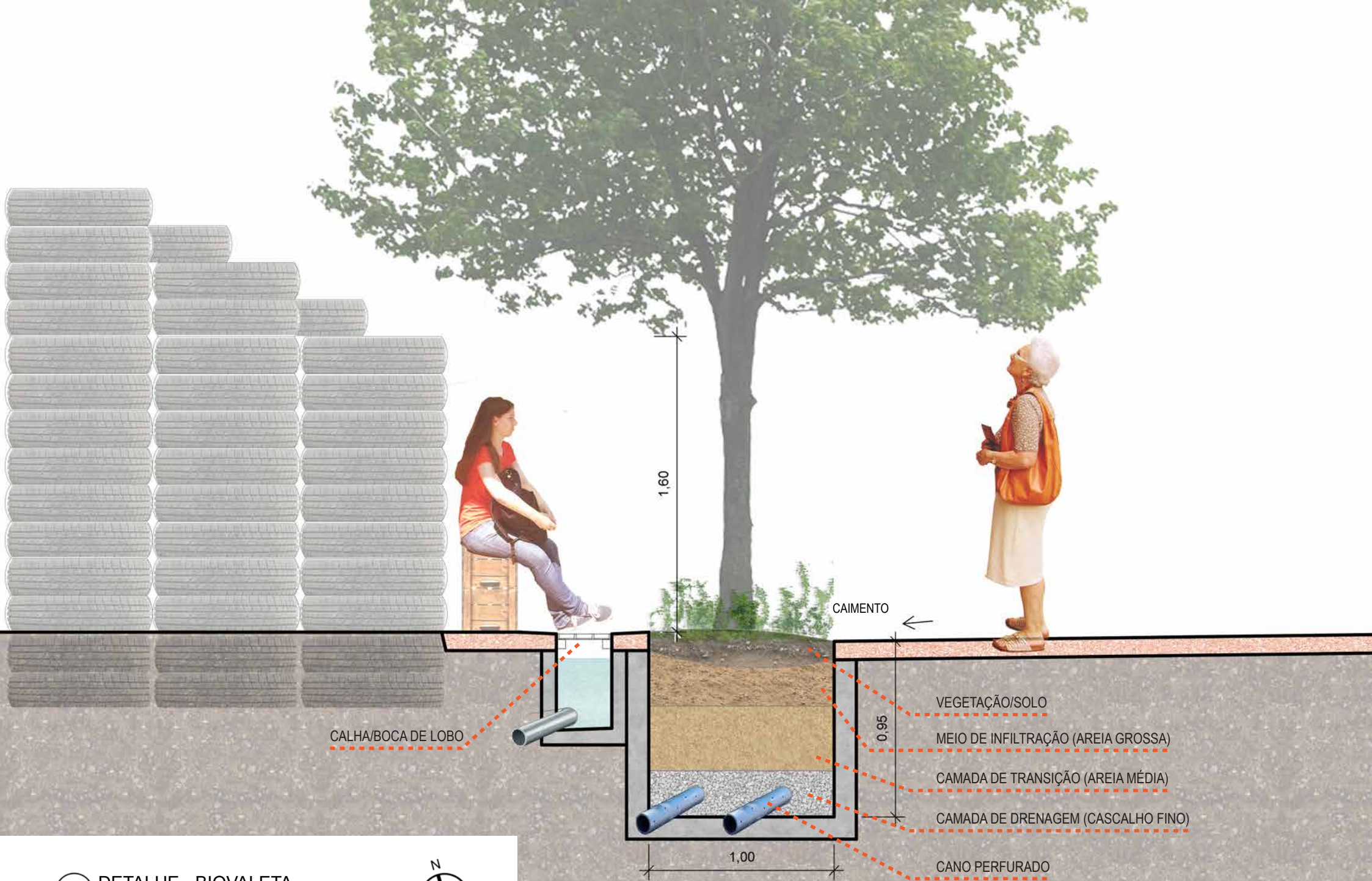


19

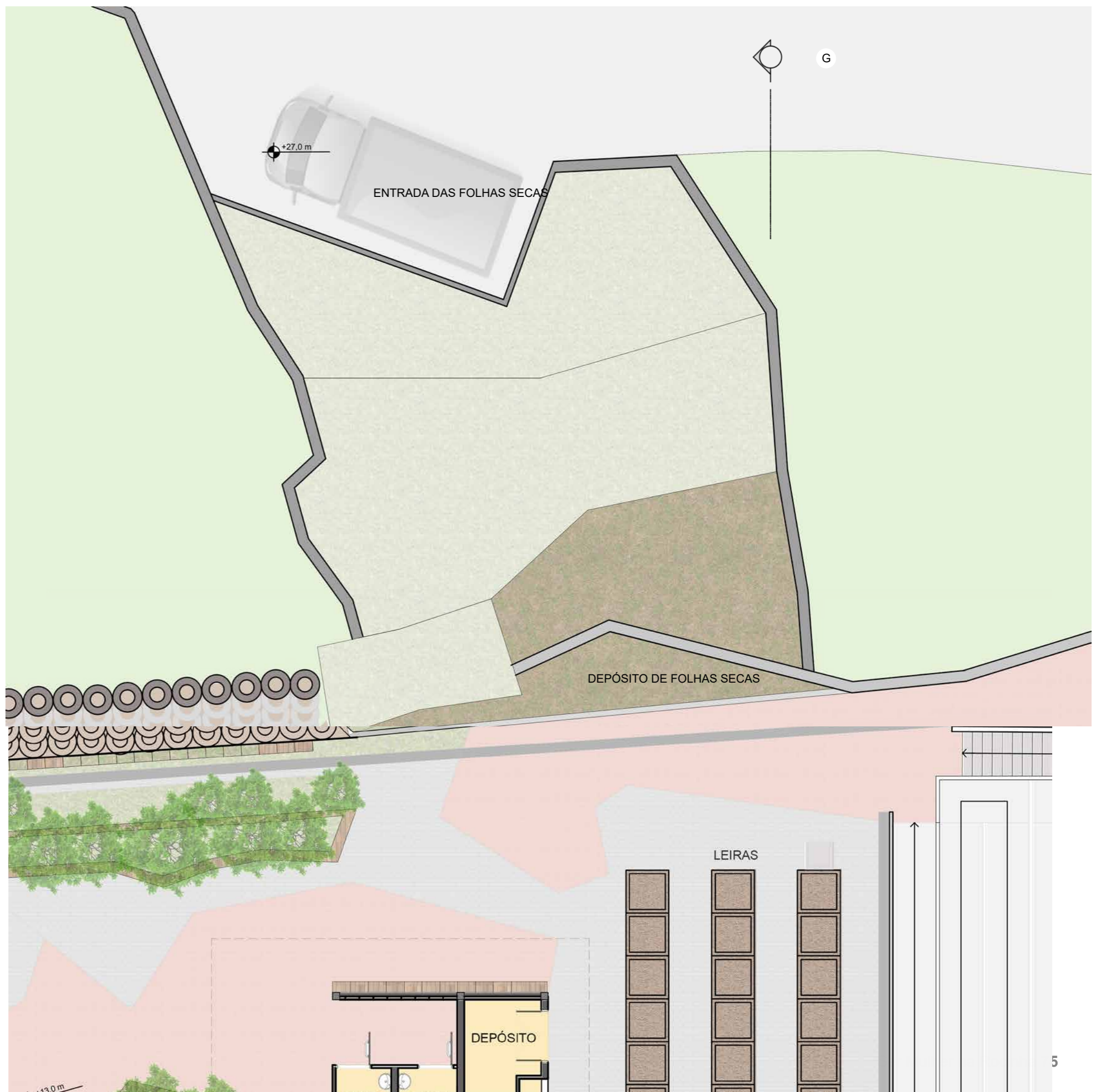
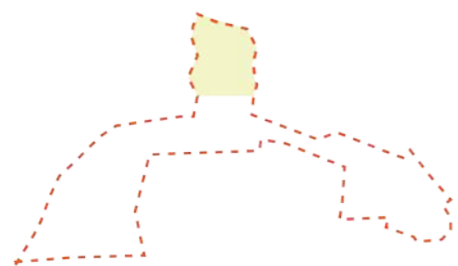


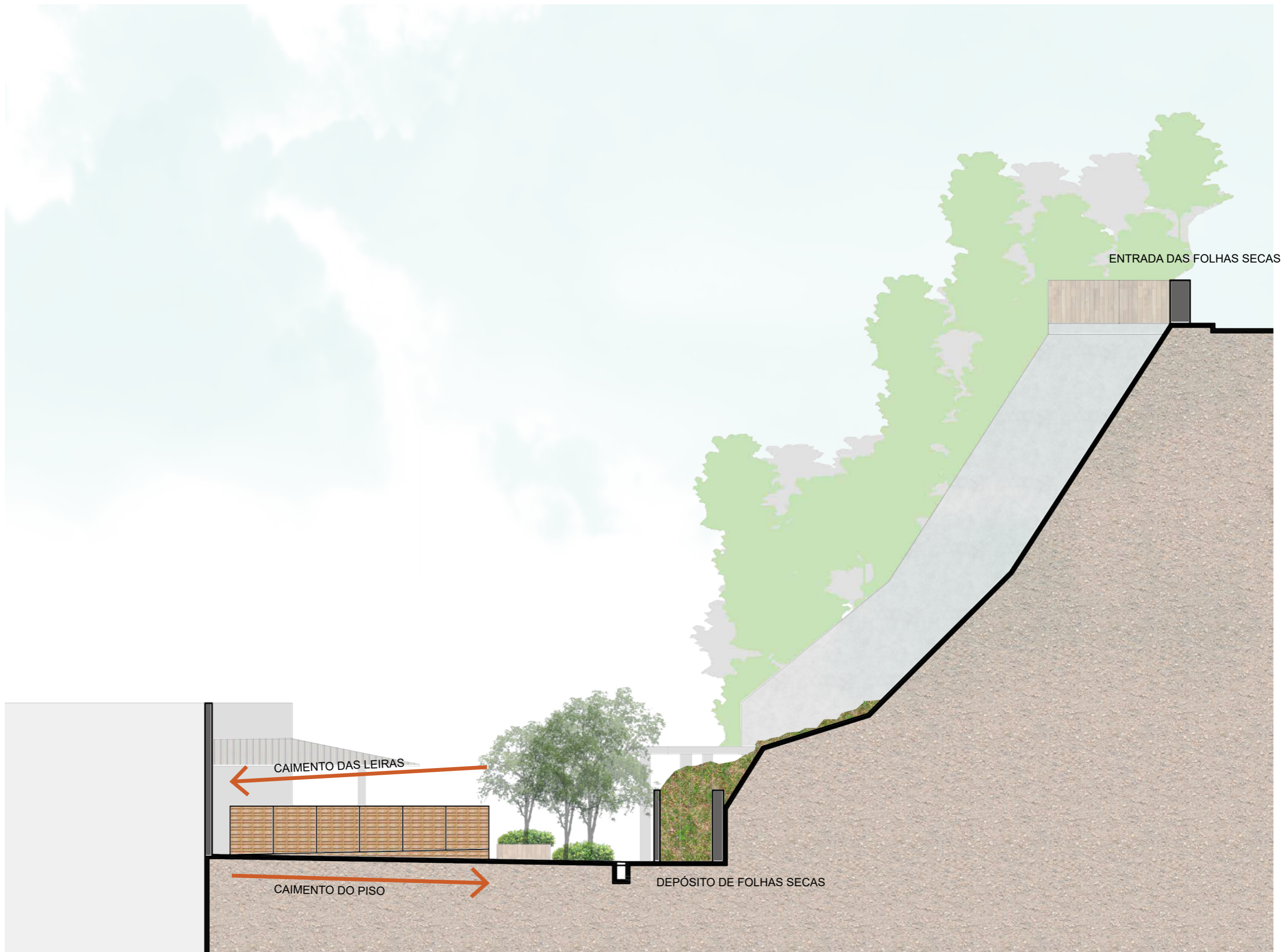
18 CORTE FF - NÍVEL 0 ao 13 m
1/100





20 PLANTA BAIXA - NÍVEL 28 m
1/100





ENTRADA DAS FOLHAS SECAS

CAIMENTO DAS LEIRAS

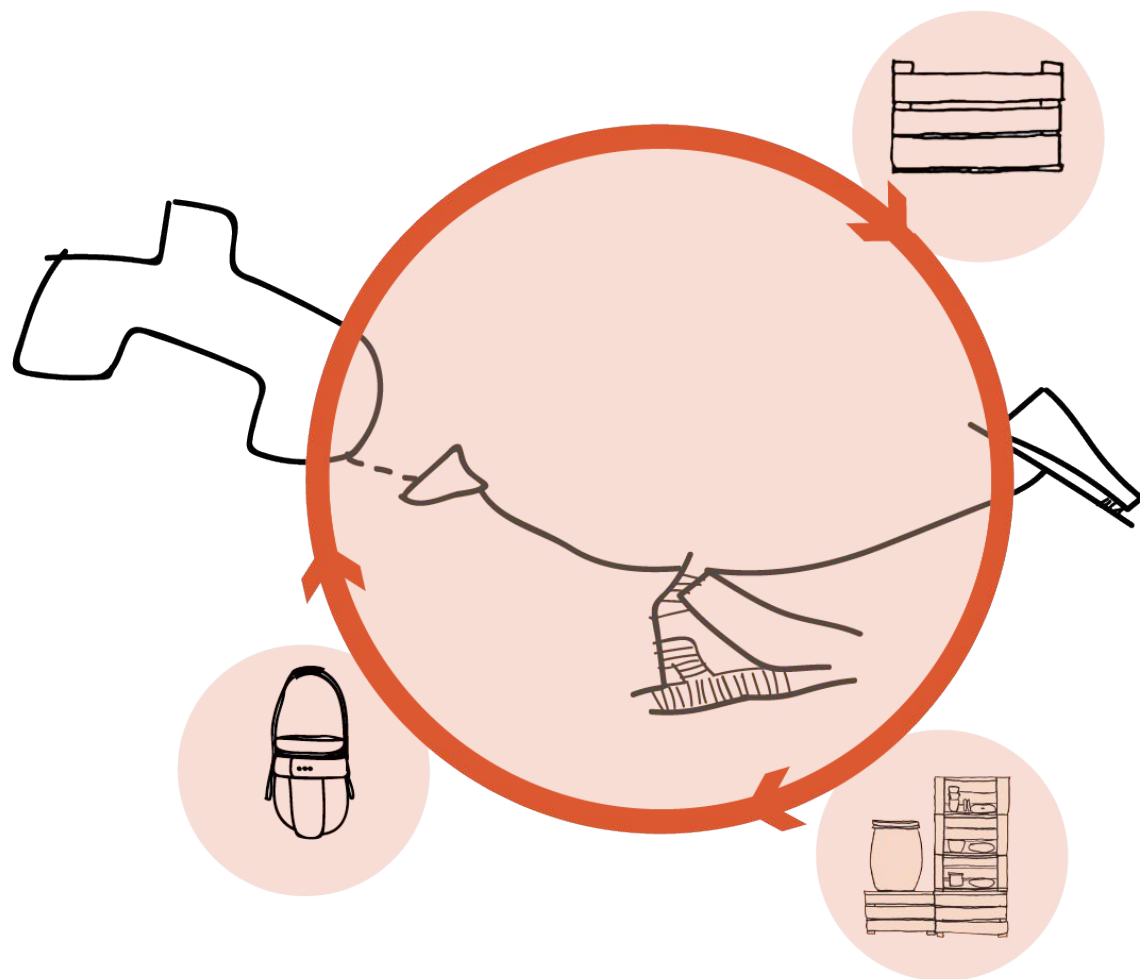
CAIMENTO DO PISO

DEPÓSITO DE FOLHAS SECAS

21 CORTE GG - NÍVEL 13 ao 28 m
1/100



INTERVENÇÕES



BOLSA BALDINHO

PROJETO

Assim como a empresa Composta' e esse projeto pensou em formas de recolher todos os resíduos das parceiras, porém uma bike ou até mesmo uma motocicleta não funcionaria para a Rua 1, por ser uma localidade composta por escadarias.

A ideia da bolsa baldinho surgiu então com a necessidade de transportar o baldinho cheio de resíduos orgânicos até o parque de compostagem de forma prática e individual.

Sendo assim, para ela existir precisa ser de fácil montagem e com materiais baratos e de fácil acesso. Por isso foi pensado em utilizar as barras de calças jeans como tiras para compor a bolsa, além de botões para fazer seu fechamento. O balde em si precisa apenas ter 5 litros de capacidade e uma tampa com uma boa vedação, ele pode ser por exemplo, um balde de manteiga usado em cozinhas industriais, ou até mesmo de produtos utilizados em obras, como tintas.

Calça jeans



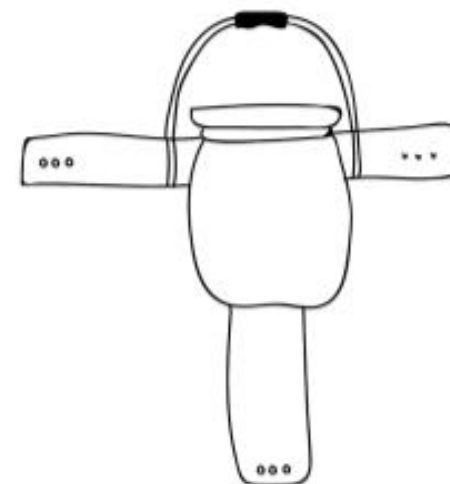
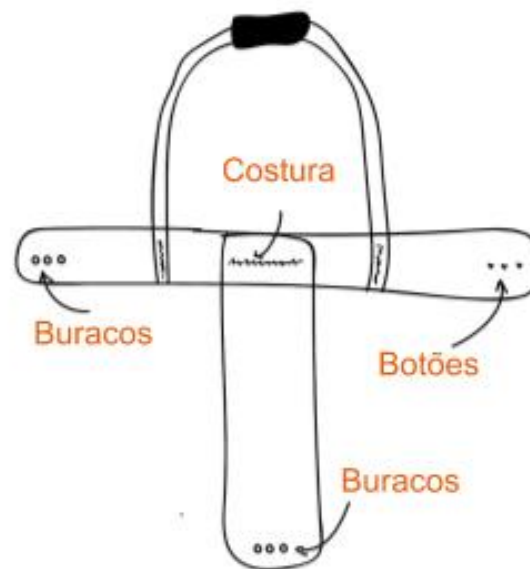
+



=



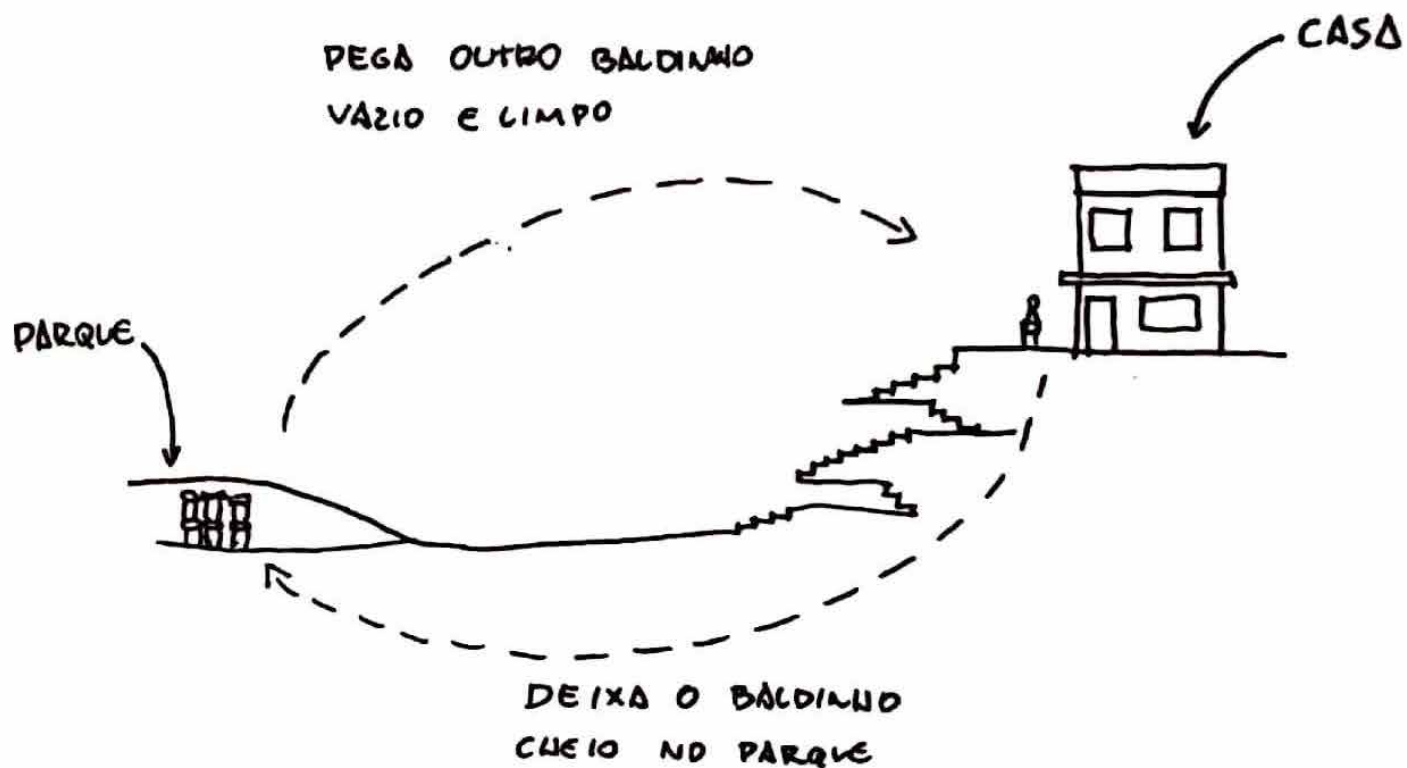
Balde com tampa de 5 Litros



BOLSA BALDINHO

CICLO DO BALDINHO

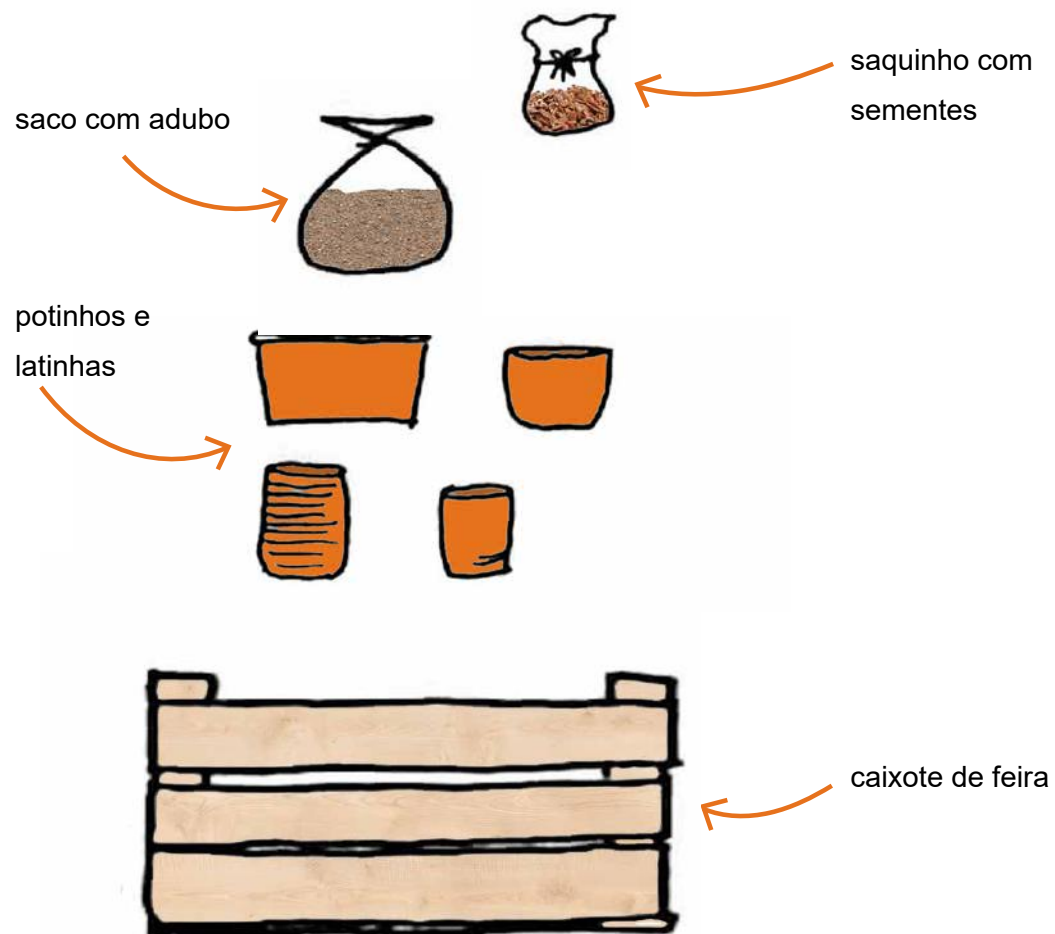
O ciclo do baldinho funciona de forma cíclica, onde a mulher pode sair de casa com seu baldinho, descer a Rua 1, deixar seu baldinho cheio de resíduos orgânicos no Parque de Compostagem, e a partir de lá, dobrar sua bolsa e seguir para seu destino. Já na volta ela pode pegar outro baldinho limpo e vazio antes de subir a Rua 1 até sua casa.



KIT HORTA

O Kit Horta é uma maneira de retribuir as pessoas que queiram compor seus resíduos e também de convidar novas pessoas a conhecerem e participarem do projeto.

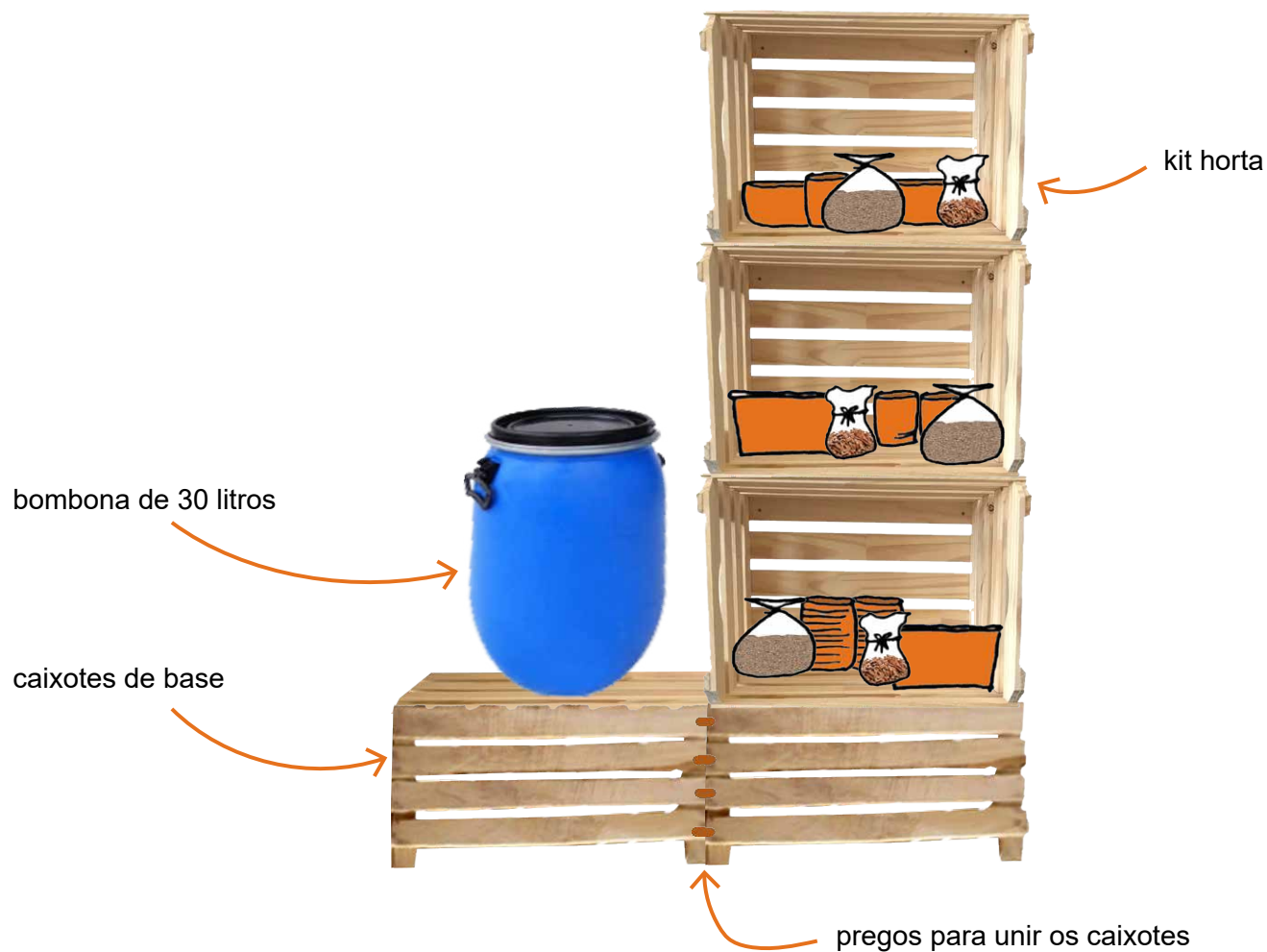
Com ele espera-se conseguir reutilizar resíduos que antes iriam para lixões e também permitir que mais pessoas consigam plantar sua própria horta dentro de suas casas.



PONTO DE COLETA

O Ponto de Coleta funciona junto com a bolsa baldinho e também o kit horta, a ideia é espalhar pontos de coleta pelo trajeto da Rua1, que tenham uma bombona de 30 litros para que as pessoas que não puderem descer com seus baldinhos, despejem seu resíduo ali. (Assim como é feito na Favela Chico Mendes, na Rev. dos baldinhos (pag.40)).

E que os kit horta fiquem junto a bombona como um módulo de retirada deles.



HORTA NO CAIXOTE

PASSO A PASSO

OPÇÕES DE PLANTIO



cebolinha



coentro



agrião



alface



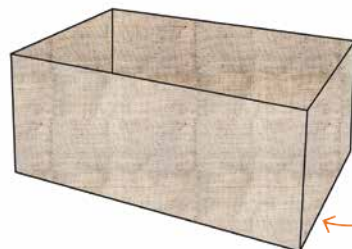
ora-pro-nobis



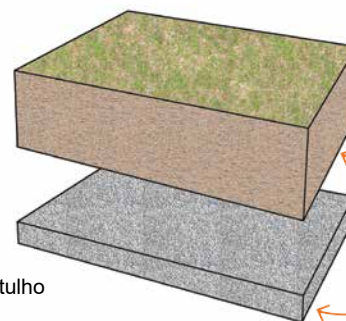
peixinho



+



+



terra

pedrinhas

=



1. Limpar e impermeabilizar o caixote de feira

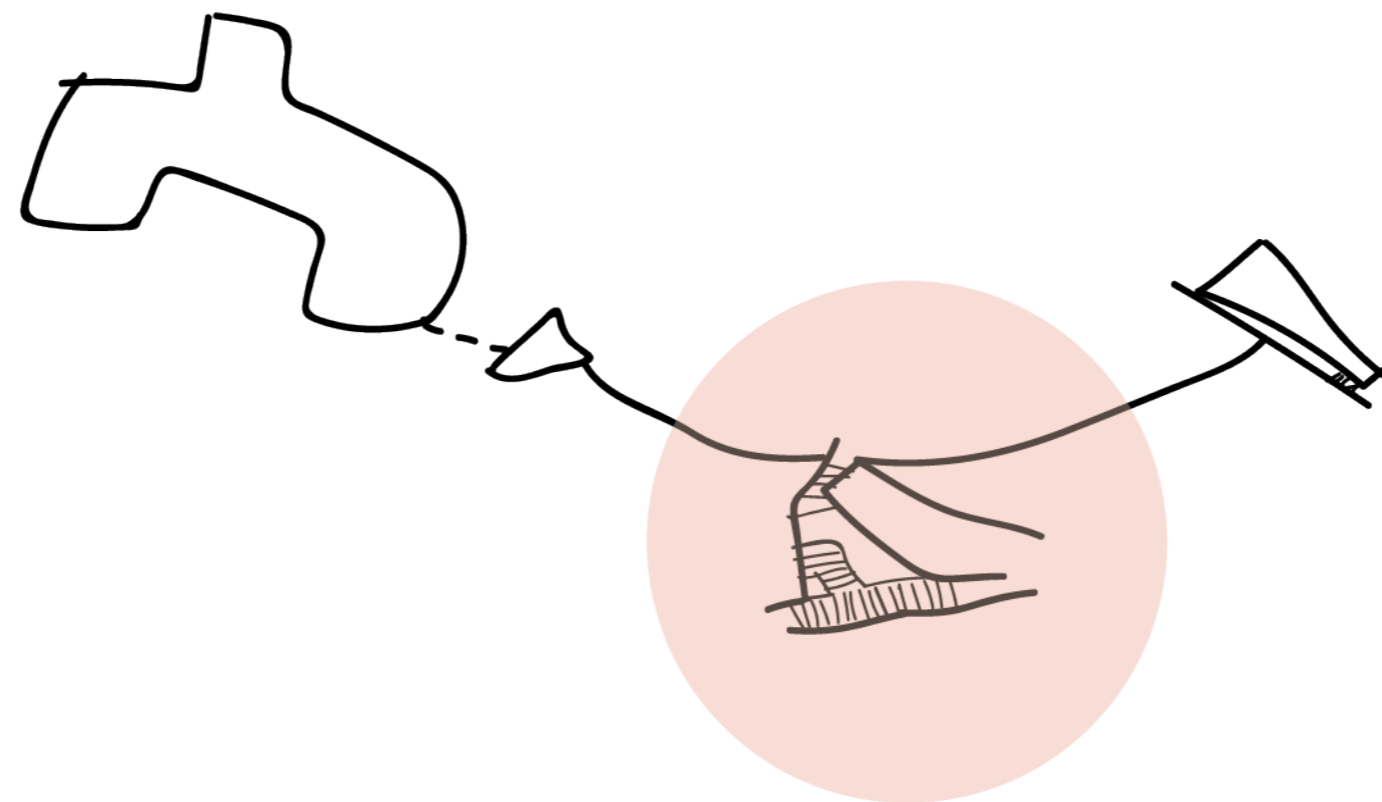
2. Forrar todo o caixote com:
- saco de entulho usado (ou)
- saco plástico grosso (ou)
- caixa de leite

3. Fazer furos no fundo do saco, para que a água escoe

4. Cobrir o fundo da caixa com pedrinhas

5. Colocar terra adubada

6. Plantar as mudinhas



B ESPAÇO CRECHE D. ELIZA < PRAÇA DE RECOLHIMENTO

IMPLANTAÇÃO

Os espaços B e C se transformam em estímulos, para que outros lugares possam receber as soluções, de modo que essas estruturas sejam temporárias, facilitadoras de novas hortas domésticas. Ou seja, da Praça de recolhimento as mulheres podem levar esas soluções até suas casas, para outros espaços e assim cultivar, tratar e praçar pela Rocinha inteira.



amarelinha de tampas de garrafa.
Referência: Enlace Arquitetura, La Ceiba, 2018.
Imagem 61. Fonte: <http://www.enlacearquitectura.net/work/2018/03/la-ceiba-sem-brando-ciudad/>. Acesso em 01/03/2021.

ponto de coleta



horta no caixote



Porque tu, o Senhor, és o meu refúgio! O Altíssimo é a tua habitação.

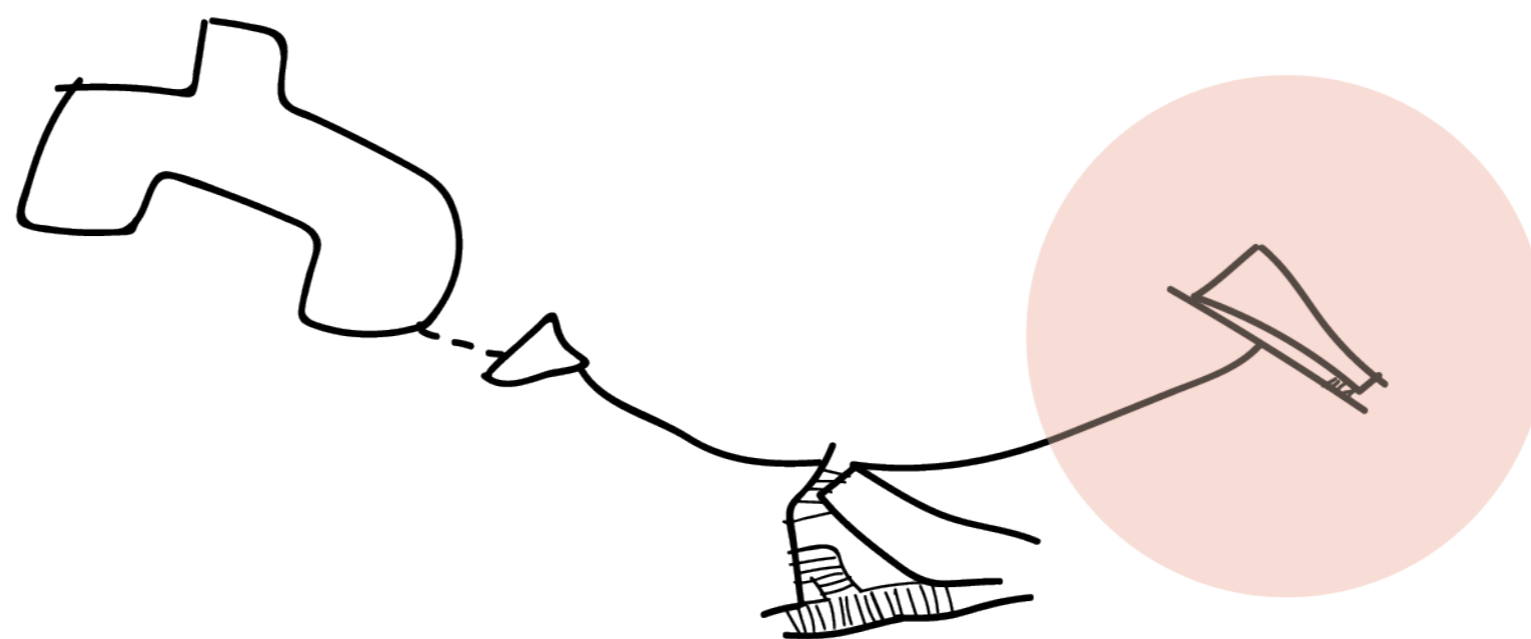
SALMO 91:9

Nem her... tend...

SALMO 91:9

@JAPONESPRET







ESPAÇO ABERTO < LAJE NA HORTA

IMPLANTAÇÃO

Além de ter a mesma proposta da Praça de Recolhimento, a Laje na Horta se torna um espaço livre agradável, um protótipo de como uma laje pode receber essas soluções de maneira que aproveite as qualidades do espaço.



ponto de coleta



Cobertura retrátil de pano
Referência: Temporary Tiger - Sala de aula
em tempos de COVID. Fonte: ArchDaily



horta no caixote





BOTA PRA BATER

PEPINO PEQUENO

DE
MARACUJÁ

SÓ COM SOPA DE
CAPIM LIMÃO
COE E
TÁ PRONT

TOME 2 A 3X POR

DIAS PARA

ALIVIA

DO

ABDOMEN

DO

ABDOMEN

DO

ABDOMEN

DO

ABDOMEN

DO

ABDOMEN

DO

ABDOMEN

DO

ABDOMEN

DO

ABDOMEN

DO

ABDOMEN

DO

ABDOMEN

DO

ABDOMEN

DO

ABDOMEN

DO

ABDOMEN

DO

ABDOMEN

DO

ABDOMEN

DO

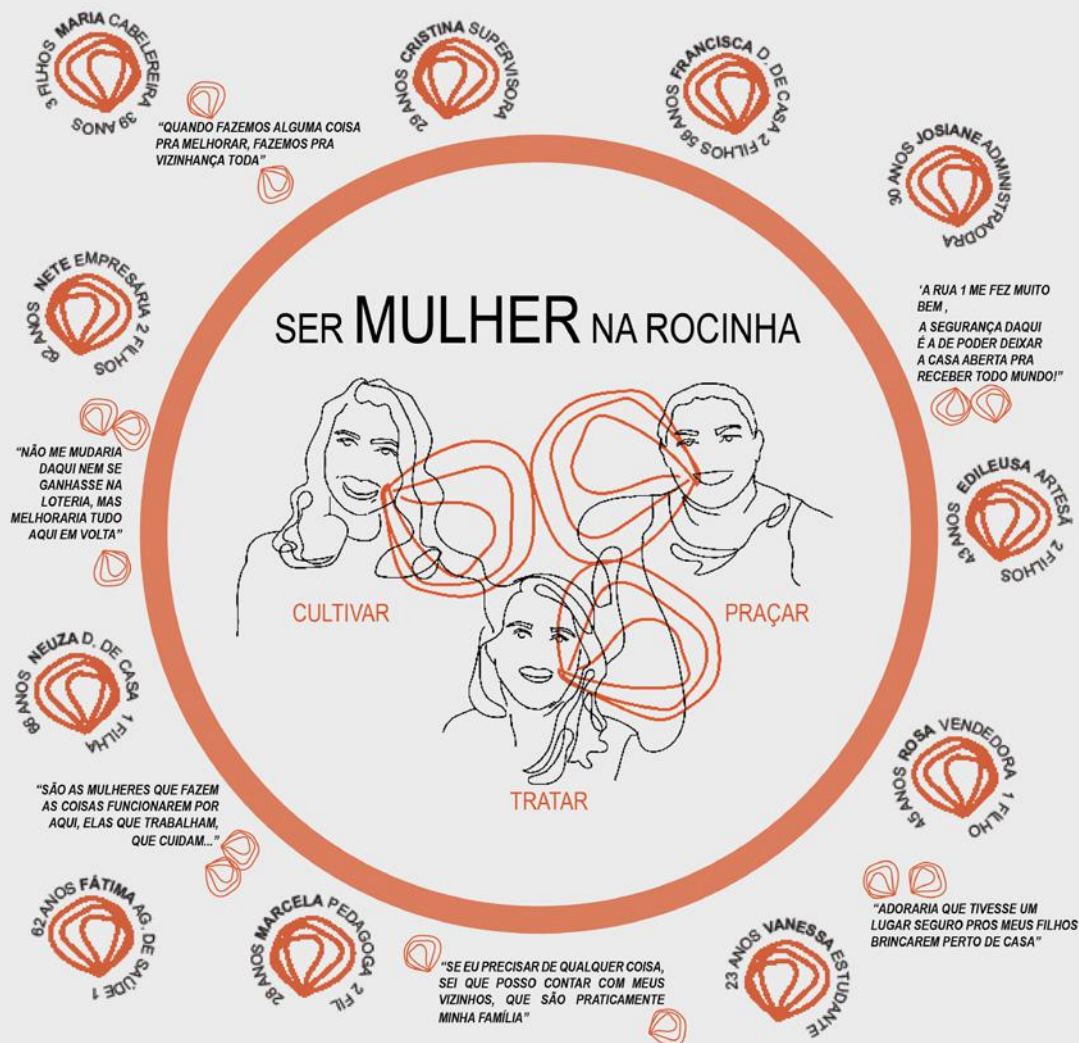
pro
estômago

no sigle da cor
TCHAU DOR
DE CABEÇA
CHEGA DRA

PLASMA DE UPT ADICION
NÃO ESQUEÇA DE LAVAR
TAVEL

SER MULHER NA ROCINHA

CONCLUSÃO



E por fim, o que é então ser mulher na Rocinha...

A pergunta feita para as moradoras era: Como elas se sentiam sendo mulher ali, na Rua 1, perto de casa. E era a pergunta que elas mais tinham dificuldade em responder e eu também em perguntar, porque era um pensamento novo, a maioria delas (senão todas) não tinha se perguntado isso, não era algo que havia sido colocado em palavras antes.

Poder entregar para elas um projeto, um resultado de pesquisa poético, que fala do afeto, da poesia e da cooperação que elas me mostraram é de imensa felicidade. Ainda mais porque esse trabalho passou por diversas vertentes, diversos caminhos com soluções de arquitetura e urbanismo diferentes e nenhuma respondia as questões delas. Porque foi só quando o pensamento de cuidar, tratar e praçar ficaram claros que o projeto começou a nascer.

Portanto, esse Parque de compostagem, essa Praça e essa Laje funcionam juntas e em conjunto com as pequenas intervenções para ajudar a gente a começar a responder o que é ser mulher na Rocinha, que envolve cuidar com muito afeto do lugar onde pertencemos e sempre buscar melhorar com o que temos em mãos, com o que está ao nosso alcance.

O trabalho, assim como a questão que ele aborda, é apenas o começo dessa nova forma de olhar as mulheres, a favela e a cidade. Por isso ele permanece em desenvolvimento constante, e deixa em aberto possibilidades de continuar a desenvolver as ideias criadas aqui, de forma que se possa avançar e aprimorar as arquiteturas propostas.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

BRANDÃO, Mikaella. “Corpos Privados em Existência Pública: Uma leitura feminista sobre o processo urbano”. TFG de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie. Junho, 2019. Disponível em: < https://issuu.com/lelabrandao/docs/corpos_privados_em_existencia_publi> Acesso em: 08/10/2019.

GOUVEIA, Inês. “A Participação das Mulheres na Construção do território, Rocinha e Horto”. Rede de Museologia Social do Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: < <http://rededemuseologiasocialdorj.blogspot.com/2018/03/a-participacao-das-mulheres-na.html>> Acesso em: 10/10/2019.

FALA ROÇA, Jornal. “Comunidade Cidade: tudo o que sabemos sobre a reforma bilionária na Rocinha”. Disponível em: <https://falaroca.com/obras-rocinha/>. Acesso em 16/11/2019.

PATRÍCIO, Nuno. “Contradições da política habitacional Lulista.” Dissertação do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2017

PINHEIRO, Amanda. Reportagem O Globo. “Como é ser mulher na Rocinha? Quatro moradoras contam como é viver na maior favela do país”. 09/07/2019. Disponível em: < <https://oglobo.globo.com/celina/como-ser-mulher-na-rocinha-quatro-moradoras-contam-como-viver-na-maior-favela-do-pais-23791703>> Acesso em: 08/10/2019.

RIBEIRO, Djamila. Lugar de Fala / Djamila Ribeiro. -- São Paulo : Sueli Carneiro ; Pólen, 2019. 112 p. (Feminismos Plurais / coordenação de Djamila Ribeiro)

TAVARES, Rossana. “Indiferença à indiferença: Espaços urbanos de resistência na perspectiva das desigualdades de gênero”. Tese de doutorado de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Julho, 2019.

ZIGONI, Cândida. “Margens, limites e fronteiras: Mulheres e suas guerrilhas urbanas.” TFG 1 de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2015.